

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

Nádia Míkola

**Uma “Medicina Espiritual?” Aproximações entre espiritismo e
homeopatia – 1860-1910.**

Dissertação submetida à
Universidade Federal de Santa
Catarina como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Mestre
em História.

Orientadora: Professora Dra.
Renata Palandri Sigolo Sell.

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mikola, Nadia

Uma "medicina espiritual?" [dissertação] : aproximações
entre espiritismo e homeopatia - 1860-1910. / Nadia Mikola
; orientador, Renata Palandri Sigolo Sell - Florianópolis,
SC, 2012.

199 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. história. 3. espiritismo. 4. homeopatia.
I. Sell, Renata Palandri Sigolo. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História.
III. Título.


**Uma "Medicina Espiritual?" Aproximações entre
espiritismo e homeopatia (1860-1910)**

Nadia Mikola


Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final
para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora


Prof^ª. Dr^ª. Renata Palandri Sigolo Sell (Presidente e Orientadora) –

UFSC


Prof^ª. Dr^ª. Erica Piovam de Ulhoa Cintra – UEM


Prof. Dr. Arthur César Isaia – UFSC

Prof. Dr. Charles Dalcanale Tesser (Suplente da casa) – UFSC


Prof^ª. Dr^ª. Eunice Suell Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 28 de agosto de 2012.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecimentos a muitas pessoas que me acompanharam ao longo de minha caminhada dissertativa. Início agradecendo a minha orientadora e a quem também considero amiga, professora Renata Palandri Sigolo, pela atenção, confiança e apoio de sempre.

Agradeço ainda aos professores Artur César Isaia e Charles Tesser, que teceram considerações importantes já em minha banca de qualificação e na posterior defesa.

Às instituições que me prestaram auxílio na busca das minhas fontes, disponibilizando-as entre elas: Biblioteca Pública de Santa Catarina; Biblioteca Universitária/UFSC; Fundação Biblioteca Nacional, Casa de Rui Barbosa; Instituto Hahnemanniano do Brasil; Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura por disponibilizar os microfilmes do Jornal do Commercio e à Biblioteca do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo.

Ainda ao Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, e ao CNPq e CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

Aos colegas do curso de Mestrado pelas trocas de ideias, desabafos e incentivo.

E, finalmente, agradeço aos meus familiares e amigos, sobretudo pela paciência e apoio incondicional, nos momentos em que precisei me isolar, recusar convites de convívio social e familiar para dar conta de minhas obrigações acadêmicas. Obrigada mãe, que por mais de dois anos disse “depois falamos melhor, vou deixá-la estudar”; obrigada minha querida irmã Luciana, por me ouvir nos momentos em que quis jogar tudo para o ar; obrigada pai, que mesmo longe me apoiou e obrigada meu querido Paulo, por tudo, por ter seguido junto comigo nesta minha escolha, por ter me apoiado, entendido e motivado, te amo!

Enfim, obrigada a todos, os do mundo visível e invisível que contribuíram para eu chegar até aqui.

RESUMO

A propagação da homeopatia no Brasil enfrentou muitos obstáculos e sua trajetória foi e continua sendo marcada por constantes tentativas de legitimação. No momento de sua inserção no cenário brasileiro, em 1840, a homeopatia sofreu inúmeras críticas da medicina oficial que, por medo de perder seu poderio, marginalizava a mesma através de seu racionalismo científico, enfatizando um caráter obscuro e místico na medicina de Hahnemann. A homeopatia então buscou aliados, primeiro no catolicismo, e após 1860, no espiritismo. Tal aproximação se deu, sobretudo devido ao conceito de força vital sugerido por Hahnemann e o de fluido vital sugerido por Allan Kardec, codificador da doutrina espírita. Pretende-se então entender esta relação existente entre homeopatia e espiritismo no século XIX.

Palavras-chave: homeopatia, espiritismo, século XIX

ABSTRACT

The spread of homeopathy in Brazil faced many obstacles and his career was and is marked by constant attempts to legitimize. At the time of its insertion in the Brazilian scene in 1840, homeopathy has suffered numerous medical reviews officer who, for fear of losing their power, marginalizing it through his scientific rationalism, emphasizing a dark and mystical character in medicine from Hahnemann. Homeopathy then sought out allies, first in Catholicism, and after 1860, in Spiritualism. Such an approach was made, mainly due to the concept of vital force by Hahnemann and suggested the lifeblood suggested by Allan Kardec, codifier of Spiritism. The aim is then to understand this relationship between homeopathy and spiritualism in the nineteenth century.

Keywords: homeopathy, spiritualism, the nineteenth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO I: Homeopatia: fundamentos e inserção no Brasil do século XIX.

1.1 <i>As formas de curar e a trajetória da Medicina no Brasil do século XIX.....</i>	23
1.2 <i>Homeopatia: a terapêutica da força vital.....</i>	37
1.3 <i>O surgimento da Homeopatia no Brasil.....</i>	46

CAPÍTULO II: Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião – História e expansão no Rio de Janeiro do XIX.

2.1 <i>Antecedentes do Espiritismo: Mesmer e o fluido vital.....</i>	69
2.2 <i>Breve biografia de Allan Kardec.....</i>	76
2.3 <i>Relação entre Espiritismo e Magnetismo.....</i>	83
2.4 <i>Espiritismo no Brasil: divulgação e dispersão.....</i>	87
2.5 <i>O Espiritismo sob a óptica de alguns intelectuais oitocentistas.....</i>	98
2.5.1 <i>Machado de Assis e sua interpretação a respeito do Espiritismo.....</i>	99
2.5.2 <i>João do Rio e sua posição referente ao espiritismo.....</i>	113
2.5.3 <i>Francisco Menezes Dias da Cruz.....</i>	117
2.5.4 <i>Bezerra de Menezes, o Allan Kardec brasileiro.....</i>	122

CAPÍTULO III: *Homeopatia, uma medicina espiritual?*

<i>3.1 Aproximações entre conceitos homeopáticos e espíritas a respeito de saúde, doença e cura.</i>	137
--	-----

<i>3.2 Os espíritas e seu entendimento sobre Hahnemann e sua missão.</i>	147
--	-----

<i>3.3 Médiums Receitistas: A homeopatia aplicada na FEB no Rio de Janeiro do século XIX e início do XX.</i>	160
--	-----

CONSIDERAÇÕES

FINAIS	187
---------------	-----

BIBLIOGRAFIA	191
---------------------	-----

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, Uma “Medicina Espiritual”? Aproximações entre espiritismo e homeopatia – 1860-1910 busca perceber qual a relação existente entre a doutrina espírita e a prática homeopática que, durante muito tempo no Brasil estiveram bastante vinculadas, parecendo difícil pensar em uma prática separada da outra.

A busca do homem pela cura de suas moléstias sempre foi uma constante na história. Sendo assim, fica fácil entender que o conceito de medicina vem sofrendo modificações consideráveis ao longo dos séculos. O mesmo ocorre com a prática médica que, em diferentes momentos, teve de se adaptar às exigências de novas doenças e novas formas de interpretá-las. No desenrolar do século XIX o saber sobre a cura cada vez mais foi se concentrando nas mãos dos médicos, tornando-os figuras muito importantes na vida das pessoas.

As interpretações sobre a cura, a metodologia e tecnologia das práticas médicas estão inseridas nos contextos de suas épocas. No momento em que a influência religiosa perdeu terreno para o cientificismo surgiu a biomedicina, que vê o organismo humano de uma forma materialista e mecanicista. É sobre essa medicina que a homeopatia se contrapunha, tratando o organismo de forma vitalista, ou seja, acreditava que a doença era provocada por uma desordem na energia vital das pessoas. Elaborada pelo médico alemão Cristian Friedrich Samuel Hahnemann no século XIX, a homeopatia acredita que essa desordem se manifesta de forma diferente em cada doente, portanto deve ser tratada de forma individualizada.

Hahnemann, alemão de nascimento, viveu de 1755 a 1843. Filho de um operário luterano, pobre, sustentou seus estudos de medicina com a tradução de textos franceses, ingleses e italianos para o alemão, aproveitando seu pendor para as línguas, tendo se doutorado aos 24 anos em 1779 pela Universidade de Erlangen.

A medicina de Hahnemann estrutura sua terapêutica no enunciado *Similia Similibus Curantur* proposto por Hipócrates¹, este enunciado explica que os semelhantes são curados através dos semelhantes. Portanto as substâncias curam os mesmos sintomas que produziram ao serem experimentadas em um homem são.

¹ Hipócrates, (460 a.C – 377 a.C), considerado o “pai da medicina” foi o autor da “teoria dos quatro humores”. Para ele, a doença e a saúde estão relacionadas ao equilíbrio ou não entre a bílis negra, a bílis amarela, a fleuma e o sangue.

Na teoria homeopática, a cura ocorre através da reação da força vital ao medicamento aplicado. É partindo deste princípio, que a homeopatia pregava o mínimo enfraquecimento do doente, o que explica a não aceitação de muitos meios utilizados pela medicina tradicional.

O fundador da doutrina homeopática teve inúmeros seguidores que se espalhavam por distintas cidades e países. Os ensinamentos de Hahnemann também chegaram ao Brasil, a partir de 1840, através de um discípulo seu: Benoit Müre.

A homeopatia, por ser uma prática de cura que surge no Brasil com uma proposta diferente da que era apresentada pela alopatia, além de ser concorrente a esta última, precisou buscar espaço para sua inserção e, sobretudo, legitimação. Precisava ser aceita, fazer sua propaganda. O melhor meio encontrado pelos homeopatas para favorecer esta inserção e legitimação deu-se através do discurso homeopático de cura. Tínhamos então o discurso homeopático contrapondo-se ao discurso alopático, além de disputas existentes no próprio cerne da homeopatia.

Os médicos homeopatas tiveram o cuidado em registrar a história da doutrina, através de artigos publicados nos principais periódicos especializados. Uma das primeiras obras sobre o assunto foi a tese escrita por um médico homeopata, Dr. José Emygdio Rodrigues Galhardo, *Historia da Homeopathia no Brasil*, apresentada no Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia em 1928. Galhardo apresentava assim um discurso muito favorável à homeopatia ao exaltar as conversões realizadas de médicos, ilustres alopatas, para a nova doutrina, assim como ao divulgar variadas curas realizadas pelos seguidores da homeopatia.

As ciências humanas e sociais se interessaram pela temática da história da homeopatia. Entre eles podemos citar Ricardo Lafetá Novaes que publicou sua tese de doutoramento em medicina preventiva intitulada *O Tempo e a Ordem: sobre a homeopatia*. Novaes analisa a homeopatia não como uma teoria, mas como doutrina. O autor optou por explicar o surgimento da medicina desde a Antiguidade até o século XIX. Descrevendo a vida de Hahnemann, sua teoria e doutrina, seus seguidores e opositores, finalizando com a análise da medicina homeopática no Brasil, desde sua implantação no país até sua situação atual.

Outra pesquisadora que também se dedicou a esta temática foi Madel T. Luz. A socióloga procurou analisar as estratégias de legitimação dos homeopatas, assim como perceber a reação da medicina

tradicional a este movimento. Em sua obra: *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças*, a autora buscou construir uma história social da homeopatia, desde sua inserção no Brasil em 1840 através do médico francês Benoit Müre até a década de 1990.

Também abordando a temática da homeopatia, porém na área da história, tem-se a tese de doutorado da pesquisadora Renata Palandri Sigolo Sell intitulada: *Em busca da sciencia medica: a medicina homeopática no início do século XX*. O objetivo de seu trabalho é acompanhar as estratégias de legitimação da medicina homeopática nos primeiros anos do século XX, através do discurso dos membros do Instituto Hahnemannino do Brasil, em especial através do discurso do Dr. Nilo Cairo, médico paranaense e ferrenho propagandista da medicina homeopática.

A percepção sobre as representações sociais é uma análise importante para o presente trabalho. Essa relação encontra-se na característica que as mesmas têm de difundir socialmente as concepções de um grupo social, no caso, os médicos homeopatas, relacionada a uma nova forma de cura divergente da até então conhecida alopatia. Herzlich² afirma que atualmente, a sociedade tem um discurso em que a saúde ocupa um lugar central. Esta importância relacionada à saúde estaria ligada à intervenção médica e higiênica. A partir de então uma nova “norma” teria surgido, a do “dever de saúde”, ou, se encontrarmos doentes, do “dever de cura”, ou seja, o dever de consultar um médico.

Aos poucos, saúde e doença tornaram-se objeto de debates e de movimentos coletivos. Estes debates ou mesmo práticas, buscavam reconhecer a existência de um pensamento diferente do discurso médico. A partir da década de 80 do século XX, deu-se ênfase assim a práticas de cura como, por exemplo: a homeopatia, a acupuntura, e grupos de autoajuda.

Quanto à relação pesquisada entre homeopatia e espiritismo, esta é percebida tão logo o espiritismo se estabelece no Brasil, isto em 1860. Assim que chegou a este país, na década de 1840, a homeopatia já sofreu influências religiosas, primeiro do catolicismo, revelada, por exemplo, no discurso dos divulgadores da doutrina, que a encaravam como missão:

² Claudine. **Représentations sociales de la santé et de la maladie et leur dynamique dans le champ social**, p.6.. In: DOISE, W.; PALMONARI, A. (org). *L'Étude des Représentations Sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. p.156-170.

(...) o ‘Hymno á Homeopatia’, que descreve a medicina hahnemanniana como sciencia divina vinda dos céus; a profissão de fé feita pelos formandos da Escola Homeopática em 1857, onde juravam em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; e ainda, o símbolo do Instituto Hahnemanniano do Brasil, mantido até os dias de hoje, onde se pode ver um cacique sobre uma região da terra, que representa o Brasil, empunhando uma cruz, symbolo da fé propagada em todo o território brasileiro, e, finalmente, a aguia de Hahnemann dilacerando a serpente de Galeno³.

Já a influência do espiritismo na doutrina homeopática deu-se, sobretudo após 1860, com a aproximação das filosofias de Hahnemann e Kardec.

Hippolyte Leon Denizart Rivail, cujo pseudônimo fora Allan Kardec, nasceu em Lyon, na França, em 3 de outubro de 1804. Formou-se como pedagogo em Yverdum, na Suíça, junto a Jean-Henri Pestalozzi, educador liberal de grande prestígio. Retorna para França, por volta de 1822 radicando-se em Paris, onde escreve uma série de manuais de instrução acadêmica, trabalhando como tradutor e professor⁴.

Foi em maio de 1855, na casa de Madame Plainemaison que Allan Kardec teve seu primeiro contato com o “fenômeno das mesas girantes”⁵. A princípio Kardec não teria se convencido muito de tais fenômenos, porém foi aconselhado a continuar, recebendo dos Srs. Carlotti, René Taillandier, Thiedman-Mantêse Sardau e o editor Didier, 50 cadernos de comunicações recebidas em cinco anos. Desta forma

³ SIGOLO, Renata Palandri. *Em Busca da “Sciencia Medica”*: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: Tese de Doutorado – UFPR, 1999. p.47.

⁴ Idem, p.57.

⁵ Os participantes colocam-se ao redor de uma mesa, em cima da qual colocavam suas mãos. A mesa levantando um de seus pés, enquanto se recitava o alfabeto, dava uma pancada toda vez que fosse falada a letra, que servisse ao espírito, a fim de formar as palavras. Aos poucos este processo foi sofrendo variações. AMORIM, Pedro Paulo. **Roustaing**: a cisão no interior da Federação Espírita Brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC, 2008, p.5.

Kardec construiu seu método experimental e continuou seus estudos sobre o fenômeno. As sessões então passaram a ter um objetivo determinado e o pedagogo francês propunha aos “espíritos” perguntas, que versavam sobre Filosofia, Psicologia e natureza do mundo invisível⁶. Posteriormente tal estudo veio a formar O Livro dos Espíritos, publicado em 1857.

Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec após iniciar seus estudos sobre o espiritismo, sobretudo por ser um intelectual reconhecido, e não desejar que isto influenciasse a aceitação ou não de sua teoria. Afirma-se ainda que um espírito teria informado a Rivail que ele tivera o nome de Allan Kardec em outra encarnação, quando vivera entre os druidas na Gália⁷.

Após O Livro dos Espíritos sobrevieram mais O Livro dos Médiuns, publicado em 1861; O Evangelho segundo o Espiritismo em 1864; O Céu e o Inferno, em 1865; A Gênese em 1868; além de A Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal que começou a circular na França em 1º de janeiro de 1858. Kardec faleceu em 31 de março de 1869, devido a um aneurisma cerebral.

Segundo Giumbelli⁸, o espiritismo é introduzido no Brasil em um momento em que várias outras correntes de ideias, originárias da Europa, invadem a intelectualidade nacional. Para o autor, por volta de 1870, três vertentes dominariam o panorama intelectual: uma ‘cientificista’, fascinada com a leitura de manuais de positivismo, evolucionismo e darwinismo social, outra ‘liberal’, associada à afirmação do princípio da liberdade humana e das bandeiras políticas do republicanismo e do abolicionismo; e outra ‘conservadora’, dominada fundamentalmente pelo pensamento católico.

Devido ao estreito contato do Brasil com a França, para onde ia parte da elite brasileira, isso favoreceu a importação das ideias correntes no “Velho Continente”, dentre elas encontrava-se o espiritismo de Kardec.

Dentre os introdutores do espiritismo no Brasil destacam-se Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert e Madame Collard. Casimir Lieutaud, fora diretor do Colégio Francês, estabelecimento de ensino

⁶ JORGE, José. **Allan Kardec: Esboço Biográfico**. Distribuição realizada pela: Juventude Espírita Bezerra de Menezes. Órgão do Centro Espírita Allan Kardec.

⁷ Idem.

⁸ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.60.

dos mais conceituados na Corte. Foi Lieutaud quem publicou o primeiro livro de divulgação da nova doutrina, impresso no Rio de Janeiro, em 1860: “Les Temps sont Arrivés”. Adolphe Hubert era diretor do *Courrier du Brésil*, cuja redação era um local de encontro da colônia francesa e de discussões sobre os mais variados temas. Madame Perret Collard revelou-se uma médium psicógrafa, figura indispensável às sessões espíritas⁹.

Foi na Bahia, porém, que o espiritismo teria se estabelecido de forma mais firme e organizada. Lá se formou o primeiro centro espírita de que se tem notícia, o Grupo Familiar do Espiritismo, fundado em 17 de setembro de 1865, sob a direção do Dr. Luís Olímpio Teles de Menezes¹⁰.

Na Corte, Quintino Bocaiúva foi também personagem importante para a divulgação do espiritismo. Maçom e republicano, foi redator-chefe e depois diretor do *Diário do Rio de Janeiro*, colaborou em diversos periódicos. Por volta de 1880 assumiu o cargo de redator-chefe de *O Paiz*, o que possibilitou ao Dr. Bezerra de Menezes, médico, político e importante propagandista espírita, o acesso às colunas do periódico. De 1887 a 1894, sob o pseudônimo de Max, Bezerra de Menezes escreveu para *O Paiz* uma coluna denominada *Espiritismo Estudos Filosóficos*, da maior importância para a propagação da doutrina¹¹.

O fato que mais nos interessa é perceber que muitos médicos se voltaram ao espiritismo, sobretudo médicos homeopatas. Uma possível explicação para tal fenômeno deve-se à doutrina espírita ser, naquele momento, uma doutrina elitizada, pois era uma religião pautada no livro, e somente uma pequena parte da população em meados do período imperial era letrada, e, parte menor ainda detinha a possibilidade de ler em francês, idioma no qual se encontravam muitas obras espíritas. Já a “conversão” dos homeopatas ao espiritismo pode estar atrelada às

⁹ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.65.

¹⁰ Teles de Menezes era professor e jornalista, e além de ser o articulador do primeiro grupo de estudos espíritas formado no Brasil, foi quem traduziu o primeiro livro espírita a ser impresso no país e quem fundou o primeiro jornal que, apropriadamente, denominou de *O Eco d’ Além Túmulo*. Em torno dele formou-se um círculo seleto da sociedade baiana. p.66.

¹¹ Idem, p.71-72.

semelhanças do conceito entre força vital sugerido por Hahnemann e de fluido vital sugerido por Allan Kardec, codificador da doutrina espírita.

Desta forma, muitos médicos, então espíritas, seguindo aos ensinamentos dos espíritos buscavam pautar-se na caridade, o que resultava na prática gratuita da homeopatia. Em muitos centros espíritas eram receitados medicamentos homeopáticos. O problema estava no fato de que nem sempre eram os homeopatas quem receitavam tais medicamentos, mas “médiuns receitistas”, pessoas mediunizadas ou inspiradas por homeopatas já falecidos.

Acontece, porém, que com o início da República e a perseguição mais intensa aos chamados “charlatães” a parceria centro espírita - homeopatia começa a ficar mais criteriosa, devido ao fato de que em 1890, o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 158 estabelecer a prática ilegal da medicina um crime.

Em sua busca por legitimação, a homeopatia procurou demonstrar um caráter científico em sua doutrina, e no início do século XX, sinônimo de discurso científico era discurso positivista. Ao estabelecer um discurso científico da doutrina homeopática, esta passou a defender seu uso por grupos especializados, opondo-se ao fato de leigos a aplicarem. De acordo com esta nova postura, os homeopatas agora também iam contra a prática homeopática nos centros espíritas. Apesar desta nova intenção de conduta, é interessante perceber que em muitos centros espíritas continuou-se a receitar medicamentos homeopáticos, especialmente via médiuns receitistas.

Desta forma, tais questões levantadas e outras ainda buscarão serem analisadas no presente trabalho, que será dividido em três partes. No primeiro capítulo intitulado: Homeopatia: Fundamentos e Inserção no Brasil pretende-se realizar uma análise geral sobre a doutrina homeopática, pensando sua elaboração por Samuel Hahnemann, seus princípios e fundamentos. Para tal, será realizada breve biografia sobre o autor da homeopatia, e quais os prováveis motivos que o levaram a elaborar esta nova prática médica. Neste sentido, entende-se necessário analisar a situação da medicina neste período, com suas formas de curar ainda experimentais, assim como pensar nas possíveis influências de Hahnemann, tais quais Hipócrates e Paracelso.

Para esta primeira parte do trabalho, será utilizada como fonte a obra de Hahnemann: *Organon da Arte de curar* ou *Exposição da doutrina médica homeopática*, além de bibliografias como: Ricardo Lafetá Novaes em: *O Tempo e a Ordem: sobre a homeopatia*; Madel T. Luz, em: *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças*; Renata Palandri Sigolo Sell: *Em busca da sciencia medica: a medicina*

homeopática no início do século XX; Marco Bessa: Filosofia da Homeopatia: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann.

Após entender os fundamentos da homeopatia, pretende-se analisar sua expansão, especificamente sua introdução no Brasil, primeiro na Colônia do Saí, em Santa Catarina e posteriormente para a capital do país naquele momento, o Rio de Janeiro. Desta forma, uma análise mais detida sobre Benoît Müre, um dos principais seguidores de Hahnemann é aqui entendida como fundamental. Será, portanto, realizada uma breve biografia a respeito de Müre, buscando analisar como entrou em contato com a doutrina homeopática, além de pensar sua relação com o socialismo utópico, ou foüreísmo, chave fundamental para entender sua vinda para o Brasil, com a finalidade de criar um falanstério. Neste sentido, além de analisarmos biografias sobre Müre, obras como a de Antônio Carlos Güttler. A Colonização do Saí (1842-1844): esperança de falanstérios, expectativa de um governo; Raquel S. Thiago em Fourier: Utopia e Esperança na Península do Saí e Ivone Gallo em sua tese: A aurora do socialismo: Foureismo e o Falanstério do Saí (1839-1850) são entendidas como fundamentais. Neste momento do trabalho, o Jornal do Commercio também será utilizado como fonte a fim de retratar as notícias anunciadas a respeito da chegada de Müre ao Brasil e a instalação da colônia socialista em Santa Catarina, além da importante obra de José Emygdio Rodrigues Galhardo, em Historia da Homeopathia no Brasil: These apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia, 1928.

A ida de Müre para o Rio de Janeiro, e a criação do Instituto Homeopático do Brasil, também serão abordadas na primeira parte do trabalho, assim como os embates entre homeopatas e alopatas e mesmo os embates internos ocorridos, para tal, a análise de artigos publicados no Jornal de Commercio novamente será realizada.

A Imprensa Nacional foi fundada em 1808, no Rio de Janeiro, para divulgar as informações oficiais do Poder Real, e, somente em 1811 abriu espaço para os periódicos de iniciativa privada. A partir daí inúmeros jornais foram criados; enquanto alguns tinham vida breve, outros se firmavam com discursos mais ideológicos que culturais com grande influência no polêmico processo de Independência¹².

¹² FUTATA, Marli Delmônico. In: **O JORNAL DO COMMERCIO E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/cong>

A primeira edição do Jornal do Commercio circulou no dia 1º de outubro de 1827. Seu fundador foi o francês Pierre Plancher, que, antes de chegar ao Brasil, era, em Paris, editor de Voltaire, de Benjamin Constant de Rebecque e de outros destacados intelectuais. Afirma-se que perseguido por suas tendências liberais na época da Restauração, sob Luiz XVIII, teve de emigrar para o Brasil, aqui chegando em 1824¹³.

Plancher trouxe consigo alguns operários especializados e modernos equipamentos, fundando então dois jornais. O primeiro não circulou por muito tempo, somente até 1827, chamava-se *Spectador Brasileiro*, já o outro, denominado *Jornal do Commercio*, circula até os dias atuais.

O *Jornal do Commercio* surgiu tendo como foco apenas as questões voltadas à economia, eis o motivo de seu título. Na primeira página de seu número inaugural seu editor explicou sua orientação editorial.

De hoje por diante continuará-se-há a publicação deste JORNAL DO COMMERCIO. Esta folha exclusivamente dedicada aos senhores Negociantes conterà diariamente tudo o que diz respeito ao Commercio, tanto em Anuncios, como em Preços Correntes exactos de Importação e Exportação, entrada e sahida de Embarcações, etc¹⁴.

Entretanto, Plancher não seguiu sua inclinação inicial, passando logo a abordar questões políticas e sociais, tanto que este periódico é muito utilizado na presente pesquisa por ter sido importante veículo de divulgação e propaganda homeopática. Apesar de ter efetuado críticas ao Imperador D. Pedro I, era considerado um jornal conservador e de direita.

[ressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo05/Marli%20Delmonico%20de%20Araujo%20Futata%20-%20Texto.pdf](http://www.sbh.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo05/Marli%20Delmonico%20de%20Araujo%20Futata%20-%20Texto.pdf), p.4. Acesso em: 25/05/2011.

¹³ Jornal do Commercio. Disponível em:

<http://www.jcom.com.br/pagina/historia/2>. Acesso em: 16/05/2011.

¹⁴ FUTATA, Marli Delmônico. In: **O JORNAL DO COMMERCIO E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.** Disponível em: <http://www.sbh.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo05/Marli%20Delmonico%20de%20Araujo%20Futata%20-%20Texto.pdf>, p.6. Acesso em: 25/05/2011.

O Jornal que pretendia superar o caráter efêmero dos periódicos da época, não só atingiu seu objetivo como desempenhou importante papel na formação e na educação da recente nação, participando da vida política bem como do processo de construção do Estado imperial. Por meio de anúncios que divulgavam desde a moda até a cultura europeia, ditava costumes, hábitos, leituras e posições ideológicas. Assim, o Jornal do Commercio, ora defendendo, ora criticando o governo, teve influente participação na formação do povo brasileiro¹⁵.

Além disso, para entender o universo de cura naquele momento no Brasil, tem-se ainda: Eduardo Campos Coelho. *As profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*; Lilia Moritz Schwarcz: *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930* e Tânia Salgado Pimenta, em: *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828-1855)*.

Na segunda parte do trabalho, intitulada: *Espiritismo: Religião, Filosofia e Ciência – História e expansão no Rio de Janeiro do XIX* será analisada a história do espiritismo, desde sua codificação por Allan Kardec na França, seus princípios, filosofia e propagação, até sua expansão para o Brasil ainda no século XIX. Deseja-se entender como tal doutrina encontrou adeptos no Brasil, percebendo quem eram essas pessoas, e como foi sua recepção em um espaço declaradamente católico. Quais foram os primeiros grupos espíritas a serem formados; como se organizavam e por que principalmente a elite carioca se interessava por esta doutrina são algumas das questões que se pretende responder.

A fim de tornar possível esta explanação, obras como as de Sylvia F. Damazio *Da elite ao povo. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*; José Jorge, em *Allan Kardec: Esboço Biográfico*; Emerson Giumbelli, *O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*; Ubiratan Machado, *Os intelectuais e o Espiritismo*; Célia Arribas *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina*

¹⁵ Idem, p.7-8.

espírita na formação da diversidade religiosa brasileira; além da obra Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, considerada pelos espíritas de autoria do espírito Humberto de Campos e psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier,

Outras fontes a serem utilizadas são a Revista Espírita, que circulou entre os anos de 1875 e 1876; a revista O Reformador, editada pela Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1883 e que circula até os dias de hoje.

Bezerra de Menezes durante um bom período assinava semanalmente aos domingos uma coluna no jornal O Paiz, sob o pseudônimo de Max. Tal jornal também será alvo de pesquisa.

Já no terceiro e último capítulo, intitulado: Homeopatia, uma medicina espiritual? pretende-se analisar a relação existente entre a homeopatia e o espiritismo no Rio de Janeiro do XIX e início do XX. Buscar-se-á entender por que muitos espíritas percebiam a doutrina homeopática como algo espiritual, uma ciência religiosa, aplicando, portanto tal medicina em vários centros espíritas, porém de forma mediunizada, ou seja, através de médiuns que afirmavam receber a receita de médicos já desencarnados. Deseja-se, então perceber esta relação compreendendo o período entre 1860, momento em que o espiritismo chega ao Brasil, passando por 1890, momento em que se tem a determinação do Código Penal proibindo as práticas mediúnicas da homeopatia, ou seja, denominando charlatanismo qualquer forma de cura que não fosse realizada por médicos, e avançando nos primeiros anos da República, com a finalidade de perceber que mesmo após o Código Penal tal prática continuava a existir.

Como apoio para este capítulo, algumas das obras a serem analisadas são: Lauro S. Thiago, Homeopatia e Espiritismo; Hermínio C. Miranda. Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual; Cláudio Bertolli Filho, A doutrina homeopática no Brasil: os anos 30; Zeus Wantuil, Grandes espíritas do Brasil; Sylvio Brito Soares, Vida e obra de Bezerra de Menezes; Francisco Aquarone, Bezerra de Menezes, o médico dos pobres; além das obras básicas do espiritismo organizadas por Allan Kardec, como: O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho Segundo o Espiritismo; assim como a obra também de Kardec intitulada: O que é espiritismo são algumas das obras a serem analisadas para este terceiro capítulo.

Desta forma, o objetivo maior deste trabalho é apresentar a visão espírita sobre a homeopatia, percebendo as aproximações conceituais e filosóficas entre estas duas doutrinas. Deseja-se entender qual o significado da homeopatia para os espíritas no período abordado,

por que de seu uso na Federação Espírita Brasileira e se esta associação não seria uma maneira de propagação da doutrina espírita. Essas são algumas questões que se pretende responder no decorrer deste trabalho.

Capítulo I: Homeopatia: fundamentos e inserção no Brasil do século XIX.

1.1 As formas de curar e a trajetória da Medicina no Brasil do século XIX

Para que se possa compreender como a homeopatia obteve espaço no campo terapêutico da sociedade brasileira do século XIX, se percebe fundamental entender um pouco a respeito da história da medicina no Brasil deste período, especificamente do Rio de Janeiro, cenário de grandes embates terapêuticos e peça fundamental para a formação deste enredo.

A partir da chegada da família real no Brasil, em 1808, importantes medidas foram adotadas, tanto econômicas quanto sociais e culturais. Foram criadas a Imprensa Régia, a Biblioteca Nacional, os primeiros periódicos e as instituições de ensino superior. Foram iniciados cursos de cirurgia em hospitais militares e criadas as Faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Devido à institucionalização do ensino da prática médica, foi se formando um corpo de terapeutas que, com o objetivo de adquirir reconhecimento e prestígio, opunha-se cada vez mais aos ditos terapeutas populares, trazendo para si a legitimidade do saber médico, do ofício de curar.

Mas nem sempre o saber médico foi concentrado nas mãos de um grupo seletivo, durante séculos, a arte de curar esteve a cargo de inúmeros e distintos terapeutas populares, tais quais, sangradores, barbeiros-cirurgiões, pajés, curandeiros, parteiras entre outros. O interessante é perceber que muitos destes terapeutas eram reconhecidos legalmente, no momento da existência da Fisicatura, órgão oficial que fiscalizava e regulamentava as profissões ligadas às práticas de cura.

A Fisicatura foi criada em Portugal, em 1521, e possuía delegados em suas colônias. Tal instituição foi trazida para o Brasil em 1808, com a vinda da corte portuguesa, e foi extinta por volta de 1828, após a criação das Escolas de Medicina em Salvador - BA e no Rio de Janeiro - RJ. A Fisicatura expedia Licenças e Cartas, que davam autorização para as pessoas exercerem atividades de Boticário (os farmacêuticos do período), Cirurgião, Sangrador, Parteira e Curandeiro. Desta forma os licenciados tornavam-se autorizados a curar pela medicina prática¹⁶.

¹⁶SALGADO, T. S. Barbeiros – **Sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)**. História, Ciências, Saúde.Manguinhos, vol.2:349-72, jul-

(...) Consta que, sob influência do cirurgião-mor do Reino, Dr. José Correia Picanço, D. João VI assina a carta régia de 18 de fevereiro de 1808 criando a Escola de Cirurgia, inicialmente composta de duas disciplinas – Cirurgia Especulativa e Prática e Anatomia e Operações Cirúrgicas – que deveriam ser ministradas no Hospital Militar de Salvador. (...) O curso por oito anos permaneceu basicamente com sua estrutura inicial, tendo sido transferido em 1816 para a Santa Casa de Misericórdia, ampliado e transformado em Academia Médico-Cirúrgica da Bahia, através de carta régia de 29 de dezembro de 1815¹⁷.

Em 1810, foi instituído o Regimento do Físico-mor, que orientava os seus representantes no exercício de suas funções. Havia uma divisão de responsabilidades entre as práticas médicas relativas à prescrição e à fabricação de remédios, que eram da alçada do físico-mor, e as práticas médicas relacionadas às intervenções cirúrgicas, que eram da responsabilidade do cirurgião-mor¹⁸.

Até as primeiras décadas do século XIX o exercício da medicina era facultado somente a físicos e cirurgiões portadores de um atestado de habilitação e licenciados pelo cirurgião-mor do Reino, conforme preconizava o regulamento de 23 de maio de 1800. Sua atuação estava restrita à realização de sangrias, à aplicação de ventosas, à cura de feridas e fraturas, sendo-lhes vetada a administração de remédios internos, que era privilégio dos médicos formados em Coimbra¹⁹.

out.1998.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 10/04/2011.

¹⁷ NOVAES, Ricardo Lafetá. O tempo e a ordem sobre Homeopatia. São Paulo: Cortez, 1989, p.215.

¹⁸ SALGADO, T. S. Barbeiros – **Sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)**. História, Ciências, Saúde.Manguinhos, vol.2:349-72,jul-

out.1998.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 10/04/2011.

¹⁹ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. **A Saúde Pública no Rio de Janeiro Imperial**. In: PORTO, Angela (org). História da saúde no Rio de Janeiro:

Pimenta²⁰ observa que existia uma hierarquia de práticas de cura instituída pela Fisicatura-mor. A posição mais conceituada era a dos médicos, já os curandeiros ocupavam a menos valorizada, desta forma, escravos, forros, mulheres e membros de classes sociais menos abastadas desenvolviam atividades menos prestigiadas, porém não de menor importância, como sangradores, parteiras ou curandeiros. A hierarquia adotada pela instituição reafirmava o lugar de cada um, confirmando a posição que tinham na sociedade. Mesmo sem serem detentores de prestígio acadêmico, durante o período de atuação da Fisicatura no Brasil, os terapeutas populares foram reconhecidos como possuidores de um saber legítimo e autorizados a exercer suas atividades.

A medicina popular abordada aqui se diferenciava da medicina acadêmica primeiramente pela classe social dos que a praticavam e que dela se valiam. As práticas de cura populares eram exercidas por escravos, forros e livres pobres; já os que praticavam a medicina acadêmica eram, em geral, pessoas de posição econômica privilegiada. Mas a relação entre essas medicinas não se fazia apenas de imposição, por um lado, e resistência, por outro. Alguns medicamentos preconizados pelos médicos acadêmicos podiam ser utilizados pelos praticantes da medicina popular, e, certamente, o oposto também ocorria²¹. Além disso, um fator bastante recorrente na historiografia a respeito do tema refere-se a muitas pessoas de classes abastadas utilizarem tratamentos aplicados pela medicina popular, prescritos por quem pertencia aos setores desfavorecidos da população, e isso não se dava apenas pela falta de médicos, mas por efeito da reconhecida competência dos terapeutas populares.

Os caminhos procurados pelos necessitados de apoio, nos momentos delicados da doença, não se processavam unicamente pautados na crença no pensamento racional. Boa parte da população aceitava e procurava modalidades de cura que

instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). / organizado por Ângela Porto, Gisele Sanglard, Maria Rachel Fróes da Fonseca, et al. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.p.37.

²⁰SALGADO, T. S. Barbeiros – **Sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 2: 349-72, jul-out. 1998.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 10/04/2011.

²¹ Idem.

desafiavam os conhecimentos acadêmicos e o ideal positivo de valor da ciência. A busca de soluções para os problemas de saúde, nos casos das práticas populares, dispensam a presença do Estado. Não é uma posição deliberada de enfrentamento, há uma descrença no que é apresentado como oficial. (...) Essa atitude não se relaciona de forma direta com a posição social do paciente. Alguns, ainda que desejassem, não tinham a opção de recorrer ao médico: impossibilidade financeira, inexistência de médicos na região, receio de experimentar o novo. Mas mesmo aqueles que tinham por hábito procurar o médico e pagar os seus honorários, também procuravam outras formas de cura: procuravam o curandeiro, seguiam as receitas caseiras tradicionais, reforçavam o medicamento com simpatias e outros rituais²².

A primeira imposição que se fazia aos que oficializavam suas práticas sob a denominação de curandeiro era usar ervas do país, conforme o regimento de 1810 da Fisicatura²³.

Além de estarem relacionados com o maior conhecimento que teriam de medicamentos baseados na flora nativa, os curandeiros muitas vezes associavam suas crenças religiosas, aos seus tratamentos de cura.

A capacidade de alguns curandeiros de curar enfermidades causadas por elementos sobrenaturais não é mencionada pela Fisicatura-mor, mais é legítimo supor tenha sido este um aspecto muito importante nas práticas populares de cura. Então muito provavelmente também no Brasil, os curandeiros — especialidade exercida por elementos originários dos setores mais populares da sociedade — cultivavam concepções semelhantes de doença e cura, segundo as quais eram necessários

²² FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar:** cirurgões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. UFF 2002, p.233.

²³ Alvará de Regimento de 23 de janeiro de 1810. Códice 528, vol.1, AN. Opcit Pimenta, Tânia Salgado. **Artes de Curar:** um estudo a partir da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX. UNICAMP, 1997, p.23. (Dissertação de Mestrado).

conhecimentos sobre rituais e sobre o uso de plantas medicinais que pudessem combater as causas sobrenaturais²⁴.

Também partindo desta percepção, Gabriela Sampaio²⁵ em interessantíssimo artigo, analisa, a partir de jornais e processos, a polêmica sobre o caso Juca Rosa, negro, nascido no Rio de Janeiro em 1833 e que liderava uma misteriosa seita havia alguns anos, contando com diversos adeptos: negros, trabalhadores, pobres, ricos, políticos, membros das classes dominantes e letradas assim como muitas mulheres, inclusive brancas. Em tal seita, eram promovidas práticas de cura, além de “trabalhos” para se alcançar um amor desejado. Outro ponto observado era o envolvimento sexual existente entre as mulheres seguidoras de tal seita com seu líder, Juca Rosa.

A análise do caso Juca Rosa revela questões importantes daquele conturbado momento político, quando estavam em jogo transformações profundas dos rumos que se dariam à nação, debatidas nas polêmicas que culminariam na Lei do Ventre Livre. A autora utiliza ainda este caso como porta de entrada para entender algumas relações de diferentes grupos sociais com o mundo da crença e da cura nas últimas décadas do XIX.

Para Soares²⁶, no Rio de Janeiro oitocentista, a crença na origem sobre-humana das enfermidades e no poder da fé para afastá-las era tão abrangente que a primeira recomendação expressa da Fisicatura-Mor ao cirurgião Fideles José Alves, aprovado para o exercício da medicina prática no Rio de Janeiro em 1818, era não deixar falecer enfermo algum sem sacramentos. A doença era considerada fruto do

²⁴ Pimenta, Tânia Salgado. **Artes de Curar**: um estudo a partir da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX. UNICAMP, 1997, p.134. (Dissertação de Mestrado).

²⁵ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Tenebrosos Mistérios**: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney, et al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

²⁶ SOARES, M. de S.: ‘**Médicos e mezinheiros na Corte Imperial**: uma herança colonial’. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(2): 407-38, jul.-ago. 2001. In: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>
Acesso em: 15/11/2010.

pecado ou das artimanhas do demônio, desta forma, a cura dependia da vontade divina, e não dos remédios. Percebe-se então, uma influência clara do catolicismo sobre a medicina tradicional.

Com a lei de 30 de agosto de 1828, que extinguiu as funções de provedor-mor e os cargos de físico-mor e cirurgião-mor do Império, foram definidas atribuições para as câmaras municipais, a partir de então responsáveis pelos serviços de higiene e saúde pública, que até aquele momento haviam sido de responsabilidade da Fisicatura-Mor. O exercício das artes de curar sofreu várias modificações quanto a sua regulamentação, os curandeiros perderam o reconhecimento oficial de suas atividades, assim como os demais terapeutas populares que também foram perdendo espaço para os médicos letrados. Por meio de posturas municipais, as câmaras passaram a regular as diversas questões relativas às condições sanitárias da cidade do Rio de Janeiro, propondo normas a tudo que se remetia à salubridade da cidade, como a iluminação e limpeza das ruas e praças, a conservação das edificações, o estado das calçadas, aquedutos e chafarizes, o esgotamento dos pântanos, a localização dos cemitérios, o trânsito de animais, os matadouros e o reparo de estradas²⁷.

Ricardo Novaes²⁸ aponta que em outubro 1832 a Academia de Medicina da Bahia passa a denominar-se Faculdade de Medicina da Bahia. O currículo deveria basear-se no praticado na Faculdade de Paris, devendo ser lecionadas as disciplinas de: Física Médica, Botânica Médica, Zoologia, Química Médica, Mineralogia, Anatomia Geral e Descritiva, Fisiologia, Patologia Externa e Interna, Farmácia, Anatomia Topográfica, Medicina Operatória, Partos, Moléstias de gestantes e recém-nascidos, Higiene, História da Medicina, Medicina Legal, Clínica Externa e sua respectiva Anatomia Patológica, bem como Clínica Interna. A duração do curso seria de seis anos. Ainda de acordo com Novaes, os recursos não eram adequados e o ensino continuou apresentando deficiências, levando a que muitos alunos oriundos do norte e nordeste preferissem a Faculdade do Rio de Janeiro.

²⁷FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A Saúde Pública no Rio de Janeiro Imperial. In: PORTO, Angela (org). História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). / organizado por Ângela Porto, Gisele Sanglard, Maria Rachel Fróes da Fonseca, et al. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008, p.39.

²⁸NOVAES, Ricardo Lafetá. **O tempo e a ordem sobre Homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 216.

A luta dos médicos pela extensão do reconhecimento social de sua ciência será travada com maior intensidade no decorrer da segunda metade do XIX quando, após a superação das grandes dificuldades em torno da instituição do ensino médico no Rio de Janeiro, os profissionais da medicina empenharam-se na tarefa de se tornar um grupo cada vez mais importante na mobilização da opinião das elites, ampliando sua influência nas esferas de poder municipal e imperial das quais alguns deles era parte integrante²⁹.

Apesar de todo poder e influência que aos poucos iam sendo conquistada ao longo desse período, a resistência dos segmentos populares às novas concepções e práticas ditadas pelos médicos referentes à doença e à cura, foi intensa.

Márcio Soares exemplifica em seu artigo a recorrência ao uso do que denomina “mezenhices” ou “curandeirices”, analisando os comentários de um viajante, o reverendo Robert Walsh, que de passagem pelo Rio de Janeiro entre 1828 e 1829, narra um episódio, do qual foi testemunha. Relata o viajante que:

(...) certa vez, um brasileiro em cuja casa fiquei hospedado falou-me sobre uma sacola que era o dispensário que supria todo o seu estabelecimento com os únicos remédios usados por eles. Chamou seu escravo e mandou que trouxesse a bolsa das cobras. O negro trouxe imediatamente uma sacola de lona de onde tirou algumas cobras secas, dizendo que eram poderosos remédios para doenças do peito. Sempre que ele ou qualquer pessoa de sua família contraíam essas doenças, pegavam um pedaço do animal, trituravam num pilão, recolhiam algumas ervas e ferviam tudo junto. Ele dizia que algumas colheradas dessa infusão acabavam com o ataque mais renitente³⁰.

Será, então, a partir da fundação da Sociedade de Medicina em 1829, e da institucionalização do ensino médico, sobretudo ao longo da

²⁹ SOARES, Márcio de Souza. **Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(2): 407-38, jul.-ago. 2001. In: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf> Acesso em: 15/11/2010.

³⁰ Idem.

segunda metade do século XIX que boticários, sangradores, parteiras e curandeiros, que até então eram tolerados e relativamente aceitos pelas autoridades médicas da extinta Fisicatura, tornar-se-ão alvo de severas críticas da medicina acadêmica, em seu processo de legitimação.

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi a primeira agremiação médica do país, que congregou os mais destacados profissionais da corte, admitindo ainda membros correspondentes e honorários. Em 1835 é transformada na Academia Imperial de Medicina e, com o advento da República em Academia Nacional de Medicina. Foi fundada pelos brasileiros Joaquim Cândido Soares de Meirelles e José Martins da Cruz Jobim, os franceses João Maurício Faivre e José Francisco Xavier Sigaud, ao lado do italiano Luís Vicente de Simoni³¹.

A preocupação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro não é devolver a saúde aos indivíduos, mas sim a saúde às cidades, isto é, à ordem urbana, e é através do enquadrinhamento social e do controle da população, inclusive modificando seus usos e costumes ‘contemporâneos’ que tenta consegui-lo³².

Ou seja, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, passa neste momento a buscar uma ordem social, uma remodelação urbana. Interessante pensar que a organização da medicina em torno da sociedade, fundamentou, no governo de Pereira Passos, a remodelação urbana do Rio de Janeiro, baseado no modelo das cidades europeias, especialmente Paris.

Luiz Otávio Ferreira³³ observa que existiu no Brasil durante o século XIX uma impopularidade da medicina acadêmica, que constantemente buscava ganhar adeptos frente a diferentes formas de cura existentes. O autor analisa, por exemplo, artigos publicados a partir de 1839, na Revista Médica Fluminense, e na Revista Médica Brasileira que tratavam da aceitação da medicina erudita, e que teriam objetivo explícito de convencer o leitor leigo do papel positivo da medicina

³¹ NOVAES, Ricardo Lafetá. **O tempo e a ordem sobre Homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 218.

³² Idem, p. 224.

³³ FERREIRA, Luiz Otávio. **Medicina Impopular: Ciência Médica e Medicina Popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)**. In: CHALHOUN, Sidney, et al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

científica. Desta forma, aliando a necessidade de popularizar a medicina aos preceitos de higiene propagados por tais periódicos, optou-se pela crítica aos costumes populares, que eram vistos pelos médicos como danosos à saúde. Abaixo segue um exemplo de crítica feita àqueles que praticavam o curandeirismo, assim como aos enfermos que decidiam por esta prática terapêutica.

(...) não é lícito aos enfermos dar preferência a um destes pós variados, desses elixires sem número, dessas diversas pomadas e unguentos, com que os seus inventores, mais sábios de que os médicos, pretendem curar radicalmente a maior parte das enfermidades, que estes (ignorantes!) não podem domar. (...) Onde está, pois, neste mundo o que se conveio chamar – bom senso? (...) ³⁴.

Sabe-se que durante séculos, inúmeros foram os viajantes que estiveram no Brasil, para pesquisarem, conhecerem ou mesmo explorar o novo continente. Um desses viajantes foi José Francisco Xavier Sigaud, um médico francês que chegou ao Brasil em 1825, e que em sua obra “Du Climat et des Maladies du Brésil – ou statistique médicale de cet empire” teceu considerações a respeito de algumas formas de curar vigentes à época. Entende-se interessante abordar tal aspecto para exemplificar a defesa que alguns faziam à medicina dita oficial, acadêmica, opondo-se, portanto, ao que dela se afastasse.

Sigaud era formado pela Faculdade de Medicina de Estrasburgo, ou seja, tinha uma formação médica organicista ³⁵, mais

³⁴ J.B.A. Imbert. Uma palavra sobre o charlatanismo e os charlatões. Rio de Janeiro, 1837, p.23, opcit SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura:** As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Unicamp, 1995. Dissertação (Mestrado), p.53.

³⁵ Em biologia, mecanicismo refere-se às teorias que afirmam que todos os fenômenos que se manifestam nos seres vivos são mecanicamente determinados e, em última análise, essencialmente de natureza físico-química. Tal teoria foi bastante influenciada por René Descartes, filósofo, físico e matemático francês, nascido em 1596, que desenvolveu o método cartesiano, cuja proposta consistia em duvidar-se de cada ideia que não fosse clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque *precisam* existir, ou porque assim deve ser. Descartes instituiu a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado.

A teoria organicista opunha-se principalmente a teoria vitalista que defende a existência de uma força ou impulso vital sem a qual a vida não poderia ser

empírica. Além do mais, deve-se pontuar que sua visão era a de um estrangeiro, que possivelmente olhava com algum estranhamento o que ocorria no Brasil. E mais, no período de sua vinda ao Brasil, a visão corrente era que este era um país atrasado, mestiço e rude, sendo a Europa um modelo a ser seguido.

Eneida Sela³⁶ aponta que, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1970, a apropriação dos relatos de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil ao longo do século XIX, acabou evidenciando, muitas vezes, uma instrumentalização de fragmentos narrativos daquelas fontes como “transparência do real”, e que tal procedimento teria ignorado a opacidade cultural, os códigos, os juízos e preconceitos dos viajantes, que foram incorporados acriticamente, no afã de demonstrar certas teses.

Para a autora, somente a partir da década de 1980, teriam surgido textos no Brasil dedicados a desvendar os significados das obras dos viajantes através de análises críticas que consideram o distanciamento dos autores em relação à realidade observada³⁷.

Buscando-se, portanto, levar em consideração tais conceitos, partimos para as análises a respeito da visão do médico francês a respeito das formas de curar no Brasil do XIX.

Para Sigaud, os curandeiros são comparáveis aos charlatães da Europa³⁸, e a América espanhola estaria infectada (grifo meu) deles. Sigaud compartilha da ideia de que a necessidade, de certa forma, justificaria o curandeirismo no Brasil. Necessidade essa de médicos científicos, formados nas faculdades, que eram escassos ainda durante a primeira metade do XIX, e que os poucos que existiam concentravam-se nas cidades maiores. O viajante aponta que certos proprietários de escravos, plantadores isolados ou mineiros afastados, viam-se obrigados a criarem uma medicina prática para socorrer seus próximos e seus operários em caso de acidentes ou doenças.

explicada. Os vitalistas estabelecem uma fronteira clara entre o mundo vivo e o inerte. A morte, diferentemente da interpretação que lhe é dada pela ciência moderna, não seria efeito da deterioração da organização do sistema, mas resultado da perda do impulso vital o da sua separação do corpo material. In: **A filosofia de Descartes**. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/descartes.htm> Acesso em: 10/03/2011.

³⁶ SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de Ser em Modos de Ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus** (Rio de Janeiro, ca. 1808-1850). Unicamp. 2006, p.7. Tese (Doutorado).

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

Na falta desses cavaleiros andantes da cirurgia³⁹, a lanceta em punho e o escudo transformado em estojo de sulfato de quinino, existem dionísios, chiracs negros e beaumès ou boticários mestiços, que – sob o nome de curandeiros – empreendem a cura das doenças seja no campo, seja nas cidades⁴⁰.

É interessante perceber que Sigaud aponta que mesmo nas grandes cidades, em que existiam os médicos graduados, muitos eram os curandeiros, que anunciavam seus serviços nos jornais, como por exemplo, o *Jornal do Commercio*⁴¹.

Sabe-se que os jornais eram os meios mais comuns de divulgação e propagação de ideias, desta forma, anúncios de serviços de cura eram constantemente encontrados, inclusive dos denominados curandeiros, que mesmo após a extinção da Fisicatura continuavam a exercer o seu ofício, e oferecer seus serviços. Alguns exemplos são bastante explícitos, em que podem ser observadas propagandas sobre seus serviços com forma de tratamento e local a ser encontrado o curandeiro, outros exemplos são de doentes ou familiares destes que explicitam sua busca por determinado tratamento de cura. Seguem alguns exemplos de tais anúncios encontrados no *Jornal do Commercio*, importante jornal do Rio de Janeiro, que inclusive teve Sigaud como um de seus editores, e que são apontados por Tânia Salgado em sua tese.

ATENÇÃO CURA DA MORFÉIA. D. Maria Luiza de Brito Sanches tendo curado doentes daqui e de fora da cidade em pouco tempo, consta-lhe que outra pessoa se inculca curar morféia pelo mesmo sistema: declara ser falso, pois só ela possui esse segredo, que comprou a Maria Rosa da Silva; e para que chegue ao conhecimento dos doentes e não aconteçam enganos na cura, faz o seguinte anúncio. Rua do

³⁹ Sigaud se refere aqui a alguns médicos que iam de casa em casa oferecendo seus serviços, vendendo drogas e renovando as provisões dos cultivadores.

⁴⁰ SIGAUD, J.F.X. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p. 130.

⁴¹ Idem, p. 131.

Areal n.23. Pode ser procurada a qualquer hora do dia⁴².

Neste exemplo, percebe-se que a anunciante, além de expor que cura determinada doença, ainda queixa-se de falsificação de seu tratamento, pois a mesma afirma que somente ela possuiria o segredo desta cura, alertando, portanto a população e frisando o endereço de onde seria localizada.

Neste outro artigo, o anunciante procura por alguém que saiba curar mordida de cachorro com raiva. Para tal coloca seu endereço e demonstra sua pressa pelo tratamento. “A pessoa que souber curar gente mordida por cachorro danado, com toda a brevidade, queira chegar a Rua do Catete n.108”⁴³.

Este anúncio é muito interessante, pois explicita que mesmo existindo médicos diplomados no exterior e estudantes de medicina, afinal é publicado em 1832, ano em que temos a criação da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, mesmo assim o doente solicita alguém que saiba curar, não especificando quem, portanto entende-se que este não exige médico, pois se assim o desejasse provavelmente buscaria um consultório médico, mas sim alguém que detenha a arte de curar.

Já neste outro exemplo, o anunciante solicita que o curandeiro especifique seu endereço para que possa contatá-lo. “Pede-se encarecidamente ao Sr. que anunciou por esta folha curar carnosidades, queira declarar a sua moradia por esta folha para ser procurado”⁴⁴.

Esses dois últimos anúncios apontados retratam ainda uma forma encontrada pelos curandeiros de esquivarem-se das perseguições e acusações de charlatanismo feitas, sobretudo pelos médicos, que com um saber cada vez mais científico exigiam para si o direito da cura, em detrimento das demais formas de curar. Domiciano Castro, em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1850, compactua com o ideário da maioria dos médicos acadêmicos daquele período, condenando as práticas populares de cura, entendendo-as como

⁴² Jornal do Commercio 13/12/1849. opcit. PIMENTA. Tânia Salgado. **O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)**. Unicamp.2003, p. 97. Tese (Doutorado).

⁴³ Jornal do Commercio 25/09/1832. opcit PIMENTA. Tânia Salgado. **O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)**. Unicamp.2003, p. 97. Tese (Doutorado).

⁴⁴ Jornal do Commercio, 17/11/1831. opcit PIMENTA. Tânia Salgado. **O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)**. Unicamp.2003, p. 97. Tese (Doutorado).

sustentadas pelos mais “ignorantes”. “Não reina hoje um sistema exclusivo de medicina, e os nossos práticos mais distantes são ecléticos (...). Há por aí uma espécie de feitiçaria médica, que adotada pela velhacaria e má fé é sustentada pela credulidade dos homens ignorantes (...)”⁴⁵.

O jornal também era muito utilizado pelos médicos como forma de demonstrar a sua indignação ou intolerância com os curandeiros ou ainda qualquer atividade não acadêmica de cura. No exemplo a seguir, o médico anunciante explicita o objetivo de combater o “charlatanismo”, chamando a responsabilidade para a imprensa nesta luta. Interessante perceber que ao mesmo tempo em que a imprensa publicava anúncios como deste médico, publicava ainda os anúncios dos vulgos charlatães.

(...) A imprensa não pode calar-se e cruzar indiferente os braços diante desse mal, que se desenvolve e que de dia em dia ganha maior número de indivíduos. Sua ação (...) precisa de tempo para convencer, para destruir a impressão profunda que em espíritos pouco ilustrados pode produzir o charlatanismo e de argumentos poderosos para fazer despertar do sono em que caíram as inteligências esclarecidas, entregues como o grosso da multidão às práticas indecentes da ignorância velhaca. A imprensa precisa chamar ao cumprimento de seus deveres as autoridades, condescendentes com o curandeiro (...) ⁴⁶.

Apesar de Sigaud não detalhar o fato da existência de curandeiros nas grandes cidades, podemos relacionar tal existência com a falta de crença ou resistência da população nos médicos acadêmicos. Muitos preferiam se tratar com curandeiros que falavam a sua língua a

⁴⁵ Domiciano Mateus Monteiro de Castro. “Quais os trabalhos da antiga Sociedade e nova Academia Imperial de Medicina que mais tem contribuído para os progressos da medicina prática no país”. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada em 4 de dezembro de 1850, p.23. opcit SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura:** As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Unicamp, 1995. Dissertação (Mestrado), p.56.

⁴⁶ Diário de Notícias, 22/03/1988, p.1, opcit SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura:** As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Unicamp, 1995. Dissertação (Mestrado).

procurar médicos letrados com suas terapêuticas distintas e por vezes pouco precisas.

Durante toda a descrição de Sigaud a respeito dos curandeiros no Brasil, percebe-se um tom bastante severo deste. Tal desconfiança do autor é perfeitamente compreensível ao levarmos em consideração o fato de Sigaud ser médico, e formado pela academia francesa, portanto, toda prática de cura que não se enquadrasse nos padrões médico-acadêmicos seria interpretada como concorrência, charlatanismo ou práticas grosseiras como expressa o viajante.

No entanto, o médico francês coloca que, sobretudo depois que as câmaras municipais começaram a exigir a apresentação de diplomas de médicos, cirurgiões e farmacêuticos, e que as leis das faculdades de medicina, promulgadas em 1832, entraram em vigor, deu-se fim a grande parte da prática dos “curandeiros exóticos”. Apesar da maior dificuldade das práticas de cura realizada por não doutores a partir de tais leis, Sigaud reconhece que estas não desapareceram por completo. Podemos entender tal fato tanto por conta da não abrangência da fiscalização em todas as regiões do país quanto pela aceitação da população. Observa o autor, finalizando suas considerações a respeito do curandeirismo no Brasil:

(...) Querer curar sem possuir os conhecimentos suficientes para cumprir conscientemente este dever é fraqueza de todos os homens, tendência dos chefes de família, paixão das velhas senhoras; as leis, os progressos das ciências podem modificar esta condição do espírito humano, mas apagá-las totalmente dos hábitos é um triunfo que os médicos nunca ousarão esperar, pois eles menos ainda que os outros homens acreditam na perfectibilidade das coisas humanas⁴⁷.

Destaca-se, portanto, a importância do trabalho realizado pela Fiocruz traduzindo a obra de Sigaud, ora analisada. Uma fonte que traz interessantes e variados elementos sobre a concepção de saúde e doença entendida por acadêmicos, na primeira metade do Brasil oitocentista. Desta forma, a análise de uma das temáticas abordada pelo autor, o curandeirismo, demonstra que para Sigaud, tal prática poderia ser comparada ao charlatanismo, ou seja, a uma prática enganosa, e aceita por pessoas crédulas e ignorantes.

⁴⁷ Idem, p.136.

É interessante observar que para Sigaud, as práticas populares de cura só poderiam ser toleradas em localidades afastadas dos grandes centros, ou seja, em localidades em que não existiam médicos. Porém, quando estes poderiam ser encontrados, somente os mesmos deveriam ser solicitados, pois eram para o cientista francês os verdadeiros detentores do conhecimento científico.

Du climat et des Maladies du Brésil é uma obra que vem no contexto de busca por legitimação da ciência médica, que já era apresentada há algum tempo à população brasileira, mas que era muito pouco aceita. Durante um longo período os médicos eram procurados em última instância, somente quando não se obtinha sucesso com as demais formas de tratamento. Assim, ao escrever sua obra, Sigaud unia-se a luta por demonstrar a superioridade médica, inferiorizando, portanto, as demais expressões de cura.

É neste contexto, ainda de legitimação da medicina acadêmica no Brasil, em que a população costumava olhar com receio os tratamentos por ela propostos, que a homeopatia, uma terapêutica que se colocava como menos invasiva, encontrou terreno para sua divulgação e instalação. Antes de abordar a introdução da homeopatia no Brasil, entende-se necessário apontar alguns aspectos relevantes a respeito desta doutrina médica, sua origem, fundamentos e filosofia.

1.2 Homeopatia: a terapêutica da força vital

Christian Friedrich Samuel Hahnemann, alemão de nascimento, viveu de 1755 a 1843. Filho de um operário luterano, pobre, sustentou seus estudos de medicina com a tradução de textos franceses, ingleses e italianos para o alemão, aproveitando seu pendor para as línguas, tendo se doutorado aos 24 anos em 1779 pela Universidade de Erlangen.⁴⁸ Sua tese, Aspectos sobre as causas e tratamento da cãibra foi um opúsculo de 20 páginas, onde se relacionavam as causas das diversas condições do espasmo e uma longa lista de remédios, tanto vegetais como minerais⁴⁹.

Num ensaio que publicou em 1805, Esculápio na Balança, comenta o estado de indignação que o atingiu ao descobrir a fraqueza e os erros de seus professores e livros e ao constatar que a medicina “era vã e incapaz de progredir”. Neste mesmo ensaio elogiou Hipócrates,

⁴⁸ LUZ, Madel. **A arte de curar versus A ciência das doenças: História Social da Homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996, p.47.

⁴⁹ NOVAES, Ricardo Lafeté. **O tempo e a ordem sobre Homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989, pg.85.

lamentando que as eras que o sucederam tenham se perdido da trilha indicada criando sistemas vazios. Neste momento, Hahnemann desiste da prática terapêutica, mas continua refletindo sobre ela através de suas traduções⁵⁰.

A medicina de Hahnemann estrutura sua terapêutica no enunciado *Similia Similibus Curantur* proposto por Hipócrates⁵¹, este enunciado explica que os semelhantes são curados através dos semelhantes. Portanto as substâncias curam os mesmos sintomas que produziram ao serem experimentadas em um homem são.

(...) a assunção da cura por meios da Natureza configurou a Terapêutica hipocrática como essencialmente dietética e pedagógica, conferindo grande importância aos exercícios físicos, às massagens e aos banhos, sobretudo ao banho de mar. O fortalecimento da *physis* no seu caminho próprio para a cura implicava uma intervenção que fosse semelhante ao comportamento da Natureza. Surgiu assim o princípio terapêutico de induzir no enfermo reações de analogia com os sintomas que produzem a enfermidade, *similia similibus*, sobre o qual veio a se fundar a Homeopatia⁵².

Tal afirmação ressalta a ideia de que o medicamento ajuda a “natureza” do doente a reagir, ao invés de ser ele mesmo uma arma contra a doença.

Hahnemann dava ênfase em seus artigos principalmente ao efeito dos medicamentos nos doentes. Após traduzir a *Matéria Médica* de Cullen, médico escocês, discordou de sua interpretação sobre

⁵⁰ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba: Aude Sapere Editora, 1994, pgs. 21-22.

⁵¹ Hipócrates, (460 a.C – 377 a.C), considerado o “pai da medicina” foi o autor da “teoria dos quatro humores”. Para ele, a doença e a saúde estão relacionadas ao equilíbrio ou não entre a *bilis negra*, a *bilis amarela*, a *fleuma* e o *sangue*. Quinhentos anos mais tarde, Galeno (131 – 200 d.C), realizará grandes conquistas, em particular no campo da anatomia, baseado nas ideias hipocráticas.

⁵² NOVAES, Ricardo Lafetá. **O tempo e a ordem sobre Homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 32, opcit Guerra, p.142.

quinquina no tratamento de febres intermitentes. Assim, resolveu experimentar a substância em si próprio, analisando todas as reações e sintomas que a mesma causava nele, para depois aplicá-la nas pessoas doentes.

(...) E a cada dose que tomou, experimentou um verdadeiro acesso de febre intermitente, semelhante ao das febres palustres, de acordo com seus seguidores. Este experimento, até hoje polêmico, deu início às experimentações homeopáticas de Hahnemann, embora a dinamização não fizesse ainda parte de suas experiências⁵³.

Ancorado no princípio racional da similitude, Hahnemann propõe uma série de regras para o controle e observação da experiência da aplicação dos medicamentos nos homens sãos. Seguiu três critérios: um para o experimentador, outro para as substâncias e o terceiro para o diretor. Para o primeiro, era importante que fosse livre de doenças, e que pudesse descrever suas sensações precisamente, fosse auto-observador, além de ingerir apenas uma substância. Hahnemann aconselhava ainda que pessoas de ambos os sexos e de diferentes constituições física e mental deveriam participar de tal experiência. Quanto ao critério sobre o medicamento, deveriam ser conhecidas sua pureza e legitimidade, sendo administrada em estado simples, uma substância de cada vez, em jejum, na dose de quatro a seis glóbulos por dia, da trigésima dinamização, por vários dias, se necessário e as plantas necessitariam de cuidados especiais de conservação. Por último, o diretor da experiência, deveria acompanhar diariamente o relatório dos sintomas, anotando os detalhes mais minuciosos, e considerando terminando o trabalho apenas quando nada de novo surgisse, e quase os mesmos sintomas aparecem nos experimentadores posteriores⁵⁴.

As experimentações mais recentes ensinaram que, quando as substâncias medicamentosas são ingeridas em estado bruto pelo experimentador com o propósito de provar seus efeitos peculiares,

⁵³Idem, p.48.

⁵⁴ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994, p. 30-31.

não manifestam tanto toda a riqueza de seus poderes que estão nelas ocultos como quando são ingeridas com o mesmo objetivo em altas diluições, potencializadas por trituração e sucussão adequadas; através destas simples manipulações, a força que permanece oculta em seu estado bruto e como que adormecida, desenvolve-se e sua atividade desperta de maneira incrível. Desse modo, investigam-se melhor, então, as forças medicamentosas mesmo das substâncias consideradas fracas, dando ao experimentador, diariamente e em jejum, de 4 a 6 glóbulos muito pequenos da 30ª potência, umedecidos em um pouco de água ou dissolvidos ou misturados em uma quantidade menor ou maior de água, continuando-se, assim, por vários dias⁵⁵.

Hahnemann teria até o fim de sua vida, experimentado os efeitos de mais de cem drogas em homens saudáveis, sendo este então o fundamento da construção da terapêutica em homeopatia.

Sílvia Priven⁵⁶, analisando a doutrina de Hahnemann e a prática da experimentação de medicamentos em homens sãos, aponta que existem registros de tal prática já no século IV a.C. Segundo a autora, na Antiguidade, o eixo desse modelo de pesquisa girava em torno do problema dos venenos e dos antídotos. Esta abordagem também foi favorecida no Ocidente latino a partir do final da Idade Média, sempre centrada no aspecto toxicológico.

A linha prevalente de pesquisa – vinculada à fisiologia experimental da época – era dedicada ao isolamento dos componentes químicos das substâncias. Mas, simultaneamente, o foco começa a se centrar na determinação empírica dos

⁵⁵ HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abraão Brickmann, 1995, p.226-227.

⁵⁶ PRIVEN, Silvia Irene Waisse. **Hahnemann: um médico de seu tempo**: Articulação da doutrina homeopática como possibilidade da medicina do século XVIII. São Paulo: Educ; Fapesp, 2005, p.63-64.

efeitos terapêuticos dos medicamentos, agora decididamente fora do escopo da toxicologia⁵⁷.

A mesma autora⁵⁸ aponta que uma das figuras mais importantes na experimentação de medicamentos no mundo germânico do século XVIII foi Anton von Störck (Viena, 1731-1803). A partir de 1759, Störck teria realizado experimentos com extratos de plantas simples – especialmente as tóxicas- em animais e em si mesmo, seguidos de ensaios clínicos em doentes. De acordo com Priven, para von Störck o conhecimento dos medicamentos era uma disciplina empírica, indispensável ao desenvolvimento da farmacologia e à solução do conflito entre a teoria e as práticas médicas. A única maneira para atingir essas metas era realizando experimentos em pessoas sãs e em doentes. É interessante perceber que Störck, assim como Hahnemann, teria feito uso de pequenas doses de medicamentos.

Em síntese, Störck trabalhou sobre a base de um cuidadoso protocolo experimental, utilizando substâncias simples e eliminando fatores de interferência. Sua pesquisa foi realizada em animais e seres humanos, sadios e doentes. Empregou doses pequenas e aplicou os medicamentos segundo a lei de semelhança. Todos esses conceitos tornar-se-iam, com Hahnemann, as bases da homeopatia⁵⁹.

A obra principal de Hahnemann, que reúne todos os princípios do método homeopático, foi publicada em 1810, sob o título de *Organon da Ciência Médica Racional*. Mais tarde, em 1819, em sua 2ª edição, ficou sendo conhecida como *Organon da Arte de curar ou Exposição da doutrina médica homeopática*. Cinco edições sucessivas vieram à luz, mas é a sexta, publicada em 1921, aquela que, segundo os diversos autores homeopatas, contém o pensamento mais acabado do autor⁶⁰.

O *Organon* é constituído por 291 parágrafos. Sua ordem de exposição obedece, em linhas gerais, o processo de construção da doutrina. O primeiro parágrafo estabelece a linha diretora da prática

⁵⁷ Idem, p.64.

⁵⁸ Idem, p.68.

⁵⁹ Idem, p.75.

⁶⁰ NOVAES, Ricardo Lafeté. **O tempo e a ordem sobre Homeopatia**. São Paulo: Cortez, 1989,pg.138.

médica: “sua única missão é curar”, condenando assim os procedimentos em que alguns médicos forjavam ideias e teorias sobre a essência íntima do processo vital, bem como sobre a origem das doenças, sem, contudo lograrem êxito em sua intervenção terapêutica⁶¹.

A farmacologia no século XIX se modificava através da introdução de novas tecnologias e fármacos e as teorias médicas tornavam-se cada vez mais racionalistas, realizando experiências clínicas, em que as cobaias eram os próprios doentes. Hahnemann discordava da forma como a medicina vigente, alopática, atuava, tratando doenças, e não doentes, e muitas vezes, através de suas inúmeras experimentações prejudicar ainda mais os enfermos.

Em *Organon da Arte de Curar*, Hahnemann aponta:

A velha medicina (alopatia), a fim de dizer algo em geral, pressupõe no tratamento das doenças, ora uma (nunca existente) superabundância de sangue (plethora), ora uma substância morbífica e acridades, fazendo, portanto, escoar o sangue vital, esforçando-se, ora para expulsar a matéria morbífica imaginada, ora para desviá-la (através de vomitivos, laxantes, sialagogos, sudoríficos e diuréticos, vesicatórios, meios que favorecem a supuração, cautérios etc) na suposição de poder enfraquecer e suavizar materialmente a doença, aumentando, contudo, os sofrimentos do doente, retirando, assim, do organismo, como também através de seus medicamentos, as forças e os humores vitais indispensáveis à cura. Ela agride o corpo com grandes e, muitas vezes, amiúde, reiteradas doses de fortes medicamentos, cujos efeitos prolongados, não raro terríveis, ela desconhece e que ela, ao que parece, aplica-se em tornar desconhecidos, através da mistura de várias dessas substâncias desconhecidas em uma fórmula medicamentosa, provocando, assim, no corpo doente, por meio de seu emprego prolongado, novas doenças medicamentosas, em parte ainda mais impossíveis de ser erradicadas⁶².

⁶¹ Idem, p.138-139.

⁶² HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª edição. Tradução de Edméa Marturano Villela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p. 8-10.

Hahnemann entendia que a homeopatia era a revelação de uma lei natural, apontada por Deus. Em sua obra afirma:

Já era bem tempo para o sábio e benévolo Criador e Conservador dos Homens colocar um termo a tais horrores, ordenando o término de tais torturas, fazendo surgir uma arte de curar que fosse o contrário de tudo isso, sem o desperdício de humores vitais e forças (...) ⁶³.

O criador da homeopatia define o homem como um ser composto de um corpo, força vital e espírito dotado de razão. A força vital, que anima dinamicamente o organismo, forma com esse uma unidade, um todo ⁶⁴. Desta forma, a saúde é o estado em que a força vital mantém todas as partes do corpo, suas funções e sensações em atividade harmônica. A doença, portanto, é o desequilíbrio dessa força vital. Na teoria homeopática, a cura ocorre através da reação da força vital ao medicamento aplicado. É partindo deste princípio, que a homeopatia pregava o mínimo enfraquecimento do doente, o que explica a não aceitação de muitos meios utilizados pela medicina tradicional.

O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de auto conservação; somente o ser imaterial (princípio vital, força vital) que anima o organismo no estado saudável ou doente lhe confere toda sensação e estimula suas funções vitais ⁶⁵.

O autor da homeopatia afirmava ser impossível entender como o desequilíbrio da força vital produz as moléstias e que, de toda forma, tal informação seria inútil. Para ele, os sintomas da doença, que é o desequilíbrio da força vital, são os elementos necessários para que se descubra qual deverá ser a cura, e estes já teriam sido revelados por

⁶³ Idem, p.68.

⁶⁴ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994, p.26.

⁶⁵ HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.94.

Deus. Hahnemann não se furta por completo de especular sobre os fenômenos que se desenvolvem no interior invisível do corpo. Afirma ainda, que quando o homem adoece, a força vital é a única que sofre a influência dinâmica hostil de tal agente⁶⁶.

O poder curativo do remédio homeopático, sua ‘espiritualidade’, nada mais é que uma propriedade latente, confinada em um estado não desenvolvido, potencial e que é despertada pelo método de dinamização. No entanto, a ação do remédio na força vital, também ela imaterial, espiritual, acontece num espaço inalcançável ao olhar humano. É um fato inatingível através de nosso entendimento. Apenas a experiência revela suas propriedades e nos garante sua invisível existência, na concretude de seus efeitos⁶⁷.

Marco Bessa⁶⁸ relaciona apontamentos da doutrina de Hahnemann com alguns conceitos de alquimia encontrados em Paracelso. Bessa aponta que no período da vida do autor da homeopatia em que ele abandonou a medicina, além de se dedicar às traduções, também teria realizado pesquisas em torno da alquimia, de onde, então, derivariam a farmacotécnica homeopática, o conceito de espiritualização da matéria, à importância atribuída ao mercúrio, ao enxofre e ao sal e a noção de doença universal⁶⁹.

Paracelso (1493-1541) foi um médico suíço que teve uma vida repleta de polêmicas, mas que trouxe significativas contribuições terapêuticas. Sua terapêutica era baseada na lei dos semelhantes, a ideia

⁶⁶ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994, p. 82.

⁶⁷ Idem, p.85.

⁶⁸ Idem, p.117.

⁶⁹ Para Hahnemann, a **psora**, apesar de ser a mais antiga e mais destrutiva das doenças crônicas que a milhares de anos vem afligindo a humanidade, é a mais irreconhecida delas; e durante os últimos séculos tornou-se a ‘mãe’ de todas as enfermidades agudas e crônicas, não venéreas que atingem todas as raças humanas, excetuando-se aquelas provocadas por tratamento médico errôneo, ou por intoxicação por chumbo, arsênico, mercúrio, etc., e aquelas oriundas das **syphilis** e **sycosis**. (BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994, p.45).

que a substância que causa a doença, também pode curá-la; e na doutrina das assinaturas, que defendia que o poder medicinal das plantas era revelado pela sua forma externa ou cor, assemelhando-se às áreas doentes, para as quais são úteis. Defendia ainda, que toda substância contém um elemento nocivo, que causaria a moléstia, e um elemento bom, que seria responsável pela cura⁷⁰.

O alquimista entendia que toda a criação seria composta por três elementos: mercurius, sulphur e um sal, existindo, assim, três tipos de remédios correspondentes a três tipos de doenças, ou seja, as enfermidades mercuriais seriam tratadas com o mercurius, as doenças salinas seriam tratadas com o sal e as doenças sulfúricas seriam curadas com o sulphur. Para Paracelso, “sulphur é o que queima, mercurius é o que corporifica a virtude e o sal é o que mantém o corpo unido”; sulphur é o fogo, mercurius a fumaça e o sal a cinza⁷¹.

(...) Parece-nos que Hahnemann ao apresentar uma teoria sobre a origem e a natureza das doenças crônicas, em número de três e relacionadas a três princípios de Paracelso, sulphur, mercurius e sal, ao triturar, diluir e agitar as substâncias, para liberar o poder medicinal oculto delas e ao propor o tratamento da psora, da sykosis e da syphilis, através de seus remédios específicos, lembra-nos o processo alquímico da obra em três etapas, para a transformação da matéria impura (doença) em ouro (saúde), para se atingir os ‘mais altos fins de nossa existência’ (a união com Deus)⁷².

O fundador da doutrina homeopática teve inúmeros seguidores que se espalhavam por distintas cidades e países. Os ensinamentos de Hahnemann também chegaram ao Brasil, através de um discípulo seu: Benoit Müre.

⁷⁰ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994, p.65.

⁷¹ BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba:Aude Sapere Editora, 1994,p.65, opcit. Coulter, 1975, p.414.

⁷² Idem, p.67.

1.3 O surgimento da Homeopatia no Brasil

Pode-se dizer ser praticamente impossível falar sobre a história da homeopatia no Brasil sem mencionar a célebre obra de José Emygdio Rodrigues Galhardo, *Historia da Homeopathia, no Brasil: These* apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia, 1928. Galhardo foi presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil entre 1924 a 1927, além de professor de Clínica Terapêutica Homeopática na Escola de Medicina e Cirurgia deste mesmo instituto, além de promotor e organizador do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, sob patrocínio do Instituto Hahnemanniano do Brasil, entre os dias 25 a 30 de setembro de 1926 na cidade do Rio de Janeiro. Ainda sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, a socióloga Madel Luz pontua:

Este Congresso exprime, nas suas teses, uma seriedade de produção acadêmica inegável. O tom polêmico das sessões, e a discussão das Teses apresentadas precedidas de pareceres rigorosos, reunidas no Livro do I Congresso Brasileiro de Homeopatia (I.H.B.,RJ, 1928), atesta essa seriedade produtiva, embora as teses e os congressistas sejam pouco expressivos do ponto de vista numérico⁷³.

Galhardo aponta que para fazer uma previsão do futuro da Homeopatia no Brasil era preciso que se conhecesse a sua história, mas que esta ainda não havia sido escrita de forma plenamente confiável, então se propõe a fazê-lo.

Tres a quatro mezes julgava eu sufficientes para concluir meu trabalho, mais de dois annos consumi para organiza-lo. Ignorava o dispêndio de tempo que teria de empregar em pesquisas históricas, folheando cerca de cem annos de jornaes, dia por dia, pagina por pagina. E isto

⁷³ LUZ, Madel.T. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996, p.38.

fazendo sem prejuízo de muitos outros encargos que sobre minha pessoa pezavam e pezam⁷⁴.

Em sua obra, acima mencionada, Galhardo, em aproximadamente 700 páginas realiza uma grande pesquisa sobre a história da homeopatia no Brasil, trazendo importantes informações a quem se dedica a estudar tal temática. Desta forma, é inegável a valia deste trabalho, tanto por seu conteúdo histórico quanto por ser uma importante fonte histórica, em que importantes análises podem ser realizadas a partir das colocações de um homeopata sobre a categoria em que estava inserido. Assim, recorrer-se-á muito a esta fonte, buscando sempre percebê-la como uma fonte que traz em suas entrelinhas principalmente interesses relacionados à legitimação da doutrina homeopática no Brasil. Não se pode negar, porém, que esta é obra de um homeopata, propagandista que, portanto, ressalta os aspectos positivos ou gloriosos desta prática de cura.

No início do século XIX, José Bonifácio de Andrada e Silva conheceu a teoria homeopática por meio de correspondências com Hahnemann. Bonifácio era um naturalista dedicado à mineralogia e, sendo Hahnemann um grande químico da época que detinha vasto conhecimento naquela área, a aproximação entre os dois ocorreu através da troca de conhecimentos⁷⁵.

Em 1811, novas informações sobre a Homeopatia chegaram ao Brasil. O Prof. Dr. Antônio Ferreira França, que ministrava aulas na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Bahia, fazia considerações um tanto quanto maledicentes sobre a doutrina, desestimulando novos alunos a terem contato com o conhecimento homeopático⁷⁶.

No velho continente se comentavam amplamente as surpreendentes curas que Hahnemann e seus discípulos proporcionavam em doentes julgados incuráveis, pelos membros da Escola Classica. Estes conhecimentos, entretanto, não tinham energia para nullificar o pouco ou nenhum interesse que investigações novas dispertavam nos estudiosos do Brasil, mesmo entre os

⁷⁴Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p.268.

⁷⁵Idem, p.271.

⁷⁶Idem, p.272.

profissionais em medicina. Outra, porém, não poderia ser a atitude destes profissionais. O estacionário estado da ciência nessa época, as difíceis comunicações entre nosso país e o resto do mundo, impediam que informações mais detalhadas e, quiçá, preciso chegassem ao Brasil, onde ainda pequena era a cultura do povo; ausência de obra doutrinária sobre o assunto, aqui conhecido, apenas, por informações da imprensa europeia, constituíram, certamente, as primordiais causas da nenhuma atenção que lhe fora prestada⁷⁷.

No dia 21 de novembro de 1840, data escolhida para a comemoração da homeopatia no Brasil, aportou, no Rio de Janeiro, a barca francesa Eole, a bordo da qual estava Benoit Jules Müre. Bento Müre, como ficou conhecido, foi um dos discípulos de Hahnemann, possivelmente o principal responsável pela divulgação da homeopatia no país.

Müre nasceu em Lyon, no dia 4 de maio de 1809, e foi um dos maiores propagandistas da doutrina homeopática. Seu pai era comerciante, e sua mãe, Mme. Boissard pertencia a uma das famílias abastadas da cidade e com o dote que trouxera do casamento, ajudou a impulsionar os negócios do marido⁷⁸.

De acordo com Gallo⁷⁹ Jules Benoit Müre nasceu no sétimo mês de gravidez, com apenas um quarto dos pulmões funcionando, desta forma, seu estado de saúde manteve-se, ao longo de sua vida, debilitado. Os cuidados e atenções de que Müre fora cercado, não conseguiram evitar a afecção por uma doença grave, a tuberculose pulmonar, diagnosticada já em estado avançado. Müre, teria ainda passado por inúmeros médicos, sendo desenganado por estes aos 23 anos de idade. Em busca de novos ares, partiu para Palermo, onde teria tido contato com um livro sobre homeopatia, uma das edições do *Organon* de Hahnemann. Sem perda de tempo decidiu retornar à sua cidade natal e iniciar o tratamento. Aos cuidados do conde Sebastien des Guidi, Müre teria encontrado pronto restabelecimento.

⁷⁷ Idem, p.271-272.

⁷⁸ GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **A aurora do socialismo: Foureísmo e Falanstério do Saí.** (1839-1850). Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. 2002, pg. 83-84.

⁷⁹ Idem, p.84-85.

A partir de sua recuperação, Mûre decidiu dedicar-se a propagação da homeopatia. Foi ainda o fundador do Dispensário Homeopathico de Palermo, na Itália, e do Dispensário da rue de La Harpe, em Paris. Ingressou, na França, por volta de 1839 no movimento fourierista, engajando-se no grupo denominado Union Harmonienne. Nesse ambiente, na convivência com a elite operária que formava então uma das alas da dissidência do movimento fourierista, foi que em Mûre despertou a ideia da realização, fora da França, de um projeto de colonização nos moldes propostos por Charles Fourier. Para lapidar sua intenção, uniu-se a outros membros da Union Harmonienne, entre eles Jamain e Derrion, e, em 21 de janeiro de 1840 compuseram os estatutos da associação Union Industrielle. Em 21 de setembro, na residência do cônsul brasileiro em Paris, a associação assumiria um aspecto oficial⁸⁰.

Diante do Imperador D. Pedro II, um mês após a sua chegada ao Brasil, Benoît Mûre declara ter vindo ao país “em nome de todas as classes sofredoras que na França aspiravam melhorar sua posição, para pedir os meios necessários à produção que os levariam a gozar o legítimo fruto de seu trabalho”. Tratava-se do estabelecimento de um Falanstério, uma colônia socialista, baseada em princípios empregados por François Charles Marie Fourier, e cujo projeto já havia feito publicar na imprensa diária.⁸¹

Fourier, pensador francês, juntamente com outros pensadores, como Saint-Simon e Owen, representaram as características do pensamento utópico da primeira metade do século XIX. Fourier planejou uma forma de promover a transição da sociedade do século XIX para o regime falansteriano. Os falansterianos se organizariam através de sociedades por ações, e os proprietários aplicariam seus capitais em troca de títulos, de maneira a gerar uma boa remuneração. Assim, de acordo com sua organização do trabalho, os mais pobres teriam tanto bem-estar quanto os mais ricos.

Em suma, o falanstério abrigaria um mundo no qual reinam não só o bem-estar e a justiça, como também a liberdade. Há nele, liberdade por todo lado, na alma humana, cujas paixões estão livres

⁸⁰ RIBEIRO, Mário Antônio Cabral, in: **História da Homeopatia no Brasil**, http://www.medholistica.med.br/historia_da_Homeopatia_no_Brasil_geral.pdf, p.7. Acesso em: 10/04/11.

⁸¹ NOVAES, Ricardo Lafeté. **O Tempo e a Ordem**: sobre a homeopatia. São Paulo: Cortez, 1989. p.227.

de todos os preconceitos, de todas as tiranias do moralismo. Há liberdade na organização social, que não implica sujeição alguma, nem nada mais que a atração do prazer. Nem o Estado existe. A unidade é o falanstério, no qual, é certo, as pessoas se agrupam numa espécie de hierarquia, cujos chefes vão desde o ‘unarca’ até o ‘omniarca’, o imperador Universal, mas esta hierarquia quase não é mais que honorífica⁸².

Müre conseguiu de presente 4 léguas de terra na península do Saí, em Santa Catarina, e mais o adiantamento de 60 contos de réis por parte do governo brasileiro. Tendo permanecido no Rio de Janeiro por aproximadamente nove meses, Benoit Müre embarca para Santa Catarina, acompanhado dos colonos que fizera vir da França.

(...) em 27 de março o Jornal do Commercio publicou uma longa carta do Dr. Mure, datada de 25 de março, no Rio de Janeiro, sob a epigraphe Colonização industrial. Nesta carta o Dr. Mure dá conta dos trabalhos de escolha do terreno feita em St.^a Catharina, para fundação de uma colônia societária no Brasil, onde declara que notou na margem esquerda do rio São Francisco, nessa província, uma vasta península, formada por este rio e o do Sahy, que separa a província do Paraná da de St.^a Catharina. ‘Esta bella e immensa propriedade, coberta de boas madeiras de construcção, possúe as melhores mattas e grande numero de cascatas tão necessárias para uma empresa industrial, desgraçadamente tão raras nos lugares que eu tinha até então visitado’⁸³.

Galhardo aponta, que segundo registros encontrados no Jornal do Commercio, Benoit Müre funda em novembro de 1842, naquela colônia, uma Escola Suplementar de Medicina e o Instituto

⁸²THIAGO, Raquel S. **Fourier**: Utopia e Esperança na Península do Saí. Blumenau: Ed. Da FURB, 1995, p.33-34.

⁸³Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro doPrimeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p. 280.

Homeopático do Sahy. Justificando que o Brasil deveria estar no mesmo grau de desenvolvimento homeopático que outras nações do mundo, a Escola Suplementar de Medicina tinha como objetivo propiciar condições para que jovens médicos pudessem adquirir conhecimentos que o antigo ensino das faculdades não havia podido lhes ministrar. Além disso, visava popularizar e generalizar a Homeopatia⁸⁴.

Um ano após sua chegada (1840-1841), as campanhas públicas, através de periódicos e jornais tornaram-se cada vez mais frequentes. Importante destacar o papel desempenhado pelo Jornal do Commercio, na divulgação de novas ideias. (...) Mure não hesitou em desfrutar dessa disponibilidade, para divulgar seus planos, tanto no âmbito do socialismo utópico, como no da homeopatia. Sobre esta última, chegou a divulgar um Projeto para a instalação do Instituto Escola Homeopática, a ser implantado no Saí (...)⁸⁵.

Entende-se necessário, ressaltar aqui a importância da imprensa diária para a divulgação das novas ideias, fossem elas políticas, econômicas, ou mesmo dos aspectos cotidianos da vida de seus leitores. Destaca-se, porém, o Jornal do Commercio, o periódico de circulação contínua mais antiga da América Latina, e que é muito utilizado nesta pesquisa justamente pela expressiva fonte que é.

Importa mencionar, que por volta de 1843, a Colônia do Saí fracassou, então o Dr. Mure rumou para o Rio de Janeiro com a finalidade de criar o Instituto Homeopático do Brasil (IHB), o 1º consultório homeopático do RJ, e a Botica Homeopática Central, a 1ª farmácia homeopática do Brasil.

Não havendo o Dr. Mure colhido as vantagens que imaginara na colônia societária do Sahy, gastando seus últimos recursos, abandona-a transportando-se para o Rio de Janeiro; onde chegou no dia 16 de agosto de 1843, a bordo da lancha Sahy, afim de exercer e propagar a medicina homeopathica. Para isto, em setembro do mesmo anno, apresentou e defendeu, perante a

⁸⁴ Idem, p.229.

⁸⁵ GARCIA, Gisella Demaria. **A busca da cura através da homeopatia em Florianópolis. (1968-1980).** MONOGRAFIA. Florianópolis, UFSC. 1999, p.143.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma these escripta em latim, folheto de seis paginas, onde se lê: 'Propositiones aliquot ad homeopathiam confirmandam aptoe. Thesis ad obtinendum exercendi in hoc Imperio medicinam jus, ante saluberrimam Fluminis Januarii Facultatem, Doctore Benedicto Mure, lugduni Galliarum nato. Flumine Januario. Ex. Imp. et const. Officine typographica – J. Villeneuve et Sociorum.MDCCCXLIII. Conquistou aprovação com louvor, habilitando-se assim para o exercício da medicina no Brasil⁸⁶.

O IHB deveria ser um centro irradiador do pensamento e da prática da homeopatia no país, além de formar médicos especialistas na nova doutrina. Basicamente, tratava-se de uma escola de atividades e propaganda e de experiência clínica e farmacológica com as substâncias homeopáticas. Até uma farmácia central era planejada para funcionar, garantindo assim maior segurança na manipulação das substâncias⁸⁷. No mesmo dia da criação do Instituto Homeopático, foi aberto o primeiro Consultório Homeopathico do Rio de Janeiro, localizado na Rua São José, nº 59.

No discurso de fundação do Instituto Homeopático, proferido em 10 de dezembro de 1843 percebe-se mais uma diferença entre as duas medicinas. A homeopática se propunha a cuidar dos mais pobres:

Nós e quem por convite nosso se nos unir constituir-nos-hemos em sociedade denominada Instituto Homeopathico do Brasil, a fim de propagar a homeopathia em proveito das classes pobres. Os meios são o ensino, as publicações, as experiências e a pratica dessa sciencia, a preparação dos medicamentos e as experiências no homem são⁸⁸.

⁸⁶ Galhardo, José Emygdio Rodrigues. In: **Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p. 298.

⁸⁷ LUZ, Madel T. **A arte de curar versus a ciência das doenças: História Social da Homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996, p. 67.

⁸⁸ GALHARDO, in: **Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia. 1928**. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil. p.304.

Outro fato bastante interessante referente à propagação da homeopatia refere-se a esta ter sido muito aplicada aos escravos. Tanto no Instituto Homeopathico quanto pelos próprios donos dos escravos e fazendeiros através de manuais e compêndios. Alguns fazendeiros, inclusive, atestavam as curas homeopáticas através de artigos em jornais:

Atestado,

Nós abaixo assignados, fazendeiros e moradores dos diversos municípios do interior, atestamos que os diferentes remédios de que faz menção um compendio de diversos remédios recommendamos aos fazendeiros são de summa e verdadeira efficacia para todas as moléstias de que trata o dito compendio. Nós os temos applicado sempre com o mais feliz successo, e não temos o menor escrúpulo de os afiançar e recommendar a todos os habitantes do interior; as provas que temos tido das curas operadas por estes remédios é uma garantia segura das suas virtudes.

O remédio anti-febril, o elixir anti-venereo e bobatico, o elixir para obstrucção e oppilação, os pós infantis para as enfermidades das crianças e as pílulas estomacaeas tem sido frequentemente applicados por nós (seguindo o directorio próprio que vem no compendio), pois são essas moléstias que mais a miude apparecem na escravatura, e sempre temos visto com prazer curados radicalmente e em breve tempo todos os enfermos.

Em abono da verdade, e para bem da humanidade, assignamos o presente atestado.

(Assignados) Manoel Pereira de Souza Barros. – Antonio Leite Pinto. – José Pereira Terra. – Floriano Leite Ribeiro. – Francisco Theresiano Fortes. – Carlos Theodoro de Souza Fortes. – Francisco Martins Pimentel. – José de Lima e Almeida. – Antonio Pereira Leite de Souza. – Raymundo Teixeira de Paiva. Seguem-se outros muitos⁸⁹.

⁸⁹ Jornal do Commercio, 05/05/1845 n.119.

Um grande auxiliar de Müre na propagação da homeopatia foi o Dr. João Vicente Martins. Nascido em Portugal, no dia 16 de setembro de 1808, concluiu o curso da Escola Medico Cirurgica de Lisboa em 1836. Chegou ao Rio de Janeiro em 1837, passando a exercer a profissão de médico, primeiramente atuando como oftalmologista. Assumiu, ainda, o cargo de médico no Hospital dos Lázaros e o de encarregado da clínica externa dos expostos da Santa Casa da Misericórdia. Quando “convertido”⁹⁰ à homeopatia, muitos companheiros de profissão passaram a negar-lhe qualquer mérito e seu diploma de cirurgião foi considerado inexistente e apócrifo. Vicente Martins publicou um extenso número de obras tanto sobre homeopatia e sua propaganda, quanto a respeito do ensino de analfabetos, e sobre literatura; colaborou na imprensa diária e periódica; promoveu a fundação das Sociedades de São Vicente de Paulo, e a consequente vinda das irmãs da Caridade. Na segunda grande reunião annual do Instituto, em 2 de julho de 1844, para solenizar a memória de Hahnemann, João Vicente Martins desenvolveu o plano de uma Academia de Medicina Homeopathica e Cirurgica, plano que foi aceito e adotado pela diretoria. Naturalizou-se brasileiro em 1853 e faleceu aos 46 anos de idade, no dia 7 de julho de 1854⁹¹. Segue um exemplo da propaganda homeopática feita por João Vicente Martins.

(...) Fallemos claro e verdade.

A homeopathia tem melhorado a saúde publica, e não é a saúde que sustenta os médicos, são as enfermidades.

A homeopathia tem diminuído a mortalidade; e não é esta diminuição que acredita os médicos allopathas nem a allopathia. Esta diminuição é pelo contrario um desengano para o povo, uma derrota para a velha escola.

A homeopathia vai sendo posta ao alcance de toda a gente que a quer estudar e tem vontade de aliviar as dores de seus semelhantes; e seu estudo é facilimo, como o estudo de toda a sciencia exacta; e não é isto o que pode convir a uma classe que se

⁹⁰ Expressão muito utilizada entre os homeopatas para designar a transferência dos alopatas para a doutrina homeopática.

⁹¹ Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.** 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p.677-678.

baseava sobre a ignorância em que o povo existia a respeito de sua primeira e mais urgente necessidade- curar-se – preservar-se.

(...) Continuarei a empregar todas as minhas forças, capacidade e vida para que a homeopathia seja conhecida: sustentarei como possível fôr, a dignidade da escola que me há conferido um titulo qualquer que seja o valor que elle tenha aqui: quando mesmo constringido seja a não exercer mais a cirurgia nem tampouco a medicina, fica-me coragem para ensinar por escolas, pelos adros das igrejas, pelas praças publicas, por toda a parte onde encontrar ouvintes: fica-me coragem para me expor ás irrisões dos nescios, comtanto que instrua os homens de fé sincera e probidade⁹².

De acordo com Galhardo⁹³, o ano de 1845 foi um período bastante fértil para a homeopatia, cercado de polêmicas traduzidas pelos jornais, em que homeopatas divulgavam suas curas e os alopatas replicavam suas angústias e insatisfações com esta nova arte de curar. Ainda segundo este autor, o ano seguinte continuou arrastando polêmicas e mesmo desentendimentos entre estas distintas correntes médicas. Um dos principais motivos para tais discussões fora o reconhecimento da Escola Homeopathica pelo imperador D. Pedro II.

No Jornal do Commercio datado de 17/01/1845, pode-se ler uma nota do Instituto Homeopathico do Brazil abordando a criação de uma Escola Homeopática.

Instituto Homeopathico do Brazil

Domingo 12 do corrente, ás 5 horas da tarde, na rua do Conde n.2, celebrar-se-ha a terceira grande reunião geral, na conformidade do artigo 8 dos estatutos. Em seguimento á sessão, terá lugar a instalação da Escola de Medicina Homeopathica, conforme o plano adoptado na reunião de 4 de julho ultimo. Os Srs. Sócios são convidados a comparecer, apresentando novos candidatos a uma associação que mais de uma promessa tem

⁹² Jornal do Commercio, 16/02/1846 n.47.

⁹³ Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p.321.

realizado em proveito das classes pobres. – Dr. Lisboa, 1º secretário.

Segundo Galhardo⁹⁴, o reconhecimento da Escola Homeopathica originou muitos ataques promovidos por médicos alopatas aos homeopatas e alguns membros do governo.

A propagação da homeopatia no Brasil enfrentou muitos obstáculos e sua trajetória foi marcada por constantes tentativas de legitimação⁹⁵. No momento de sua inserção no cenário brasileiro a homeopatia sofreu inúmeras críticas da medicina oficial que, por medo de perder seu poderio, marginalizava a mesma através da autoridade já estabelecida de suas práticas comprovadas através de seu racionalismo científico⁹⁶, enfatizando um caráter obscuro e místico na medicina de Hahnemann.

Factos Homeopathicos.

A tarefa é árdua, mas nós nella continuaremos, únicos sábios e verdadeiros médicos; mostrar-lhe-hemos que elles occultão a verdade, e que, chamando os allopathas de assassinos, ignorantes, etc., tirão de si para enfeitarem os outros.

A senhora do Sr. Velloso, morador na Guia, ia pacificamente vivendo com uma lesão no coração que era allopathicamente minorada: mas vai alli um Sr. Monteiro, que estudou o 1º anno medico, e que por ter RR na aprovação nunca mais voltou á escola de medicina, e que entretanto é foureista e homeopatha; este senhor com a sua homeopathia decide a infeliz senhora a tratar-se pelo maldito systema, do que resultou aggravarem-se de tal forma seus incommodos e soffrimentos, que seu esposo, vendo-a prestes a succumbir, mandou a esta cidade buscar os allopathas que benignos a forão soccorrer, mal podendo suster os effeitos da homeopathia, fazendo a victima durar mais alguns dias no mundo! Que bella medicina! Só ella é

⁹⁴ Idem, p.340.

⁹⁵ SIGOLO, Renata Palandri. *Em Busca da “Sciencia Medica”*: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: Tese de Doutorado – UFPR, 1999. p.19.

⁹⁶ LUZ, Madel T. *A arte de curar versus a ciência das doenças*: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996. p.143.

capaz de dar cabo de todo o universo: terrível é a sorte dos Brasileiros com taes experiencias!! O Pro-Galenista⁹⁷.

O artigo acima é apenas um exemplo das inúmeras críticas impressas no *Jornal do Commercio* condenando as práticas homeopáticas, anunciando possíveis malefícios causados à saúde de algumas pessoas, e ou a ineficácia de sua terapêutica. No artigo citado, percebe-se que a crítica não é feita a suposta ineficácia do tratamento, anunciando um possível efeito placebo da homeopatia, mas sim ao defendido efeito negativo causado por esta, ou seja, acreditava-se que a homeopatia fazia sim efeito, mas não o efeito esperado. No exemplo mencionado o uso daquela terapêutica teria ocasionado a piora da doente.

Os homeopatas, porém, não silenciavam frente aos ataques dos alopatas, e promoviam extensos debates recheados de réplicas e tréplicas, todos veiculados nos jornais leigos, especialmente no *Jornal do Commercio*, o jornal de maior circulação no período abordado, com a clara finalidade de atingir o grande público, fazendo-o ter acesso à propaganda da nova terapêutica que buscava novos adeptos. Na citação abaixo, tem-se uma crítica severa aos homeopatas, apresentada neste jornal, que é rebatida por seus acusados. Esses embates, entre alopatas e homeopatas, eram bastante frequentes, e nos chama a atenção que não se restringem aos periódicos especializados, mas sim eram apresentados nos jornais de circulação popular. Por certo esta era a intenção de seus críticos, colocar a população a par da discussão, induzindo-os a sensibilizarem-se por um dos lados.

(...) O Galenista provará perante o publico que nos deve julgar, Sr. Mure, a sinceridade de suas opiniões a respeito da pratica homeopathica, e os justos motivos que lhe obrigão a reprovar essa pretendida sciencia, tão desprezada no mundo civilizado, e que, considerada por alguém como methodo de tratar certas enfermidades, não póde figurar de superior aos até hoje conhecidos no mundo medico, e menos preferir á allopathia!... O Galenista enfim irá publicando os factos que colher, discutindo por fim os que a isso se prestem, e distante confundirá o Sr. Mure por

⁹⁷ *Jornal do Commercio*, 25/05/1846 n.142.

todos os follicularios que lhe achoão as pretenções, os desvarios de uma criminosa apastesia, em que o conserva somente A AMBIÇÃO E O GANHOS!...

(...) O Sr. Joaquim José da Cunha, morador na rua da Ajuda n.77, tomou um glóbulo homeopathico, e teve convulsões!... Chamado o apostolo das experiências puras (grifo meu), em vez de seguir o preceito do mestre, de esperar que terminasse o effeito da infinitesima dose convulsiva, foi sangrando o doente. Tal é a confiança que tinha na efficacia e realidade da medicina do divino Hahnemann!... Não é tão poético isto, Sr. Mure? (...)

O Galenista. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1846⁹⁸.

O Dr. Mure, especialmente mencionado nas críticas do Galenista, responde as suas provocações em tom bastante irônico. O Jornal do Commercio optou por publicar crítica e réplica na mesma data, uma seguida à outra.

Homeopathia

É impossível seguir uma questão scientifica quando os adversários tudo invertem, tudo desfigurão e dão a nossas palavras diversas interpretações, e forção conclusões sobre premissas que se não achão nos nossos escriptos. Quando vimos o Galenista, o Dr. Mattos, o Margagnista e outros, discordando entre si, adulterando todos os argumentos, fazendo citações falsas e mutiladas, comprehendêmos perfeitamente a confusão dos obreiros de Babel, quando os fulminava a justiça do céu e os envolvia no pó, de soberbos e invasores da divina potesta de tornados humildes, e rastejando até desaparecer.

(...) Assim como do chãos tirou Deos o mundo, a homeopathia surgirá radiante deste montão de ruinas da velha escola. Nós o esperamos, porque temos fé. Continuai, senhores, que estais no vosso elemento, insultai-nos, calumniar-nos, amontoai palavrões, desfigurai todos os factos, mutilai desapidadamente nossas phrases, os factos irão

⁹⁸ Jornal do Commercio, 24/04/1846 n.113.

depondo contra vós, nossas palavras irão sendo lidas por olhos não turvos de raiva, e meditados por espíritos imparciaes.

(...) Continuem, meus senhores, continuem: não será pelo numero nem pela intriga que nos hão de afugentar: nós resumiremos toda esta polemica, e lhe responderemos de uma vez: então e á vista dos factos o publico decidirá: entretanto elle, cuja causa pleiteamos, estudará nossas doutrinas, nossos costumes e nossas tendências, e vós não podereis illudi-lo, e ainda bem que sois anonymos, senão terieis de correr-vos de vergonha.

Dr. Mure. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1846⁹⁹.

Interessante perceber ainda o discurso religioso implícito na defesa dos homeopatas. A homeopatia por vezes é considerada uma doutrina divina, ideia esta mais defendida após o advento do espiritismo no Brasil, que será mais bem analisada posteriormente.

Outro importante obstáculo enfrentado pela homeopatia foram as dissidências internas ocorridas ao longo do tempo. A principal delas versava sobre a obrigatoriedade ou não do diploma de medicina para exercer a nova doutrina. Os dissidentes concentravam-se em torno de dois centros, um deles diz respeito aos que apoiavam o Dr. Mure, defendendo o exercício livre da homeopatia, após é claro, fossem recebidas suas noções na própria Escola Homeopathica ou por meio de livros para os que residissem fora do Rio de Janeiro.

Do outro lado, estavam os que acompanhavam Duque-Estrada, que julgavam imprescindível o diploma de médico ou de farmacêutico, obtido nas escolas regulares, para a prática da medicina e da farmácia homeopáticas. Estes últimos, fundaram em 4 de outubro de 1847 a Academia Medico-Homeopathica. Posteriormente, em 2 de dezembro de 1847, tal academia instalou o Hospital Homeopathico¹⁰⁰.

Em março de 1848, em reunião extraordinária do Instituto Homeopático, o Dr. Mure demite-se da presidência e, em 8 de abril faz publicar um artigo sobre seu afastamento por motivo de doença. Em

⁹⁹ Jornal do Commercio, 24/04/1846 n. 113.

¹⁰⁰ Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p. 424.

13de abril, deixou o país. Retorna à Europa e posteriormente rumo para o Egito a fim de continuar a sua propagação da doutrina homeopática.

A contribuição do Dr. Müre para a definitiva implantação da homeopatia no Brasil é inegável. Segundo números fornecidos por Sophie Liet, que foi sua aluna, e o acompanhou posteriormente ao Egito, Müre teria deixado, só na província do Rio de Janeiro, mais de 25 dispensários, e no restante do império, 50. A sua obra intitulada "Prática elementar da homeopatia", teve uma tiragem de mais de 10.000 exemplares e serviu para a aplicação nas plantações de cana de açúcar, onde houve uma melhora no que se refere à saúde dos escravos, com uma baixa da mortalidade de 10% para 2 ou 3%. Müre também formou mais de 500 alunos que passaram a praticar a homeopatia em toda a América do Sul¹⁰¹.

Com a partida do Dr. Müre para a Europa, João Vicente Martins, aquele mesmo fervoroso propagandista da homeopatia outrora citado, continuou o legado do médico francês, assumindo, ainda, o cargo de 1º secretário do Instituto Hahnemanniano. A presidência do Instituto foi confiada ao Dr. Duarte Moreira que igualmente tinha a seu cargo a direção da Escola Homeopathica. A Academia Medico Homeopathica foi presidida pelo Dr. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada, ocupando o cargo de 1º secretário o Dr. Maximiano Marques de Carvalho¹⁰².

João Vicente Martins fornecia gratuitamente remédios e livros homeopáticos aos padres e inspetores de quartirão que os solicitassem. Diariamente publicava, no Jornal do Commercio, cartas de solicitação e recibos comprovadores de haverem recebido os medicamentos e os livros. Por esse meio espalhou a homeopatia pelo Brasil afora¹⁰³. Desta forma, o uso das Folhinhas Homeopathicas e dos Manuais Homeopathicos era comum, sendo constantemente anunciada sua venda

¹⁰¹RIBEIRO, Mário Antônio Cabral, in: **História da Homeopatia no Brasil**, http://www.medholistica.med.br/historia_da_Homeopatia_no_Brasil_geral.pdf, p.6-7. Acesso em: 10/08/09.

¹⁰²Galhardo, José Emygdio Rodrigues. In: **Livro doPrimeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p. 512.

¹⁰³Idem,p. 614.

em jornais, como o *Jornal do Commercio*. Sabe-se que isso era uma estratégia de propagação da homeopatia, principalmente nos locais que não existiam homeopatas ou que eram de difícil acesso.

Sahio A' Luz A Folhinha Homeopathica de 1846: Esta folhinha é indispensável para os doentes que se quizerem tratar homeopathicamente. Nella se encontram todas as explicações necessárias para os enfermos seguirem com regularidade o tratamento homeopathico, e ate mesmo para os das províncias poderem ser tratados por correspondencia. As pessoas que ainda estão duvidosas a respeito dos progressos da homeopathia, encontrarão nessa folhinha quanto as posso satisfazer, assim como as instituicções necessárias para poderem fazer experiências puras, que é o melhor meio de convencer-se. Vende-se na côrte, rua de S. José n.59; em Nitheroy, loja do Sr. Rego, largo de S. João, e em todas as lojas de livros as côrte e das províncias. Preço 320 réis, com grande abatimento a quem comprar maiores porções¹⁰⁴.

O uso das Folhinhas Homeopathicas foi de extrema importância para a propagação da homeopatia, pois permitiam que os próprios enfermos obtivessem a maneira de como curar-se, mesmo na falta de um médico. Outro ponto interessante destas folhinhas eram as experiências propostas a serem realizadas para comprovarem a eficácia do tratamento.

Outro meio importante de propagação da homeopatia eram os Manuais Homeopáticos, estes mais utilizados por quem desejasse curar por meio da homeopatia, que mesmo não possuindo a formação de médico, valendo-se de tais manuais obteriam a forma correta do tratamento. Importante lembrar que este foi um ponto de divergência entre Müre e Duque-Estrada. O primeiro defendia a propagação da homeopatia através dos manuais homeopáticos, já o último a defendia apenas pelos diplomados.

Manual Homeopathico, pelo Dr. Emilio Germon, Contendo a descripção e tratamento das molestias que grassão com mais frequência no Brazil; 1 vol. De mais de 300 paginas. Rs 2\$000.

¹⁰⁴ *Jornal do Commercio*, 25-11-1845 n.321.

Esta obra, tão vantajosamente conhecida do publico, se torna indispensável a todos os professores de medicina e curiosos que quizerem curar por este novo methodo, que conta em seu favor numerosas curas refutadas até hoje como impossíveis. Vende-se na livraria de E. e H. Laemert, rua da Quitanda n.77, e em casa de seu autor, o Dr. Emilio Germon, rua dos Ourives n.82, esquina do Rosário¹⁰⁵.

Dando continuidade à propagação da homeopatia no Brasil, foi fundado, a 6 de junho de 1859, pelos Drs. Jacintho Rodrigues Pereira Reis, Joaquim José da Silva Pinto e Saturnino Soares de Meirelles, em companhia de mais vinte senhores o Instituto Hahnemanniano do Brasil. O Instituto teve uma curta existência, segundo Galhardo, devido principalmente pela dissidência criada pelos homeopatas chefiados pelo Dr. Duque-Estrada¹⁰⁶. “Este Instituto que se iniciou sob auspícios tão promissórios, publicou um jornal, a Gazeta do Instituto Hahnemanniano do Brasil, mas teve vida ephemera. A dissidência, em que sempre viveu o Dr. Duque-Estrada e seu grupo, matou todas as instituições homeopathicas dessa época”¹⁰⁷.

É importante relatar que em julho de 1853, através do Jornal do Commercio, o Dr. Maximiano Marques de Carvalho solicitou ao Congresso, a criação de uma cadeira para ensino da homeopatia nas escolas de medicina. Esta proposta foi rejeitada pelo Sr. Dr. Jobim que a combateu ferozmente¹⁰⁸.

O indeferimento dado a esta solicitação, envolveu o Imperador D. Pedro II, (julgado um inimigo da doutrina hahnemanniana), enfraquecendo a atividade do Instituto, cujos membros já não se reuniam com a habitual pontualidade. No entanto, Galhardo aponta que o parecer da Congregação não deixou de influenciar a opinião pública, que passou a desdenhar da homeopatia e de seus adeptos.

O Instituto chegou mesmo a passar um longo período de mais de três annos sem se reunir. (...)

¹⁰⁵ Jornal do Commercio, 31/03/1845, n.86.

¹⁰⁶ Galhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanniano do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p. 693.

¹⁰⁷ Idem, p.694.

¹⁰⁸ Idem, p.669.

Esta era a situação do Instituto Hahnemanniano em 1900, quando o Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, actual Presidente do mesmo Instituto e deste Congresso, resolveu convidar os colegas para uma reunião de sessão extraordinária do referido Instituto, reunião que teve lugar á rua São José nº 56, ás 7 ½ horas da noite do dia 7 de julho de 1900. (...) Foi esta sessão a inicial de uma nova actividade do Instituto, que desde então jamais interrompeu seus trabalhos, marchando num perenne reerguimento como previra o Dr. Dias da Cruz, principal fator moral dessa nova orientação¹⁰⁹.

Desde a sua inserção no Brasil, na década de 1840, a homeopatia sofreu influências religiosas, primeiro do catolicismo, e após 1860, do espiritismo. Em relação ao catolicismo, esta influência revela-se, por exemplo, no discurso dos divulgadores da doutrina, que a encaravam como missão:

(...) o ‘Hymno á Homeopatia’, que descreve a medicina hahnemanniana como sciencia divina vinda dos céus; a profissão de fé feita pelos formandos da Escola Homeopática em 1857, onde juravam em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; e ainda, o símbolo do Instituto Hahnemanniano do Brasil, mantido até os dias de hoje, onde se pode ver um cacique sobre uma região da terra, que representa o Brasil, emponhando uma cruz, symbolo da fé propagada em todo o território brasileiro, e, finalmente, a aguia de Hahnemann dilacerando a serpente de Galeno¹¹⁰.

Ivone Gallo¹¹¹ aponta que o sentido da religião para muitos socialistas, tal qual Müre é o da virtude da caridade. Os homeopatas

¹⁰⁹ Idem, p.772-774.

¹¹⁰ SIGOLO, Renata Palandri. *Em Busca da “Sciencia Medica”*: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: Tese de Doutorado – UFPR, 1999. p.47.

¹¹¹ GALLO, Ivone. In: **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX** disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ivone%20Gallo.pdf> p.7. Acesso em: 29/06/2011.

praticavam essa caridade através das ações do Instituto Homeopathico do Brasil, principalmente na forma de consultas gratuitas aos mais pobres. A mesma autora afirma ainda que a militância espelhava essa diversidade de postulados, o que teria feito deste Instituto uma verdadeira irmandade. Desta forma, levados pelo idealismo de renovação, muitos homeopatas sentiam-se apóstolos desta “igreja nascente” que os unia em ações de total solidariedade e desprendimento.

Aqui estabelecemos um elo, que pareceria absurdo antes, entre a homeopatia e o socialismo, como ciências complementares. Aqui, além disso, o socialismo representa um exercício de vida, não uma teoria, que perpassa as atividades do dia a dia fazendo da política uma experiência coletiva relacionada ao cotidiano, nas instituições e fora delas também. Esses militantes na prática tornavam a religião uma ciência e dotavam a ciência de um conteúdo espiritualista de tal forma a dissipar neste campo também, a contradição entre fé e conhecimento, pois o objetivo do socialismo é promover a conciliação universal, a união de contrários¹¹².

Ao analisarem-se tais apontamentos de Gallo, pensar a doutrina espírita parece essencial, afinal, esta filosofia desenvolvida no século XIX pelo pedagogo francês, cujo pseudônimo adotado fora Allan Kardec, defendia justamente a aproximação entre fé e ciência. Uma fé raciocinada, pautada nos princípios científicos de experimentação. No próximo capítulo tais questões serão mais bem analisadas.

Ainda sobre a relação religiosa entre a homeopatia e o catolicismo, Gallhardo¹¹³ relata um fato bastante interessante na trajetória propagandística de Vicente Martins. Diz que ao viajar pela Europa, no primeiro semestre do ano de 1852, este teria escrito ao Dr. Mello Moraes, relatando ter sido recebido como secretario do Instituto Homeopathico do Brasil, em audiência, de Sua Santidade o Papa Pio IX, a quem teria se apresentado, expondo minuciosamente os trabalhos dos homeopatas no Brasil, além de ressaltar o auxilio prestado pelo clero

¹¹² Idem, p.8.

¹¹³ Gallhardo, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia.** 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p.660-661.

brasileiro, especialmente pelos Exmos. e Rvmos. Srs. Bispo conde capellão-mór, bispo do Pará, e arcebispo da Bahia.

(...) o primeiro decidindo tão judiciosamente que o exercício da homeopathia (sendo medicina que não atormenta nem faz derramar sangue) é permittido aos padres propter necessitatem, mas gratuitamente a beneficio dos pobres; o segundo acceitando de nós e fazendo distribuir remédios e instrucções, ainda no mesmo sentido; e o terceiro unindo-se a nós no empenho de alcançarmos as Irmãs da caridade, em cujas mãos a homeopathia tem de operar milagres; e todos os demais padres, com muito especial menção os Srs. Conego Manoel Felizardo Nogueira, na província do Rio de Janeiro, e cura vigário Santiago Estrazulas y Lamas, em Montividéo, pela maneira efficaz porque exercem a homeopathia a beneficio dos pobres, attrahindo ainda mesmo por esse beneficio tão expontaneo muitas gentes á igreja de onde andavam desviadas. Sua Santidade, comprehendendo muito bem todo o alcance dessa nossa obra de caridade, a supplicas minhas humildes se dignou abençoar-a¹¹⁴.

Alguns padres também divulgavam ou mesmo aplicavam a homeopatia a seus fiéis valendo-se dos manuais e compêndios. Abaixo é relatado o exemplo do padre Manoel Gomes Souto, que ao ver-se curado pela homeopatia, resolveu aplicar tal terapêutica entre os seus seguidores.

Homeopathia Eu o padre Manoel Gomes Souto, declaro á face do mundo todo que, desenganado, sem esperança de salvar-me, recorri á homeopathia, e pelos seus meios manejados pela perícia do Sr. Dr. Duque-Estrada, fui salvo! Não se diga que exagero meus males: os meus antigos professores do outro systema poderão dizer se falta á verdade; a elles devo todo o esforço e bons desejos, porém ao Sr. Duque-Estrada e ao seu systema não só isso devo, mais igualmente a salvação da minha vida. Honra á homeopathia!

¹¹⁴Idem, p.660-661.

honra aos que a ella se dedicação, porque é ella a verdadeira medicina.

Animado pelo meu exemplo, por ella hei feito tratar todos os meus doentes sem que até hoje um só tenha perdido, antes ao contrário se hão todos salvado, e com admirável presteza. Lagôa de Rodrigo de Freitas, 6 de abril de 1845¹¹⁵.

Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos encontrados no *Jornal do Commercio* abordando a terapêutica homeopática, assim como a defesa desta entre fazendeiros, proprietários de escravos e padres. Foi neste meio que inicialmente a homeopatia se desenvolveu no Brasil oitocentista.

Relacionado a toda essa discussão realizada até o momento, destaca-se um importante trabalho desenvolvido pela socióloga Madel Luz, e publicado ainda no ano de 1996, intitulado *A arte de curar versus A ciência das doenças: História social da Homeopatia no Brasil*. Neste trabalho a autora faz uma abordagem histórico-social da homeopatia no Brasil, partindo desde a sua implantação através do Dr. Benoit Müre, percorrendo toda a sua trajetória até os anos de 1990, quando a pesquisadora coloca este como sendo o período da retomada da homeopatia, vista como Medicina Alternativa. Desta forma, a pesquisa de Madel Luz foi bastante válida, e porque não dizer fundamental para o trabalho ora desenvolvido, justamente por realizar uma abordagem bastante geral sobre a história da homeopatia no Brasil. É certo, porém, que por se tratar de uma análise que abarca 150 anos de história, muitos assuntos são tratados de maneira em passant, o que não torna menos interessante sua obra.

Especificamente sobre os fundamentos da doutrina homeopática e sua inserção no Brasil, Luz reserva um capítulo de seu livro, defendendo que todo aquele embate aqui relatado entre os homeopatas e os alopatas, sobretudo nos anos de 1840 e 1850, possuía um caráter muito mais político-institucional do que acadêmico-científico. A autora afirma:

Mais do que um debate científico, trata-se de uma batalha política pelo controle de espaços institucionais relacionados ao saber médico. Os homeopatas representam para a medicina oficial, desta forma, uma ameaça objetiva a ser enfrentada

¹¹⁵ *Jornal do Commercio*, 08/04/1845. n.93.

e eliminada.

116

São três os principais interesses de Madel Luz em sua pesquisa. A autora¹¹⁷ pontua que não desejava estabelecer se as teses homeopáticas eram verídicas ou não, mas sim, esclarecer que a visão da homeopatia como sistema médico metafísico, superado pelos avanços da ciência, faz parte das estratégias políticas da medicina oficial para desmoralizar a nova doutrina.

Em segundo lugar, Luz desejava demonstrar que a visão das teorias homeopáticas, difundidas pela medicina oficial, mais do que uma estratégia de defesa, era a expressão do desconhecimento do sistema homeopático, o que configuraria uma situação de bloqueio epistemológico, que se caracterizaria pela recusa pura e simples de aceitar um saber que se pauta por um sistema de categorias diferentes do saber científico hegemônico.

O terceiro principal interesse da autora fora demonstrar que a homeopatia não é um sistema médico espiritualista, pois, segundo ela, a homeopatia surgiu muito antes do Espiritismo, que só vai chegar ao Brasil no final do século XIX. Porém, Luz concorda que a homeopatia foi muito influenciada pelo Espiritismo, sobretudo nos três primeiros decênios do século XX. Afirma a autora:

É, portanto, a partir dos três primeiros decênios deste século que a medicina homeopática será grandemente influenciada pelo espiritismo, tanto no nível dos médicos, como no dos pacientes, em função da expansão da doutrina de Kardec e dos centros espíritas. O que não impede que, mesmo antes do último terço do século XIX, os espíritos receitassem nos centros, independentemente dos homeopatas, através de médiuns, a medicina homeopática como única medicina espiritualista¹¹⁸.

¹¹⁶ LUZ, Madel. **A arte de curar versus A ciência das doenças**: História Social da Homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996, p.72.

¹¹⁷ Idem, p. 93-95.

¹¹⁸ LUZ, Madel. **A arte de curar versus A ciência das doenças**: História Social da Homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996, p.95.

A relação entre a homeopatia e o espiritismo anunciada por Madel Luz, foi algo bastante recorrente, e que teve início nos anos de 1860, quando o Espiritismo chega ao Brasil. Nos capítulos seguintes esta temática será melhor analisada.

Capítulo 2: Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião – História e expansão no Rio de Janeiro do XIX.

2.1 Antecedentes do Espiritismo: Mesmer e o fluido vital

A doutrina espírita foi codificada por Allan Kardec, pedagogo francês do século XIX, porém o espiritismo não surgiu do nada, da ideia de uma única pessoa, mas é a junção de variados conceitos que foram sendo desencadeados e analisados no decorrer dos séculos.

A ideia mais recorrente, é que o processo de revalorização do espiritualismo que se desenvolveu no decorrer dos séculos XVIII e XIX na Europa tem origem em um movimento contestatório ao materialismo e ao dogmatismo cristão deste período. Com o desenvolvimento do Iluminismo houve a afirmação de um saber científico e materialista que resultou em uma separação absoluta entre conhecimento científico e conhecimento metafísico.

O racionalismo, que tem suas bases em Descartes e que foi desenvolvido por Newton, elegeu a dúvida metódica como instrumento para a produção de conhecimento sobre o homem e sobre a natureza e reduziu a ciência ao âmbito dos fenômenos passíveis de serem demonstrados através da experiência, desprezando toda especulação sobre a existência e ação de qualquer princípio metafísico.

Com o Iluminismo esse tipo de preceito metodológico deixou de ser utilizado apenas no âmbito do conhecimento físico-matemático e passou a ser empregado em outros campos do saber, contribuindo para que o materialismo acabasse por se firmar como princípio explicativo do Universo, descartando-se a possibilidade de aceitação de uma explicação transcendental para a natureza e para a própria existência humana¹¹⁹.

O século XIX foi então, bastante marcado pela ideia de progresso e pelo uso da razão, causando certo desinteresse pelas

¹¹⁹GIL, Marcelo Freitas. **O movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008, p.38-39.

doutrinas religiosas tradicionais. Sylvia Damazio aponta que neste período acirrou-se o confronto entre ciência e religião. “Deus fora eliminado enquanto princípio metafísico de explicação, sendo substituído pela Ciência enquanto forma de conhecimento que comporta uma garantia da própria validade”¹²⁰. É certo que a Igreja reagiu a este movimento, porém a saída encontrada foi ser ainda mais severa e intransigente.

A Igreja Católica procurou reagir a toda essa ordem de fatores. No entanto, ao invés de assimilar a noção de progresso em seu arcabouço teórico-doutrinário, mostrou-se intransigente, condenando o liberalismo, o socialismo, o evolucionismo e afirmando a infalibilidade papal em meio a todo esse contexto de efervescência intelectual, o que contribuiu decisivamente para o seu descrédito em meio a uma sociedade cada vez mais intelectualizada¹²¹.

É neste contexto de cientificismo, ideias de progresso e evolução que vai se desenvolver o espiritismo. É fato que existiu um movimento contrário a este materialismo, e que buscou renascer a partir de antigas crenças, como por exemplo, a cabala, a astrologia ou quiromancia¹²².

Nos Estados Unidos, a reação contra o cientificismo se expressaria em forma de movimentos religiosos que tiveram grande repercussão na Europa: em meados do século, os Mórmons e o Moderno Espiritualismo – resultado das manifestações dos espíritos provocadas pela mediunidade das irmãs Fox; nas últimas décadas, a organização da Sociedade da Torre de Vigilância do Sião, que se transformaria nas

¹²⁰DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994,p.21.

¹²¹GIL, Marcelo Freitas. **O movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008, p.43.

¹²²DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994,p.23.

Testemunhas de Jeová; a Sociedade Teosófica do Coronel Olcott e da célebre Madame Blavatski; o Adventismo de Mrs. Whitte; a Igreja de Cristo, fundada por Mary Baker Eddy. De todas essas correntes, o Moderno Espiritualismo merece um destaque pelo impacto que provocou em toda a Europa a partir de 1853¹²³.

Alguns estudiosos relacionam ainda as origens do espiritismo ao movimento espiritualista nos quais são figuras centrais os teólogos e místico Emmanuel Swedenborg e Kaspar Lavater, seu discípulo.

Esses dois visionários e intelectuais, em grande medida anteciparam algumas das ideias centrais que estão presentes no espiritismo, como a possibilidade do contato entre o mundo físico e o chamado ‘mundo espiritual’¹²⁴.

Swedenborg nasceu na Suécia no ano de 1688, era filho de pastor luterano, que mais tarde tornou-se bispo. Swedenborg foi importante cientista e destacado filósofo não apenas na corte de Estocolmo, onde desfrutava de grande prestígio, como também em toda a Europa e América¹²⁵.

O destacado cientista afirma que no ano de 1744 teve uma revelação, recebera a missão de ser o porta voz do sentido espiritual da Bíblia, até então oculto. A partir daí ele passou a dedicar-se aos estudos místicos.

Em sua obra, por ele chamada de Nova Revelação, Swedenborg antecipou muitas das ideias que mais adiante foram incorporadas pelo espiritismo, como a da existência de um mundo espiritual, a ideia de que o mundo físico é, na verdade, uma cópia do mundo dos espíritos e a possibilidade de comunicação entre vivos e

¹²³ Idem, p.23.

¹²⁴ GIL, Marcelo Freitas. **O movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008, p.38.

¹²⁵ DOYLE, 1998, p. 34, apud GIL, Marcelo Freitas. **O movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008, p.43.

mortos por intermédio de indivíduos especialmente dotados de uma faculdade para tanto. Em função disso os espíritas vêm em Swedenborg um precursor do espiritismo¹²⁶.

Fator interessante eram as visões à distância do cientista, que causavam muitas polêmicas e chegaram a ser investigadas. Destaca-se o caso ocorrido na cidade de Göteborg em 1759:

A afirmação de contatos com os espíritos e suas experiências psíquicas, inclusive de dupla vista, atraíram amigos e lhe conquistaram adversários. Suas visões à distância foram detalhadamente investigadas, como a ocorrida no dia 19 de julho de 1759, na cidade de Göteborg, a 480 km da capital sueca. Naquela tarde, Swedenborg jantou com a família de William Castell, juntamente com mais umas 15 pessoas e descreveu, pálido e alarmado, o incêndio que irrompera às 3 horas daquela tarde e foi dominado às 8 horas da noite, a uma distância de três portas de sua própria casa. Este dia era um sábado e somente na terça-feira, uma mensagem real confirmou os fatos, inclusive o detalhe de ter sido dominado às 8 horas da noite¹²⁷.

É interessante, porém, a maneira como os espíritas, através da revista Reformador, órgão de propaganda da Federação Espírita Brasileira, (FEB), identificam Swedenborg. Para estes, o estudioso fora um importante personagem na propagação de ideias espíritas, porém haveria falhado ao não ter sabido controlar sua “mediunidade”, deixando-se enganar e mesmo adoecer devido à “influências espirituais negativas”.

¹²⁶ WANTUIL; THIESEN, 2004, p. 245, apud GIL, Marcelo Freitas. O **movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008, p.43-44.

¹²⁷ Emanuel Von Swedenborg, o precursor do espiritismo, o grande médium vidente (1688-1772). Disponível em: <http://autoresespiritasclassicos.com/autores%20espiritas%20classicos%20%20diversos/Swedenborg/Swedenborg%20Livros%20Esp%C3%ADritas.htm> Acesso: 10/03/2012).

Sem dúvida alguma SWEDENBORG foi um ‘patrulheiro’ do Espiritismo, e um patrulheiro genial. Mas, apesar da sensibilidade aflorada, deixou a desejar como médium; pois deixou o seu corpo à mercê dos Espíritos, chegando praticamente à subjugação. Talvez por isso a sua doença; talvez por isso tenha sido tão incompreendido; talvez por isso tenha contribuído pouco para a Doutrina Espírita como patrulheiro. Parafraseando o Apóstolo Paulo, talvez por isso e por sua genialidade, ‘tenha sido apanhado em sua própria astúcia’¹²⁸.

Outro movimento que se desenvolveu na Europa no mesmo período e que contribuiu para preparar o terreno para o desenvolvimento dos ideais espíritas foi o mesmerismo, movimento defendido pelo médico alemão Franz Anton Mesmer.

Mesmer nasceu em 23 de maio de 1734, em Iznang, aldeia próxima ao lago de Constança, na Suábia, região que hoje pertence a Alemanha. Era de família tradicional e católica. Em 1750 ingressou na Universidade de Dillingen, na Baviera, onde se doutorou em Filosofia. Em 1754 iniciou o curso de Teologia, na Universidade de Ingolstadt, Baviera. Já em 1759, ingressou na Universidade de Viena, na Áustria, com a intenção de estudar Direito, porém, transferiu-se para o curso de Medicina, doutorando-se em mais este. Foi então como médico que Mesmer desenvolveu sua mais importante e conhecida terapêutica, o mesmerismo, que foi desenvolvido a partir da descoberta de um fluido magnético ultrafino e invisível que envolveria todo o universo e que penetraria em todos os corpos, o magnetismo animal¹²⁹.

A descoberta teria ocorrido após Mesmer ter utilizado imãs experimentalmente para o tratamento de casos de histeria, quando afirmou que este procedimento induzia seus pacientes a crises convulsivas que, frequentemente, produziam uma melhora em seu quadro clínico, chegando mesmo a sua cura completa.

¹²⁸Reformador, Revista de Espiritismo Cristão Deus, Cristo e Caridade. Federação Espírita Brasileira. Ano 108, nº1941, Dezembro de 1990. In: **Swedenborg: um patrulheiro do Espiritismo**, Isso Jorge Teixeira, p.20.

¹²⁹**Franz Anton Mesmer**. Disponível em: www.espiritismogi.com.br/biografias/mesmer.htm Acesso em: 02/11/2011.

A princípio, ele concluiu que os imãs eram os responsáveis pelas curas, mas após a realização de outros experimentos notou que conseguia atingir os mesmos resultados apenas ao friccionar a pele do paciente com os dedos, sem recorrer aos imãs. Convencido de que suas curas eram o resultado da manipulação de um fluido magnético invisível a olho nu, rapidamente Mesmer chegou à conclusão de que muitos indivíduos possuíam a capacidade inata de manipular e transmitir o fluido magnético, passando a designar essa capacidade pelo termo de magnetismo animal, que popularmente era chamado de mesmerismo numa referência ao seu descobridor¹³⁰.

Mesmer desenvolveu uma concepção própria de saúde e de doença: a saúde seria o estado em que o fluido magnético percorria normalmente pelo organismo dos indivíduos; já a doença, ocorreria a partir de algum obstáculo que impedisse este fluido de percorrer sua trajetória habitual. A terapêutica desenvolvida pelo médico alemão buscava restaurar a saúde a partir do equilíbrio do fluido magnético no organismo. Na busca de tal equilíbrio, Mesmer e seus seguidores utilizavam-se principalmente de seus dedos, que serviriam como condutores do fluido, e os apontavam para a área enferma, objetivando provocar uma crise no doente¹³¹. A retomada do fluxo normal após a mesmerização significava a supressão do obstáculo e a volta do corpo ao equilíbrio, isto é, ao estado de saúde¹³².

Devido à popularidade da terapêutica de Mesmer entre os parisienses, a Academia de Ciências da França passou a questionar a cientificidade de seu método. Em 1784, o rei Luis XVI determinou a criação de uma comissão, composta entre outros, pelo cientista

¹³⁰JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro, 2008. (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde), p.96.

¹³¹Esta prática desenvolvida por Mesmer é muito similar à terapêutica espírita de cura, denominada passe magnético ou passe fluídico, adotada anos mais tarde. Tal similitude não é em vão, o próprio Kardec, assumiu pautar-se nos estudos de Mesmer sobre magnetismo. A seguir a relação mesmerismo – espiritismo será melhor analisada.

¹³²JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro, 2008. (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde), p. 96-97.

Benjamin Franklin, pelo químico Antoine Lavoisier, pelo astrônomo Jean Sylvain Bailly e pelo médico Joseph-Ignace Guillotin, que deveria investigar a real existência do fluido magnético. A conclusão foi de que o magnetismo animal era uma prática sem base científica¹³³.

O principal problema apresentado pela teoria de Mesmer para a comunidade científica do período estava centrado na impossibilidade de se poder observar e mensurar o fluido magnético de uma forma científica e experimental. O modelo epistemológico da filosofia natural, ao procurar estabelecer as causas dos fenômenos naturais, aceitava a possibilidade de que o mundo efetivamente funcionasse da forma como um investigador racional demonstrasse que fosse possível. O problema decorrente deste tipo de elaboração conceitual derivava da possibilidade de que um determinado elemento da natureza que fosse investigado pudesse, na verdade, não se comportar do modo como era previsto pelo modelo teórico – que suas propriedades fossem, de fato, diferentes do que se apresentavam a princípio – e que mecanismos ostensivamente empíricos, como no caso das curas magnéticas de Mesmer, resultassem em sistemas teóricos vazios¹³⁴.

Após as conclusões da Academia de Ciências de Paris, Mesmer abandonou a França, mudando-se para Londres, e em seguida para Viena. É interessante perceber que, segundo diversos autores, tais qual Alexander Jabert, Sylvia Damazio e Ubiratam Machado, a saída do magnetizador da França não significou o fim do mesmerismo. Jabert¹³⁵ pontua ainda, que o tratamento realizado através da cadeia magnética continuou a ser utilizado não apenas por médicos, mas principalmente, a partir do século XIX, por magnetizadores leigos em logradouros públicos.

A febre do mesmerismo em Paris, no período de 1778 a 85, não se detém ante nenhum fosso social.

¹³³ Idem, p.97.

¹³⁴ Idem, p.97.

¹³⁵ Idem, p.98.

O fascínio subjuga a todos. Os doentes acorrem das mais diversas regiões da França e do exterior. Milhares de camponeses, aristocratas, burgueses, e até a rainha Maria Antonieta, procuram o palacete da praça Vendôme¹³⁶.

Jabert¹³⁷ elucida ainda que à época da revolução francesa, duas correntes do magnetismo já teriam sido definidas: uma ortodoxa e com pretensões científicas, buscava a cura dos doentes através da restauração de uma relação harmoniosa entre o organismo enfermo com o fluido magnético; outra mística e muito popular. Esta última teve grande aceitação em toda a Europa no século XIX, especialmente na França. “Em Lyon, terra natal de Kardec, a prática do mesmerismo teria estado quase sempre ligada aos cultos espiritualistas”¹³⁸.

Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido por seu pseudônimo, Allan Kardec, fora o codificador da doutrina espírita. Kardec foi contemporâneo a Mesmer, e nunca escondeu a influência que os estudos do magnetizador tiveram para o espiritismo. No afã de entender melhor esta relação, magnetismo – espiritismo acredita-se necessário elucidar mesmo que de forma breve quem foi Allan Kardec, e em quais princípios se baseia o espiritismo.

2.2 Breve biografia de Allan Kardec

Allan Kardec é o pseudônimo adotado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, renomado pedagogo francês, nascido na cidade de Lion, em 3 de outubro de 1804. Fora descendente de tradicional e católica família lionesa. Seus pais foram Jean-Baptiste Antoine Rivail, juiz, e Jeanne Louise Duhamel¹³⁹.

¹³⁶ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.41.

¹³⁷ JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro, 2008. (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde), p.98.

¹³⁸ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.81.

¹³⁹ WANTUIL, Zêus e Francisco Thiesen. **Allan Kardec: O educador e o codificador**. Vol.1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004, p.21.

Ainda muito jovem Rivail teria se revelado bastante inteligente e perspicaz observador, denotando franca inclinação para as ciências e para os assuntos filosóficos. Com cerca de dez anos de idade, seus pais o enviaram para Yverdun, na Suíça, no célebre Instituto de Educação ali instalado pelo professor João Henrique Pestalozzi¹⁴⁰.

Segundo Wantuil¹⁴¹, neste Instituto, os alunos gozavam de grande liberdade; as portas permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora. Tinha-se, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, porém cada lição durava uma hora sendo seguida de pequeno intervalo, durante o qual se trocava de sala. Algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartanagem e jardinagem. A última hora da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre.

Desde os catorze anos de idade, Rivail ensinava aos seus condiscípulos que possuíam maiores dificuldades, ou mais novos, as lições dos mestres, ensaiando-se, assim, em ‘colaborador’ do Instituto.

Numa carta escrita, em 1799, a um de seus amigos, sobre o orfanato de Stans, Pestalozzi detalhava: ‘Logo encontrei ajuda entre meus próprios alunos, e na diferença de capacidade de cada um deles. Servia-me dos mais adiantados para fazê-los ensinar aos seus colegas o que eles mesmos sabiam. Esta distinção lhes dava prazer; excitava neles pura e louvável emulação; consolidavam o que tinham aprendido, ao repetí-lo para os outros. (...) Eu me cercava, assim, de colaboradores, os quais, conformando sua conduta com a minha, seriam, com o tempo, bem mais úteis e melhor adaptados às necessidades do estabelecimento que os ‘instituteurs’ propriamente ditos¹⁴².

Quando voltou para França, Rivail logo se pôs a exercer o magistério, aproveitando as horas vagas para traduzir obras inglesas e alemãs e para preparar o seu primeiro livro didático, que fora publicado em 6 de dezembro de 1823, intitulado *COURS Pratique et théorique D’*

¹⁴⁰ Idem, p.25.

¹⁴¹ Idem, p.31.

¹⁴² Idem, p.63.

ARITHMÉTIQUE, d'après la méthode de Pestalozzi, avec des modifications— par H.L.D.Rivail, disciple de Pestalozzi. Publicou essa obra a Tipografia de Pillet-ainé, editor da 'Collection des Moeurs Françaises', rua Christine, n.5 (Paris). Sua obra era recomendada aos instrutores e às mães de família que desejassem dar aos seus filhos as primeiras noções de Aritmética. O método por ele empregado buscava desenvolver gradualmente as faculdades intelectuais do aluno, não se limitando a reter as fórmulas pela memória, mas sim penetrar-lhes a essência¹⁴³.

Kardec traduziu ainda, para o idioma germânico, obras de autores clássicos da França, especialmente os escritos de Fénelon (François de Salignac de la Mothe), dentre eles Telêmaco que foi posteriormente publicado, em fevereiro de 1830, para uso nos educandários¹⁴⁴.

Em meados de 1825 Rivail começa a dirigir a École de premier degré, primeiro estabelecimento de ensino por ele fundado em Paris, e no qual as crianças recebiam a instrução primária dita superior. Não se sabe ao certo por quanto tempo durou esta instituição¹⁴⁵.

Em 6 de fevereiro de 1832, Hippolyte Léon Denizard Rivail firmava seu contrato de casamento com a Srta. Amélie Gabrielle Boudet. Nascida em Thiais, em 23 de novembro de 1797, possuía nove anos a mais que Kardec. Filha única de Julien-Louis Boudet, proprietário e tabelião, e de Julie-Louise Seigneat de Lacombe, após cursar a escola primária, estabeleceu-se em Paris com a família, ingressando numa Escola Normal, de onde saiu diplomada em professora de 1ª classe. Chegou a publicar três obras: 'Contos Primaveris', 1825; 'Noções de Desenho', 1826; 'O Essencial em Belas Artes', 1828¹⁴⁶.

A relação entre Rivail e o espiritismo se inicia por volta do ano de 1855, quando após ser convidado para assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, aí presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas girantes. Não era, portanto, a primeira vez que ouvia falar de tal fenômeno, visto que mantinha contato prévio com o Sr. Fortier, interessado nos estudos sobre magnetismo. Afirma Kardec:

¹⁴³ Idem, p.96-98.

¹⁴⁴ Idem, p.140.

¹⁴⁵ Idem, p.119.

¹⁴⁶ Idem, p.129-130.

Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. ‘É com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam’¹⁴⁷.

O próprio Kardec, em seus escritos, reunidos e publicados após sua morte em *Obras Póstumas*, afirma que algum tempo depois deste encontro com o Sr. Fortier, foi novamente por ele inquirido sobre as mais recentes descobertas realizadas em relação ao magnetismo, desta vez, porém, o futuro codificador da doutrina espírita teria desconfiado da informação.

(...) Fortier me disse: Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. – Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé¹⁴⁸.

Foi então, que passado algum tempo, acompanhado do Sr. Fortier, Rivail foi à casa de uma sonâmbula, onde conheceu o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que em sua casa realizavam experiências de magnetismo. Foi nesta reunião, que pela primeira vez Rivail assistiu a manifestações das mesas que giravam, saltavam e corriam.

¹⁴⁷ **Obras Póstumas** – Allan Kardec. Ed. FEB, 26ª edição. 1944. 1ª edição francesa, Paris, 1890, p.265.

¹⁴⁸ Idem, p.265.

(...) Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato, que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo¹⁴⁹.

O professor Rivail passou a frequentar inúmeras reuniões onde, por meio de um lápis amarrado a uma cesta e as letras do alfabeto ao redor desta, muitas vezes se obtinham comunicações. Faziam-se as perguntas e a cesta movia-se selecionando as letras que aos poucos formavam frases. Hipollyte passou a levar para as sessões perguntas sobre problemas diversos, às quais eram respondidas pelos já denominados “espíritos”. Mais tarde – escreveu ele – ‘quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente’¹⁵⁰.

Suas obras principais sobre esta matéria são: O Livro dos Espíritos, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição foi publicada em 18 de abril de 1857; O Livro dos Médiuns, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); O Evangelho segundo o Espiritismo, concernente à parte moral (abril de 1864); O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); A Gênese, os Milagres e as Predições (janeiro de 1868); a Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Além disso, Kardec fundou em Paris, em 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, cujo fim era o estudo da nova ciência.¹⁵¹

A extensão, por assim dizer, universal que tomam, cada dia, as crenças espíritas, fazem desejar vivamente a criação de um centro regular de observações; essa lacuna vem de ser preenchida. A Sociedade, da qual estamos felizes por anunciar

¹⁴⁹ Idem, p.267.

¹⁵⁰ Idem, p.270.

¹⁵¹ Idem, p.15.

a formação, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenção, e animadas do desejo sincero de se esclarecerem, contou, desde o início, entre seus partidários, homens eminentes pelo saber e posição social. Ela está chamada, disso estamos convencidos, a prestar incontáveis serviços para a constatação da verdade. Seu regulamento orgânico lhe assegura homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; está baseada na experiência de homens e de coisas, e sobre o conhecimento das condições necessárias às observações que fazem o objeto de suas pesquisas. Os estrangeiros que se interessam pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, vindo a Paris, um centro ao qual poderão se dirigir para se informarem, e onde poderão comunicar suas próprias observações (1).

(1) Para todas as informações relativas à Sociedade, dirigir-se ao senhor ALLAN KARDEC, rua Sainte-Anne, 59, de 3 às 5 horas; ou ao senhor LEDOYEM, livreiro, galeria d'Orleans, 31, no Palais-Royal¹⁵².

Em 1861 houve a queima dos livros de Kardec em praça pública em Barcelona. E em 1862, em Bordéus, o padre Lapayre, jesuíta, pronunciou dois inflamados sermões atacando o espiritismo. O padre concordava que os espíritos pudessem se comunicar com os vivos, mas afirmava que os bons só o poderiam fazer na Igreja; as manifestações fora do local sagrado seriam obra do maligno¹⁵³.

Em relação à queima das obras espíritas, realizada no dia 09 de outubro de 1861, Allan Kardec se pronunciou através da Revista Espírita, edição de novembro do mesmo ano. Neste artigo, Kardec se demonstra espantado com o ato, e principalmente com a passividade que o mesmo foi recebido, sem maiores protestos.

O que não é menos exorbitante, e o que contra o qual se espanta, é não se ter visto um protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o

¹⁵² Allan Kardec, **Revista Espírita**, maio 1858. Disponível em: www.espirito.org.br. Acesso em: 20/10/2011.

¹⁵³ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.62.

bispo de Barcelona de fazer a polícia na França. Ao pedido que foi feito de reexportar as obras, respondeu com uma recusa assim motivada: A Igreja católica é universal, e os livros, sendo contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles vão perverter a moral e a religião de outros países.

Assim, eis um bispo estrangeiro, que se institui em juiz do que convém ou não convém à França! A sentença, portanto, foi mantida e executada sem mesmo isentar o destinatário das despesas de alfândega, que se teve muito cuidado em fazê-lo pagar¹⁵⁴.

Kardec relata que ao todo foram trezentos volumes queimados, sendo que o padre e seus ajudantes teriam sido vaiados pelos que assistiam, recebendo um “Abaixo a Inquisição!”. Uma parte das cinzas foi enviada à Kardec, entre elas um fragmento de O Livro dos Espíritos consumido pela metade, que foi conservado como testemunho do ato¹⁵⁵.

Finalizando seu artigo, o pedagogo francês pontua que acima de um ato arbitrário, a queima das obras espíritas desencadearia num efeito oposto ao esperado pelo bispo espanhol, pois incitaria a curiosidade daqueles que ainda não conheciam o espiritismo, divulgando ainda mais esta doutrina.

Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo, em Espanha, vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é; é tudo o que desejamos. Podem-se queimar os livros, mas não se queimam as ideias; as chamas das fogueiras as superexcitam em lugar de abafá-las. As ideias, aliás, estão no ar, e não há Pirineos bastante altos para detê-las; e quando uma ideia é grande e generosa, ela encontra milhares de peitos prontos para aspirá-la. O que se lhe haja feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não será só

¹⁵⁴Revista Espírita, novembro de 1861. In: **O resto da Idade Média: Auto-de-fé das obras espíritas em Barcelona**, p.281. Disponível em: www.espirito.org.br. Acesso em: 22/11/2011.

¹⁵⁵ Idem, p.282.

na Espanha que esse resultado será produzido, é o mundo inteiro que lhe sentirá o contragolpe¹⁵⁶.

Em 1º de maio de 1864 os livros de Kardec foram relacionados pela sagrada Congregação no Index Librorum Prohibitorum, juntamente com outros livros religiosos considerados heréticos¹⁵⁷.

Trabalhador incansável, Allan Kardec faleceu em 31 de março de 1869. Sofria a alguns anos de uma enfermidade do coração que lhe exigia descanso, porém disposto a concluir sua obra de codificação da doutrina espírita, não respeitava esta condição. Rompeu-se então um aneurisma e Kardec não resistiu¹⁵⁸.

2.3 Relação entre Espiritismo e Magnetismo

Já se discutiu anteriormente um pouco sobre a vida e a terapêutica adotada por Mesmer, por volta de 1774, com uso de fluidos animais. Inicialmente, Mesmer utilizava ímãs sobre as regiões enfermas como forma de tratamento.

Mesmer utilizava ímãs sobre as regiões enfermas, friccionava-as, colocava ímãs em bolsinhas de couro para que seus pacientes as usassem no pescoço, magnetizava água, taças, espelhos, vestidos, instrumentos musicais e outros objetos por fricção. Procurou um meio de acumular a energia magnética e conduzi-la. Construiu então o 'baquet', ou cuba da saúde, que viria a ser conhecido como a tina das convulsões. Era um grande tanque de água em que 'duas garrafas cheias de água magnetizada correm convergentes para uma barra provida de pontas condutoras móveis, das quais os pacientes podem aplicar algumas nas regiões doentes.'¹⁵⁹

¹⁵⁶ Idem, p.283.

¹⁵⁷ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.63.

¹⁵⁸ **Obras Póstumas** – Allan Kardec. Ed. FEB, 26ª edição. 1944, p.17-18.

¹⁵⁹ ZWEIG, 1956. p.37, apud SAMPAIO, Jáder dos Reis. In: **Mesmerismo e Espiritismo**. Disponível em:

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/mesmerismo-e-espiritismo.html> Acesso em 05/01/2012.

Posteriormente, o magnetizador percebeu que poderia utilizar apenas os dedos das mãos, servindo como condutores magnéticos, e escreveu um tratado sobre o magnetismo animal.

Segundo alguns estudiosos, a terapêutica de Mesmer, denominada mesmerismo, foi cercada de muito misticismo, o que poderia ter contribuído para a descrença científica.

Mesmer montou três grandes cubas no seu pequeno hospital. Neste ambiente, tocava-se piano ou harmônio e Mesmer entrava na sala usando uma longa bata de seda lilás e carregando consigo um bastonete de ferro com o qual tocava as áreas afetadas dos pacientes. Enquanto caminhava pela câmara era frequente o surgimento de convulsionários, principalmente no meio dos pacientes que se tratavam na cuba¹⁶⁰.

O mesmerismo foi mesmo uma febre entre os parisienses, expandindo-se por muitas outras regiões. O que interessa especificamente neste subitem é a relação encontrada por Kardec entre o mesmerismo e a doutrina que fora pelo pedagogo codificada.

No ano de 1858, mais especificamente em 1º de janeiro, Allan Kardec publica a *Revue Spirite*, um periódico mensal de estudos psicológicos. E é nesta obra, em distintas passagens em diferentes anos de publicação que podem ser encontradas algumas menções à Mesmer e sua terapêutica, assim como o que os espíritas acreditam ser a própria mensagem do magnetizador.

Sabe-se que Kardec era conhecedor do magnetismo, tanto que a princípio atribuiu o fenômeno das mesas girantes a este fluido. Desta forma, após iniciar a codificação da doutrina espírita, não foi difícil relacionar fluido animal e fluido vital.

Quando apareceram os primeiros fenômenos espíritas, algumas pessoas pensaram que essa descoberta (se se pode aplicar-lhe esse nome) iria dar um golpe fatal no Magnetismo, e que ocorreria com ele como com as invenções, das quais as mais aperfeiçoadas fazem esquecer a

¹⁶⁰SAMPAIO, Jäder dos Reis. In: **Mesmerismo e Espiritismo**. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/mesmerismo-e-espiritismo.html>Acesso em 05/01/2012.

precedente. Esse erro não tardou em se dissipar, e, prontamente, se reconheceu o parentesco próximo dessas duas ciências. Todas as duas, com efeito, baseadas sobre a existência e a manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar um mútuo apoio: elas se completam e se explicam uma pela outra.

(...) O Magnetismo preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos dessa última doutrina são, incontestavelmente, devidos à vulgarização das ideias da primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase, às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia nos comparar a um professor de física que se abstivesse de falar da luz¹⁶¹.

Portanto, Kardec conclui que os estudos de Mesmer foram fundamentais para a afirmação de conceitos trazidos pelo espiritismo. Afinal, a doutrina espírita coloca o fluido vital (por alguns descritos como fluido animal) como o fluido que anima o corpo, o que lhe dá vida. Na introdução de *O Livro dos Espíritos* escrita por Kardec encontramos:

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do

¹⁶¹ Allan Kardec, in: **O magnetismo e o Espiritismo** - Revista Espírita, março de 1858, p.90. Disponível em: www.espirito.org.br Acesso em: 10/06/2011.

fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc. Seja como for, um fato que ninguém ousaria contestar, pois que resulta de observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto ela existe; (...) ¹⁶².

Ainda no Livro dos Espíritos, no comentário ¹⁶³ à questão 555 intitulada: Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro? Encontramos:

O espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice ¹⁶⁴.

Outra passagem em que referências ao magnetismo podem ser encontradas é na Revista Espírita de Janeiro de 1864, em que uma mensagem atribuída ao próprio Mesmer é publicada, onde o magnetizador atribuiria a prece como outra forma de magnetismo.

Existindo no homem a vontade em diferentes graus de desenvolvimento, serviu, em todas as épocas, seja para curar, seja para aliviar. É lamentável ser obrigado a constatar que ela foi também a fonte de muitos males, mas é uma das consequências do abuso que, frequentemente, o ser faz de seu livre arbítrio.

¹⁶² Allan Kardec, in: **O Livro dos Espíritos**, 1857, 68 edição, p.15.

¹⁶³ Para os espíritas, as obras básicas da doutrina foram apenas codificadas por Kardec, mas de autoria dos espíritos que as comunicaram através dos médiuns. No caso de *O Livro dos Espíritos*, as respostas eram dadas pelos espíritos e os comentários eram muitas vezes realizados por Kardec.

¹⁶⁴ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**, 1857, 68 edição, p.279.

A vontade desenvolve o fluido seja animal, seja espiritual, porque, o sabeis todos agora, há vários gêneros de magnetismo, entre os quais estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que pode, segundo a ocorrência, pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus¹⁶⁵.

Com estas citações podemos perceber claramente a estreita ligação apontada por Kardec entre o magnetismo e o espiritismo, sempre pensando na complementação e correlação destas duas doutrinas.

2.4 – Espiritismo no Brasil: divulgação e dispersão

Por volta de 1840, o mesmerismo e o sonambulismo ganhavam adeptos na corte portuguesa. Posteriormente, um mecanismo de comunicação com o além foi desenvolvido, o fenômeno das “mesas girantes”, iniciado com as experiências das irmãs Fox¹⁶⁶. Nos países europeus, a partir de 1853, as reuniões em torno das mesas girantes ou dançantes haviam se multiplicado, transformando-se em um grande entretenimento. No Brasil, as experiências com as tais mesas popularizaram-se após algumas publicações sobre o assunto no Jornal do Commercio, a partir deste mesmo ano.

Devido à intensa popularização deste fenômeno de comunicação, muitas foram as explicações apontadas, mas em 1856, o Santo Ofício condenou as experiências e acusou de heréticas as pessoas que produziam os fenômenos. O que não foi, porém, suficiente para acabar com sua prática, afirma Damazio¹⁶⁷.

No Brasil, a inserção do espiritismo não foi algo completamente estranho a toda população, afinal, a comunicação com os espíritos já era praticada, principalmente por uma população escrava, voltada aos cultos dos orixás e oguns, e que mantivera suas crenças e práticas ancestrais protegidas por um processo de sincretismo com a religião oficial¹⁶⁸.

¹⁶⁵ **Mesmer**. Revista Espírita, Jan./1864, p. 7.

¹⁶⁶ Tal fenômeno já fora anteriormente explicado.

¹⁶⁷ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.60.

¹⁶⁸ Idem, p.61.

De acordo com Geziel Andrade¹⁶⁹, as primeiras notícias históricas da chegada do Espiritismo no Brasil encontram-se na Revista Espírita de julho de 1864, isto é, apenas sete anos após o lançamento de O Livro dos Espíritos. Allan Kardec reproduziu um artigo publicado no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 23 de setembro de 1863, que analisava a ocorrência do fenômeno das mesas girantes e da escrita mediúnica.

O espiritismo adentrou pela Bahia, em especial Salvador, principalmente devido a Luiz Olímpio Telles de Menezes, jornalista e professor, que em 1866 publicou a obra *Philosophia Spiritualista*. O espiritismo: Introdução ao estudo d'a Doutrina Spiritica extrahida D'o Livro D'os spiritos, publicado por Mr. Allan Kardec. Tal publicação gerou muita polêmica, afinal o autor não apenas traduzia parte da principal obra de Kardec, como também a comentava¹⁷⁰.

A obra de Telles de Menezes colocou o pensamento de Allan Kardec ao alcance da população, em sua maioria desconhecadora do idioma francês, o que, ainda segundo Gil¹⁷¹ provocou duas consequências imediatas: a difusão do espiritismo e o revide da Igreja Católica brasileira, que fez publicar em 25 de julho de 1867 uma Pastoral condenando a nova doutrina.

Nesta Capital publicou-se um pequeno livro com o título – Filosofia Espiritualista – o Espiritismo – cujas perniciosas doutrinas, contra toda expectativa, têm tomado incremento, pondo-se em prática certas superstições perigosas e reprovadas, que estão no domínio público, e no interesse da vossa salvação, amados filhos. Nós julgamos conveniente dirigir-vos esta Carta pastoral, para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e contra as superstições, que segundo as doutrinas nele contidas se estão

¹⁶⁹ ANDRADE, Geziel. **A trajetória do Espiritismo**. Capivari, SP, Editora EME, julho 2000, p.111.

¹⁷⁰ GIL, Marcelo Freitas. **O movimento espírita pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. 2008, p.72-73.

¹⁷¹ Idem, p.73.

praticando, como se nos tem informado, e do que já não é possível duvidar¹⁷².

A preocupação da Igreja não era apenas com a questão da comunicação com os mortos, elemento que já fazia parte da cultura negra no Brasil, mas sim com a inserção dessa crença no universo dos brancos. Enquanto essa crença permanecera como “coisa de negro” não havia um risco considerável para a Igreja. No entanto, a incorporação desses valores pelas classes mais privilegiadas representava uma ameaça à soberania do catolicismo no Brasil e justificava a reação das autoridades católicas.

Em meados da década de 1860, Salvador conheceu uma explosão espírita de que não há paralelo no Brasil. As obras de Kardec, lidas em francês, eram discutidas apaixonadamente nas classes mais cultas. O ambiente da velha cidade de Tomé de Souza era um convite e um desafio ao mistério. (...) ¹⁷³.

Para Emerson Giumbelli¹⁷⁴, o espiritismo, em sua versão francesa, foi introduzido no Brasil, em um momento em que várias correntes ideológicas chegavam da Europa, invadindo a intelectualidade nacional, o que é denominado por Maciel de Barros como ‘ilustração brasileira’. Desta forma, por volta de 1870, três vertentes intelectuais seriam formadas: uma cientificista, apoiada em leituras sobre positivismo, evolucionismo e darwinismo social, outra liberal, voltada

¹⁷² GIL, Marcelo, p.73, opcit MACHADO, Ubiratan, 1883, **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.84.

¹⁷³ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.87.

¹⁷⁴ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.60.

ao republicanismo e abolicionismo; e outra conservadora, dominada pelo pensamento católico.

Em torno de Telles de Menezes, formou-se o Grupo Familiar de Estudo do Espiritismo, fundado em 17 de setembro de 1865 e composto por um seleto número de intelectuais interessados em estudar a doutrina espírita. Neste grupo,

Havia aristocratas, como Francisco Antônio da Rocha Pita e Argolo, Visconde de Passé, filho do Conde de Passé, considerado o homem mais rico do Brasil de então, e o Barão de Saruípe. Médicos como o Dr. Joaquim Carneiro de Campos, filho do Marquês de Caravelas, e o Dr. Guilherme Pereira Rebelo, e até um delegado de polícia, José Álvares do Amaral. Logo de início, o grupo perdeu o seu componente mais velho e ilustre, Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima, figura de relevo na política estadual, ex-presidente da Província, comendador da Ordem da Rosa, falecido em finais de 1865¹⁷⁵.

De acordo com Célia Arribas¹⁷⁶, Telles de Menezes teria se correspondido com Kardec, e durante a implantação do Espiritismo na França, teria mantido relações de amizade com os espíritas franceses. Para Arribas, “foram, portanto, os seus contatos pessoais, propiciados pela sua situação social, uma das vertentes responsáveis pela entrada do espiritismo no Brasil”.

Dando continuidade a divulgação do espiritismo, Telles de Menezes, fundou, em 08 de março de 1869, no Grêmio de Estudos Espíritos da Bahia, o primeiro jornal espírita do Brasil, O Echo d’Além –Túmulos, com o subtítulo de Monitor do Espiritismo no Brasil. O jornal bimestral, circulou não só na Bahia, mas em outras partes do território nacional, bem como em Paris e em algumas outras capitais europeias. Quem o imprimiu foi a Tipografia do Diário da Bahia¹⁷⁷. A

¹⁷⁵ Marcelo Gil, p.74, apud MACHADO, 1983, p. 93.

¹⁷⁶ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.46.

¹⁷⁷ Idem, p.47.

notícia do jornal foi impressa na Revue Spirite em outubro de 1869 e em novembro do mesmo ano¹⁷⁸.

O Eco de Além-Túmulo aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4o, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. Com efeito, é preciso grande coragem de opinião para criar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos. A clareza e a concisão do estilo, a elevação dos sentimentos ali expressos, são para nós uma garantia do sucesso dessa nova publicação. A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do modo pelo qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias¹⁷⁹.

Compactua-se com a ideia de Célia Arribas, ao pontuar que o espiritismo até então existente no Brasil era o espiritismo de Telles de Menezes, isto é, era a sua seleção de trechos espíritas que levava o nome de espiritismo. “Telles de Menezes, dessa forma, imprimiu neste espiritismo suas recusas e suas aceitações, adaptando-o também às novas teorias científicas e repudiando práticas similares exercidas por adeptos das crenças afro-brasileiras”¹⁸⁰.

Devido a toda movimentação espírita ocorrida na Bahia, inclusive a repressão liderada pelo clero, esta nova doutrina chamou a atenção do restante do país, propagando-a ainda mais. Segundo Damazio¹⁸¹, na corte, a doutrina já era do conhecimento da intelectualidade brasileira e já havia conquistado admiradores e praticantes. Um deles fora Manuel de Araújo Porto Alegre, barão de Santo Ângelo, interessado primeiramente nas manifestações magnéticas

¹⁷⁸ Idem, p.50.

¹⁷⁹ Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos, FEB, novembro de 1869, p.475.

¹⁸⁰ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.58.

¹⁸¹ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo.** Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.67.

e hipnóticas, Porto Alegre voltara-se para a fenomenologia espírita. Em 1865, escrevendo da Europa para o amigo Joaquim Manuel de Macedo, ele confidenciaria que a Princesa Isabel lhe pedira para saber quem era seu protetor.

Tal qual na Bahia, o espiritismo no Rio de Janeiro teve como principais adeptos muitos intelectuais e aristocratas, encontrando imediata receptividade. O espiritismo não surgia apenas como uma nova opção mística, que buscava entender os mistérios do pós-morte, mas vinha, ainda, envolvido nas modernas tendências liberais. Em particular, o socialismo.

As teorias de Charles Fourier e Pierre Leroux, prematuras no tempo de Maricá, encontravam receptividade entre muitos românticos brasileiros. O prestígio do segundo, sobretudo, que procurava explicar as desigualdades sociais através da pluralidade das existências, já vinha de França, aureolada pela admiração que lhe devotava George Sand¹⁸².

De acordo com Célia Arribas¹⁸³, o socialismo não tinha grande repercussão no debate político-ideológico do Brasil do século XIX, mais interessado em questões políticas e jurídicas, tais qual o republicanismo e o abolicionismo do que com uma revolução social. E como não se mostrava como opção religiosa, a Igreja no Rio de Janeiro, muito diferentemente de Salvador, não fez grandes oposições ao espiritismo ao longo da década de 1860.

A difusão do magnetismo, logicamente, abria largas perspectivas ao espiritismo. Dos passes magnéticos aos passes mediúnicos, o caminho era curto. Curto e convidativo. Era como um passo a mais rumo ao mistério. Um passo sereno, pelo

¹⁸² MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.12-13. p.66.

¹⁸³ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.51.

menos na Corte, já que a Igreja fluminense, ao longo de toda a década de 60, não fazia qualquer pressão contra magnetizadores espíritas¹⁸⁴.

Ubiratan Machado¹⁸⁵ elucida que os primeiros “convertidos” ao espiritismo no Rio de Janeiro dispunham de uma tranquila situação sócia econômica. Eram jornalistas, professores, médicos, comerciantes. Machado os classifica como “sujeitos vitoriosos, bafejados pelas benesses de um bom destino, e que dispunham do melhor argumento: o argumento do dinheiro”. Essa situação parece ter sido fundamental para suavizar o clero da Corte, evitando que o espiritismo fosse repudiado e inicialmente perseguido.

(...) Eram membros desses diversos grupos, médicos como Joaquim Carlos Travassos, Adolfo Bezerra de Menezes; homeopatas como Antônio Pinheiro Guedes e Francisco Menezes Dias da Cruz; engenheiros como Antônio da Silva Neto; advogados como Júlio César Leal, Ernesto dos Santos e Luiz Antônio Sayão; literatos como Bittencourt Sampaio; militares como Raimundo Ewerton Quadros; funcionários públicos como Carlos Joaquim Lima e Cirne, ou autônomos, como o jornalista Augusto Elias da Silva e o professor Affonso Angeli Torterolli. A maioria dos principais líderes espíritas, portanto, ocupava posições sociais relativamente privilegiadas, o que garantia aos grupos de que participavam a possibilidade de se beneficiarem de recursos materiais e de redes de relações importantes para a legitimação da causa espírita¹⁸⁶.

Dentre os introdutores do espiritismo no Rio de Janeiro, destacaram-se Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert e Madame Collard.

¹⁸⁴ MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.71.

¹⁸⁵ Idem, p.72.

¹⁸⁶ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.82.

Casimir Lieutaud era diretor do Colégio Francês, estabelecimento de ensino dos mais conceituados na Corte. Foi Lieutaud quem publicou o primeiro livro de divulgação da nova doutrina, impresso no Rio de Janeiro, em 1860: *Les Temps sont Arrivés*. Adolphe Hubert era diretor do *Courrier du Brésil*, jornal de oposição ao governo de Napoleão III e de tendência anticlerical, cuja redação era um local de encontro da colônia francesa e de discussões sobre os mais variados temas. Madame Perret Collard revelou-se uma importante médium psicógrafa¹⁸⁷.

Em 2 de agosto de 1873, surgia a primeira sociedade kardecista oficial da Corte, a Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, presidida por Silva Neto. Apresentava como lema a frase: “Sem caridade não há salvação, sem caridade não há verdadeiro espírito”. Seu “guia espiritual” era Ismael¹⁸⁸. Receitava-se homeopatia e davam-se passes fluídicos. Segundo Machado¹⁸⁹ o começo foi prolífico. Em um relatório datado de 11 de abril de 1874, dirigido à *Revue Spirite*, de Paris, a Sociedade Confúcio contava como se desenrolava, na Corte, essa fase de superação do pioneirismo,

Com o concurso de homem de boa vontade, e graças à liberdade de imprensa de que aqui gozamos sem restrições, a propaganda tão propiciamente iniciada continue a desenvolver-se cada dia, sem obstáculos, e não tarde a chegar às províncias mais afastadas do Império¹⁹⁰.

O secretário-geral do Grupo Confúcio era o Dr. Joaquim Carlos Travassos, que traduziu *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *o Céu e o Inferno*, publicados por B. L. Garnier, em 1875, sob o pseudônimo de Fortúnio. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* foi publicado em 1876, igualmente traduzido por Travassos, o que

¹⁸⁷ DAMAZIO, Sylvania F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.65.

¹⁸⁸ A seguir será analisada a obra: Brasil: coração do mundo, pátria do Evangelho, em que aspectos como este serão melhor elucidados.

¹⁸⁹ MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.117.

¹⁹⁰ Idem, p.117.

contribuiu decisivamente para a expansão do conhecimento da doutrina¹⁹¹.

Segundo se cochichava à época, a sugestão de editar as obras kardecistas teria partido de pessoas ligadas ao Grupo Confúcio. De quem, precisamente? De Bittencourt Sampaio, um dos editados da casa? Talvez de Antônio da Silva Neto. O mais provável, porém, é que a ideia tenha partido de Casimir Lieutaud, francês como Garnier e seu velho amigo¹⁹².

Machado¹⁹³ pontua que logo após a publicação de tais obras pela Garnier, a imprensa cerrou duras críticas. O *Jornal do Commercio*, também logo comentou a publicação de *O livro dos espíritos*, na seção *Publicações a Pedido*. Segundo declarava o redator da nota, tratava-se de transcrição do original publicado no *Courrier de Paris*, de 11 de julho de 1857, assinado por G. du Chalard.

Antônio da Silva Neto, jornalista, fora presidente da Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio, e em janeiro de 1875, no intuito de divulgar ainda mais o espiritismo, lançou a *Revista Espírita* - publicação mensal de Estudos Psicológicos, revista esta que durou apenas seis números.

A aventura durou apenas seis números, mas sua contribuição foi valiosa para se conscientizar os adeptos da seriedade da doutrina, de sua desvinculação de práticas mágico-litúrgicas há muito cultivadas, na sociedade brasileira, assim como de sua base científica: ‘O espiritismo é uma ciência de observação; portanto está compreendida no quadro das ciências positivas’¹⁹⁴.

¹⁹¹DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 103.

¹⁹²MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.125.

¹⁹³Idem, p.125-126.

¹⁹⁴Idem, p. 130-131.

Em 1876 o Grupo Confúcio foi extinto, e seus antigos membros fundaram a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, dirigida pelo poeta Bittencourt Sampaio¹⁹⁵.

No início dos anos oitenta do século passado, a luta da Igreja Católica contra o Espiritismo se expressou através dos púlpitos, dos jornais – principalmente, O Apóstolo – e da distribuição de duas Pastorais do bispo do Rio de Janeiro ao Episcopado Brasileiro, em 1881 e 1882, que anatematizavam os adeptos da nova doutrina e de sua prática¹⁹⁶.

Em 6 de setembro de 1881, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, promoveu o 1^o Congresso Espírita Brasileiro, cuja finalidade era reunir os grupos espíritas do Rio de Janeiro, e de quantas cidades fosse possível. Como resultado deste congresso obteve-se a criação da União Espírita do Brasil, a primeira instituição que se pretendeu unificadora do movimento espírita nacional¹⁹⁷.

Já no ano de 1883, mais precisamente em 21 de janeiro foi lançada a revista O Reformador, uma publicação bimestral, que segundo Giumbelli¹⁹⁸, “surgiu motivada pelas acusações feitas em duas pastorais católicas, distribuídas pelo bispo do Rio de Janeiro ao Episcopado Brasileiro em 1881 e 1882”.

No ano de 1884 foi fundada a Federação Espírita Brasileira, FEB, presidida por quem mais tarde se tornaria general Francisco Raimundo Everton Quadros¹⁹⁹.

¹⁹⁵ Idem, p.135.

¹⁹⁶ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.111.

¹⁹⁷ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.78.

¹⁹⁸ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.69.

¹⁹⁹ MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.166.

Neste período havia uma diferenciação na classificação entre os espíritas, eram: os religiosos e os científicos. Os primeiros, como o próprio nome sugere, estavam mais voltados para o Evangelho, ou seja, para as questões religiosas da doutrina, já os científicos detinham-se mais às questões científicas, tais quais os fenômenos mediúnicos e suas manifestações. Desta forma, frente a esta divisão, “(...) com a intenção deliberada de provar a neutralidade da nova sociedade, já que na realidade a maior parte do grupo era religiosa, foram convidados a se cadastrarem como sócio fundadores Angeli Torterolli e Joaquim Távora, ambos explicitamente científicos”²⁰⁰.

Inicialmente, a FEB funcionou anexa à residência de Elias da Silva, situada à Rua São Francisco de Assis nº120. Neste mesmo endereço, funcionavam ainda o estúdio fotográfico de Elias e a oficina gráfica de O Reformador, que se tornou a publicação oficial da instituição²⁰¹.

Por volta de 1889 já havia cerca de 35 grupos espíritas somente no Rio de Janeiro. “A febre espírita era tão intensa que, apenas em 1900, foram lançados, em todo o país, 32 jornais e revistas de propaganda espírita. Quase todos de vida efêmera, sendo a maioria natimortos”²⁰².

Passado este primeiro momento de divulgação do espiritismo, dado inicialmente entre as classes mais ricas da sociedade, especialmente pelo acesso à leitura francesa e ideologias europeias, a doutrina kardecista começa a se espalhar, ramificando-se entre distintas origens sociais.

O espiritismo já concluíra, então, um importante ciclo evolutivo: germinando, em seu início, entre as classes mais cultas da sociedade, em particular intelectuais, logo se difundiu entre o povo. A passagem de um segmento social a outro não se deu, logicamente, sem profundas distorções. Os

²⁰⁰ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.82.

²⁰¹ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.114.

²⁰² MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.227.

valores do homem que se alimentava de feijão, arroz e angu, semialfabetizado, morando em taperas ou em humildes sobrados, sempre atento ao sobrenatural, eram muito diversos dos do bacharel, leitor de Victor Hugo, Herbert Spencer, livros de direito, mais fascinado pelo que ocorria na Europa do que pelo que se passava ao redor²⁰³.

Para Ubiratan Machado²⁰⁴, apoiado na teoria dos tipos ideais de Max Weber, esta dispersão causou, inclusive, algumas distorções, promovendo uma diferenciação entre os tipos de espiritismo, podendo se falar, pelo menos, em três espiritismos. O espiritismo kardecista, que procurava se manter fiel a origem francesa; o espiritismo popular, que apresentava um intenso sincretismo com as crenças e hábitos do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras, e o baixo espiritismo, que estaria mais ligado às práticas religiosas africanas. O foco neste trabalho se dá, porém ao espiritismo denominado por muitos como espiritismo kardecista.

2.5 – O Espiritismo sob a óptica de alguns intelectuais oitocentistas

O espiritismo foi tema discutido por muitos intelectuais do século XIX, fossem estes literatos, políticos, jornalistas, médicos entre outros. Muitos defenderam sua filosofia, tornando-se ferrenhos propagandistas, outros, porém, o criticaram ou ridicularizaram. Fosse para enaltecer, fosse para criticar, o fato é que o assunto espiritismo era bastante recorrente, fazendo parte dos assuntos presentes nas rodas sociais. O objetivo deste subitem é demonstrar o que alguns destes intelectuais pensavam a respeito do tema. A escolha dos personagens aqui analisados objetivou atingir personalidades que se destacaram em seu tempo e em distintas áreas profissionais. Será alvo de análise o conhecido escritor brasileiro Machado de Assis, o jornalista João do Rio, o médico homeopata Dias da Cruz e o médico e político Bezerra de Menezes, importante propagador do espiritismo no Brasil.

²⁰³ Idem, p.212.

²⁰⁴ Idem, p.165.

2.5.1 Machado de Assis e sua interpretação a respeito do Espiritismo

Machado de Assis, renomado e versátil escritor brasileiro que se destacou enquanto poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista, e crítico literário do século XIX, acompanhou de muito perto o desenrolar do espiritismo na corte brasileira. Em diversas passagens suas, fossem nas crônicas, fossem nos romances ou contos, o espiritismo, propriamente dito ou alusões a este podem ser facilmente encontradas. Alguns autores se dedicaram a estudar a visão de Machado de Assis sobre o espiritismo, portanto nossa passagem pelo assunto será breve. Entre tais autores podemos destacar Ubiratan Machado, na obra *Os intelectuais e o espiritismo*, que analisa a posição de diversos pensadores do XIX em relação à nova doutrina que se apresentava, entre tais pensadores estariam Machado de Assis. Para Ubiratan Machado,

Nenhum escritor brasileiro do século XIX se mostrou tão intransigente em relação ao espiritismo quanto Machado de Assis. Sua aversão começa na mocidade, assume um tom surpreendentemente áspero na maturidade e se abranda, apenas, na velhice, quase naquele momento de transpor os umbrais que dão acesso ao outro lado do mistério²⁰⁵.

Ubiratan Machado desenvolve sua análise ressaltando as inúmeras críticas feitas por Machado de Assis contra o espiritismo, colocando esta doutrina com um caráter patológico, propulsor à loucura.

A sobrevivência da alma – que o criador de Dom Casmurro aceitaria mais tarde – era, por essa época, apenas uma hipótese absurda num mundo de absurdos. E a fenomenologia que daí poderia decorrer – sobretudo aquela que constituía o fulcro da doutrina espírita, como a manifestação dos espíritos e a reencarnação – ultrapassaria o

²⁰⁵MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.63.

terreno do absurdo para deslizar pelo lodaçal da patologia mental. A crença na sucessão das vidas era uma aberração, um argumento que o doente invocava para justificar a sua neurose, eclosão de um caso mórbido em estado adiantado, como o do José Maria, de ‘A segunda vida’²⁰⁶.

Elaine Cristina Maldonado, também se dedicou a entender a posição de Machado de Assis frente à doutrina espírita. Em sua dissertação Machado de Assis e o espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896), a autora objetivou analisar a trajetória do espiritismo no Rio de Janeiro a partir da visão do escritor Machado de Assis, através de seu trabalho nos jornais cariocas da segunda metade do século XIX, tomando como ponto de partida suas crônicas e contos. Maldonado conclui que Machado sempre criticou o espiritismo, porém, conhecia muito bem o assunto, ou seja, demonstrava entender o que a doutrina pregava para depois criticá-la.

Estes contos, expostos de forma resumida neste texto, ilustram o interesse de Machado de Assis pelo tema espiritismo e, mais uma vez, seu conhecimento sobre os preceitos da doutrina. É inquestionável para mim o conhecimento machadiano sobre os principais pontos da doutrina de Allan Kardec e a atenção que ele dispensou a ela em sua trajetória faz crer que seu interesse era grande²⁰⁷.

Desta forma, seguindo metodologia semelhante aos autores mencionados, será realizada breve análise de alguns contos e crônicas machadianas buscando perceber a visão de Machado sobre o espiritismo. Dentre os contos foram escolhidos: A Segunda Vida e Uma Visita de Alcibíades.

Uma visita de Alcibíades

²⁰⁶ Idem, p.169-170.

²⁰⁷ MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o Espiritismo:** diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp - Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado, 2008, p.54.

Este conto foi publicado por duas vezes, a primeira, em 1876 sob pseudônimo de Victor de Paula, no *Jornal das Famílias*²⁰⁸ e, de acordo com críticos não teve muita repercussão, e a segunda versão, que sofreu modificações, foi publicada em 1882, no livro *Papéis Avulsos*. Nesta segunda versão, Machado de Assis em nota comenta “Este escrito teve um primeiro texto, que reformulei totalmente mais tarde, não aproveitando mais do que a ideia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido.”²⁰⁹

Algumas importantes modificações são percebidas entre as duas versões deste conto. A primeira versão trata sobre o desembargador Alvares, que em noite de Natal, figura requisitada que era em festas, responde a solicitação de algumas damas e rapazes a contar alguma anedota, porém o desembargador afirma contar não uma anedota, mas um fato ocorrido com ele mesmo no sábado anterior. E então inicia sua narração, apontando que naquela noite, após o jantar resolveu ler um livro de Plutarco, autor grego, e pôs-se a imergir naquela época e naquele meio narrado pelo ateniense. A página aberta fora Uma visita de Alcibiades, mesmo nome dado por Machado ao seu conto, e finalizada a leitura, Alvares passou a imaginar o que aquele personagem pensaria sobre os trajes usados por ora na corte brasileira. A fim de responder a sua indagação, o desembargador resolveu invocar Alcibiades, visto espiritista²¹⁰ que era. E para sua surpresa o invocado não apenas aparece em espírito, mas em carne e osso.

Não respondi logo; fiquei boquiaberto a contemplá-lo. Não era uma sombra impalpável que eu tinha diante de mim, era um homem de carne e ossos, o próprio Alcibiades, tal qual se

²⁰⁸O *Jornal das Famílias*, de propriedade de Baptiste Louis Garnier, circulou entre os anos de 1863 e 1878, tendo sido suspenso inexplicavelmente entre os meses de abril e setembro de 1873. Este periódico substituiu outra revista, intitulada *Revista Popular*. No *Jornal das Famílias*, Machado começou como colaborador da seção literária em junho de 1864 com a narrativa “Frei Simão”, publicada posteriormente pelo autor em sua primeira coletânea, *Contos Fluminenses - 1870*. PEREIRA, Cilene Margarete. In: *Versões de um conto machadiano: Uma visita de Alcibiades e a sátira Menipeia*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011 Disponível em:

<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/669.pdf> Acesso em: 15/01/2012.

²⁰⁹Idem.

²¹⁰Termo usado à época para descrever os interessados no espiritismo.

fôra de vida, ainda, trajado como se estivesse
prestes a arengar aos patáus de Atenas²¹¹.

Por fim, o desembargador Alvares convida Alcibíades para conhecer uma soirée, que de pronto aceita, mas é avisado que precisava se vestir à moda da corte. O ateniense muito se espanta com as roupas escuras usadas então, calças e casacas pretas, gravata, que assustou o grego, pois pensou que serviriam para o desembargador se enforcar e por fim, o ponto culminante, o chapéu, também preto. Alcibíades não suportou, caiu fulminado ao ver estranha moda. Desta forma, Alvares finaliza sua narração aos jovens que lhe ouviam afirmando que nada mais pudera fazer a não ser entregar o defunto ao necrotério.

Já na segunda versão do conto, continua sendo a história do desembargador, que agora já não é nomeado, apenas designado como desembargador X. A história inicia com este nobre senhor escrevendo uma carta ao chefe de polícia da corte, datada de 20 de setembro de 1875. Nesta carta é relatada a apavorante experiência de X após invocar um espírito, ter nada menos que a sua presença materializada.

O conto assemelha-se ao primeiro quando trata que o desembargador resolve ler uma obra do grego Plutarco e que a história escolhida é Uma visita de Alcibíades, e que após sua leitura, nosso personagem principal se questiona o que Alcibíades pensaria a respeito do vestuário da corte brasileira. Visto ser espiritista, X resolve não conjecturar a respeito da resposta, mas sim interrogar o próprio Alcibíades, para tal invocando-o.

Sou espiritista desde alguns meses. Convencido de que todos os sistemas são puras nulidades, resolvi adotar o mais recreativo deles. Tempo virá em que este não seja só recreativo, mas também útil à solução dos problemas históricos; é mais sumário evocar o espírito dos mortos, do que gastar as forças críticas, e gastá-las em pura perda, porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o

²¹¹ ASSIS, Machado de. **Uma visita de Alcibíades**. Jornal das Famílias, Rio de Janeiro, 1876, p. 305-308. In: Limas da Pérsia: livros e narrativas. Disponível em: <http://limasdapersia.blogspot.com/2012/01/uma-visita-de-alcibiades-de-machado-de.html> Acesso em: 16/01/2012.

próprio autor do ato. E tal era o meu caso desta noite.

Conjeturar qual fosse a impressão de Alcibíades era despendar o tempo, sem outra vantagem, além do gosto de admirar a minha própria habilidade. Determinei, portanto, evocar o ateniense; pedi-lhe que comparecesse em minha casa, logo, sem demora²¹².

Conforme a primeira versão do conto, o ateniense aparece, porém materializado, ocorre que desta vez, o desembargador fica bastante assustado com o ocorrido, acreditando ter dado um grande passo na carreira do espiritismo.

Ao ouvir isto, arrepiaram-se-me as carnes. O vulto falava e falava grego, omais puro ático. Era ele, não havia duvidar que era ele mesmo, um morto de vinte séculos, restituído à vida, tão cabalmente como se viesse de cortar agora mesmo a famosa cauda do cão. Era claro que, sem o pensar, acabava eu de dar um grande passo na carreira do espiritismo; mas, ai de mim! Não o entendi logo, e deixei-me ficar assombrado²¹³.

Após recuperar o fôlego, X começa a conversar com o grego, que lhe questiona sobre inúmeros acontecimentos ocorridos nos últimos séculos. A todo o momento, o desembargador procura livrar-se daquele espírito, agora de carne e osso, e na tentativa de consegui-lo avisa que precisa sair, ir ao baile. Para seu espanto, Alcibíades se convida para ir junto, e decide ir vestido conforme exige a moda da época.

No mais, o conto repete-se, quando o ateniense vai se espantando cada vez mais com aquelas roupas, muito negras, muito sérias, e finalmente cai fulminado ao assistir o desembargador colocar o último detalhe da vestimenta, seu chapéu.

Obedeci; fui dali ao cabide, despendurei o chapéu, e pulo na cabeça. Alcibíades olhou para mim, cambaleou e caiu. Corri ao ilustre ateniense, para

²¹² ASSIS, Machado de. **Uma visita de Alcibíades**, p.2 . in: NEAD – Núcleo de Educação à Distância. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/669.pdf>. Acesso em: 16/01/2012.

²¹³ Idem.

levantá-lo, mas (com dor o digo) era tarde; estava morto, morto pela segunda vez. Rogo a V. Ex.^a se digne de expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério, e se proceda ao corpo de delito, relevando-me de não ir pessoalmente à casa de V. Ex.^a agora mesmo (dez da noite) em atenção ao profundo abalo por que acabo de passar, o que aliás farei amanhã de manhã, antes das oito²¹⁴.

Nesta segunda versão do conto, pode-se acreditar em um ar mais irônico de Machado de Assis em relação ao espiritismo, quando o desembargador acreditava ter mesmo ressuscitado a um morto, ou ainda quando diz que o ateniense encontrava-se morto pela segunda vez, parecendo mesmo como uma alienação do espiritista. Ubiratan Machado já alertava que Machado de Assis acreditava que os crentes no espiritismo já possuíam algum tipo de patologia ou seriam por ela vitimados.

(...) Ponderando para este aspecto, uma conclusão se impõe: a esta altura, Machado achava que apenas um desequilibrado aceitaria o fenômeno da reencarnação. O passo seguinte seria condenar o espiritismo mediante uma simples inversão dessa proposição: qualquer um poderia aceitar a reencarnação ou outro qualquer dogma espírita: mas a loucura seria sempre uma consequência inevitável²¹⁵.

Na primeira versão do conto, a preocupação com o aspecto da materialização não é tão intensa. Concorde-se com Ubiratan Machado, quando afirma que naquele primeiro momento o espiritismo ainda se encontrava preso as rodas de salão, em muitos momentos como motivo de chacota. “(...) O contista veria o espiritismo, então, como um simples

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.171.

motivo, entre gente sensata, para urdir uma história de salão, destinada a encher os ócios de uma noite de festa. Nada de mais sério”²¹⁶.

Elaine Maldonado aponta algo bastante interessante em seu trabalho de mestrado. Diz que um ano antes da publicação da segunda versão do conto, Uma visita de Alcibíades, teve muita repercussão na França e também na corte brasileira o caso de um processo envolvendo Pierre-Gaetan Leymarie, pioneiro do espiritismo francês. O processo teve início com a acusação de que Burget, médium e fotógrafo estaria explorando a boa-fé das pessoas com fotografias do que seriam materializações de espíritos. Leymarie foi indiciado por ter publicado algumas dessas fotos na Revue Spirite e o médium americano Alfred Henry Firman também foi indiciado por suposta mente colaborar com Burget.

Machado de Assis, muito provavelmente aproveitando-se desse caso, que alcançou bastante repercussão na época, modificou a história original do conto Uma Visita de Alcibíades, incluindo aí a materialização de Alcibíades como fato concreto para o Conselheiro X, mas deixando subentendido a possibilidade de que o Conselheiro não passasse de um lunático²¹⁷.

A partir da análise deste conto, podemos perceber a ironia com que Machado de Assis trata o espiritismo, colocando-o ora como piada para as rodas de salão, ora como aspecto patológico de seus seguidores. O que não se pode descuidar, porém, é o conhecimento, mesmo que superficial que o autor dispensava ao espiritismo. Machado de Assis conhecia alguns princípios espíritas tais qual a reencarnação, a vida após a morte ou mesmo a materialização, e os utilizava em seus contos, mesmo que fosse para chacoteá-los.

A segunda vida

Outro conto machadiano, bastante interessante, que não especificamente trata a respeito do espiritismo, mas aborda questões

²¹⁶ Idem, p.144.

²¹⁷ MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o Espiritismo:** diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp - Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado, 2008, p.49.

pensadas por esta doutrina, é o conto intitulado *A segunda vida*, incluído posteriormente na obra *Histórias sem data*²¹⁸.

O personagem principal deste conto é José Maria, que procura o Monsenhor Caldas, um padre, afim de narrar seus infortúnios após escolher nascer com a lembrança de sua vida anterior. Este é o ponto chave do conto, a reencarnação é aspecto aceito por José Maria, e sabe-se que a reencarnação é um dos princípios básicos da doutrina espírita. Porém, o que chama a atenção, é que nesta obra, José Maria recorda-se de sua vida passada, o que foge aos princípios anunciados por Kardec.

Na doutrina espírita, o esquecimento das vidas passadas é interpretado como algo positivo, que auxilia no processo evolutivo do espírito, pois ao não se lembrar dos infortúnios outrora vividos, o espírito pode seguir em frente sem culpar-se ou a outrem por falhas cometidas, ao mesmo tempo, que as experiências passadas marcam seu espírito de forma intuitiva, e isto por só bastaria. Vale ressaltar, que para os espíritas, após a desencarnação, no período da erraticidade, ou seja, enquanto espírito desencarnado é permitido a lembrança de outras vidas. Segue o que aponta Kardec na obra *O que é o Espiritismo*:

O esquecimento temporário é um benefício da Providência. A experiência, frequentemente, é adquirida em rudes provas e terríveis expiações, cuja lembrança seria muito penosa e viria aumentar as angústias das tribulações da vida presente. Se os sofrimentos da vida parecem longos, que seriam, pois, se sua duração fosse aumentada com as lembranças dos sofrimentos do passado? Vós, por exemplo, senhor, sois hoje um homem honesto, mas o deveis, talvez, aos rudes castigos que haveis suportado por faltas que, atualmente, repugnariam a vossa consciência; servos-ia agradável lembrar de ter sido enforcado por isso? A vergonha não vos perseguiria imaginando que o mundo sabe do mal que haveis feito? Que importa o que haveis podido fazer, e o que haveis podido suportar para expiar, se agora sois um homem estimável? Aos olhos do mundo sois um homem novo, e aos olhos de Deus um Espírito reabilitado. Livre da lembrança de um passado

²¹⁸ ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro : Garnier, 1884. In: **Histórias sem Data**. Disponível em: <http://www.psbncional.org.br/bib/b289.pdf> Acesso em: 28/01/2012.

importuno, agireis com mais liberdade; é para vós um novo ponto de partida; vossas dívidas anteriores estão pagas, cabendo-vos não contrair novas dívidas²¹⁹.

Voltando ao conto de Machado, ao procurar pelo Monsenhor Caldas, o interpelante anuncia que morreu no dia vinte de março de 1860, aos sessenta e oito anos de idade, e que passados 10 meses teve a oportunidade de renascer.

(...) Afinal, concluídas as festas, convidaram-me a tornar à terra para cumprir uma vida nova; era o privilégio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusar.

Era uma lei eterna. A única liberdade que me deram foi a escolha do veículo; podia nascer príncipe ou condutor de ônibus. Que fazer? Que faria Vossa Reverendíssima no meu lugar?²²⁰

Desta forma, a escolha de José Maria, após lembrar o que seu pai sempre dizia: "Quem me dera aquela idade, sabendo o que sei hoje!" decidiu que não lhe importava nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente.

Não imagina o riso universal com que me ouviram. Já, que ali preside a província dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu teimei e venci. Daí a pouco escoreguei no espaço: gastei nove meses a atravessá-lo até cair nos braços de uma ama de leite, e chamei-me José Maria²²¹.

É interessante perceber, que mais uma vez Machado de Assis coloca seu personagem, crente em princípios espíritas, como dotado de alguma alienação. Ao narrar sua história para Caldas, este tem José Maria como um lunático, e apressa-se em chamar auxílio policial.

²¹⁹ Kardec, Allan. **O que é o Espiritismo**. Paris, Avr. 1864. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, 74ª edição, 2009, p.62.

²²⁰ ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro : Garnier, 1884, p.2

In: Histórias sem Data. Disponível em:

<http://www.psbnacional.org.br/bib/b289.pdf> Acesso em: 28/01/2012.

²²¹ Idem.

“Enquanto esperava o auxílio policial, monsenhor Caldas desfazia-se em sorrisos e assentimentos de cabeça, espantava-se com ele, alegrava-se com ele, política útil com os loucos, às mulheres e os potentados”²²².

Assim, José Maria segue narrando todos os seus desgostos decorrentes de sua escolha, sempre receoso, sempre cuidando para não incorrer nos mesmos erros do passado. Quando criança, quase não chorava para não apanhar, quase não corria para não cair, quase não falava para não magoar, comia pouco para não passar mal, temia casar-se e ter filhos deficientes, entre outros feitos. “A experiência dera-lhe o terror de ser empulhado. Confessava ao padre que, realmente, não tinha até agora lucrado nada; ao contrário, perdera até, porque fora levado ao sangue”²²³.

E desta forma finda o conto A segunda vida, com José Maria desesperando-se ao narrar sua vida miserável para Caldas e a polícia adentrando a casa do padre para atender seu pedido de socorro. Mais uma vez fica explícita a visão patológica que Machado de Assis possuía a respeito do espiritismo.

Quanto às crônicas, encontradas em jornais como o Diário do Rio de Janeiro; Ilustração Brasileira; Gazeta de Notícias e Imprensa Fluminense, que datam de 1861 até 1897, algumas delas estão relacionadas com o espiritismo ou assuntos afins. Destacamos algumas para ilustrar como Machado de Assis posicionava-se em relação ao tema.

Na crônica datada de 16 de junho de 1878, Machado narra sobre a prisão de Miroli e Locatelli, o primeiro médico e posteriormente adivinho, que teria fundado, juntamente com a Sra Locatelli, uma “delfos”, a fim de predizer as coisas futuras, utilizando o sonambulismo ou o espiritismo, como pontua o autor.

Pior que tudo é que se a polícia os castiga neste mundo, o demo os castigará no outro; e aqui chamo eu a atenção do leitor para a estrita realidade da poesia. O famoso casal ficou neste mundo de cara à banda, como há de ficar no outro, segundo a versão dantesca; lá aos adivinhos como Miroli, torcem o nariz para trás, e os olhos choram-lhes pelas costas:
... che'l pianto degli occhi

²²² Idem, p.5.

²²³ Idem, p.6.

Le natiche bagnava per lo ferro”²²⁴.

Nesta crônica percebe-se a ironia de Machado de Assis, frente à prática de predizer o futuro, atribuída por ele ao espiritismo. O autor chega a falar em versão dantesca a de acreditar em outros mundos ou outras vidas. Por outro lado, percebe-se a confusão ou sincretismo religioso adotado por Machado ao relacionar espiritismo e catolicismo, pois fala “o demo os castigará”, ideia bastante difundida entre os católicos. Por outro lado, é bastante compreensível esta relação, afinal a maioria dos espíritas era oriunda da doutrina católica, e por vezes buscavam relacionar as filosofias no intuito de tornar menos condenável sua “conversão”.

A crônica de 5 de outubro de 1885 é a que mais ênfase Machado de Assis dá ao espiritismo. Nesta passagem o autor narra sua visita à Federação Espírita Brasileira, onde teria assistido a conferência do sr. M. F. Figueira a respeito do espiritismo.

O interessante desta crônica é que Machado afirma ter realizado esta visita em espírito, ou seja, dispendido de seu corpo, não sendo visto por ninguém, e que isto é o que o convertera a doutrina. Outro ponto importante é a extrema ironia machadiana neste relato.

Confesso a minha verdade. Desde que li um artigo de um ilustre amigo meu, distinto médico, a lista das pessoas eminentes que na Europa acreditam no espiritismo, comecei a duvidar da minha dúvida. Eu, em geral, creio em tudo aquilo que na Europa é acreditado (grifo nosso). Será obcecação, preconceito, mania, mas é assim mesmo, e já agora não mudo, nem que me rachem. Portanto, duvidei, e ainda bem que duvidei de mim²²⁵.

Esta crônica foi escrita cerca de um ano após a fundação da FEB, período em que o espiritismo se difundia ainda mais, e que pessoas bastante respeitadas naquela sociedade estavam aderindo à nova doutrina. Já foi relatado anteriormente que o espiritismo surgiu na

²²⁴Machado de Assis, **Obra Completa em 4 volumes**. 16 de junho de 1878, p.419-420.

²²⁵Machado de Assis, **Obra Completa em 4 volumes**. 16 de junho de 1878. In: 5 de outubro de 1885, p.639.

Europa, e como havia um modismo em aceitar e enaltecer o que ocorria por lá, a doutrina teve mais fácil aceitação no Brasil.

Outro ponto interessante desta crônica é quando Machado afirma ter tido seu corpo físico “ocupado” pelo diabo, que reclamava o avanço do espiritismo, que prometia ser o novo, e curar o que o antigo não mais curava.

Vi meu corpo sentado e rindo. Parei, recuei, avancei e disse-lhe que era meu, que, se estava ocupado por alguém, esse alguém que saísse e mo restituísse. (...) Aqui, o diabo sorriu tristemente com a minha boca, levantou-se e foi à mesa, onde estavam as folhas do dia. Tirou uma e mostrou-me o anúncio de um medicamento novo, o rábano iodado, com esta declaração no alto, em letras grandes: ‘Não mais óleo de fígado de bacalhau’. E leu-me que o rábano curava todas as doenças que o óleo de fígado já não podia curar – pretensão de todo medicamento novo. Talvez quisesse fazer nisto alguma alusão ao espiritismo. O que sei é que, antes de restituir-me o corpo, estendeu-me cordialmente a mão, e despedimo-nos como dois amigos velhos:

_ Adeus, rábano!
_ Adeus, fígado!²²⁶

Na crônica datada de 7 de junho de 1889, Machado narra as fases dos espíritos, que desencadeariam na “pura demência” de seus iniciados. O autor pontua que não gosta que o chamem de profeta quando publica o que vai acontecer principalmente ao que se refere à política de seu país, mas confere seu prognóstico ao espírito de Nostradamus, enviado por seu amigo José Basílio Moreira Lapa. Para Machado, Lapa se encontrava no período em já conseguia conversar com os espíritos, após esta fase, os espíritos passariam a acudir menos prontamente, tanto que Machado desejava uma entrevista com Vasconcelos, Vergueiro ou o padre Feijó, mas “(...) só consegui Nostradamus. Não é pouco; há mestres que não o alcançariam nunca”²²⁷.

²²⁶ Idem, p.640.

²²⁷ Machado de Assis, **Obra Completa em 4 volumes**. 16 de junho de 1878. In: 7 de junho de 1889, p.867.

Na segunda fase começaria a pura demência, atirando-se o espírita nas trevas. Afirma Machado:

Não se entenda, porém, que esta queda é apreciável por qualquer pessoa; só o pode ser por alienista e de grande observação. Com efeito, para o vulgo não há diferença; desde o princípio da alienação mental (isto é, começando o segundo prazo do espiritismo, que é depois de quatro ou cinco anos, como ficou dito), o espírita está perdido a olhos vistos; os atos e palavras indicam o desequilíbrio mental; não há ilusão a tal respeito. Conversa-se com eles; raros compreendem logo em princípio o sol e a lua; mostram-se todos afetuosos, leais e atentos. Mas o transtorno cerebral é claro. Toda gente vê que fala a doentes²²⁸.

Mais uma vez fica claro a ironia de Machado de Assis frente aos assuntos relacionados ao espiritismo, e mais, que para o autor espiritismo era sinônimo de doença mental, de alienação e loucura. Na mesma crônica Machado continua:

Eu chegaria a propor, se tivesse autoridade científica, um meio de desenvolver esta planta essencialmente espiritual. Estabeleceria por lei os casamentos espíritas, isto é, em que ambos os cônjuges fossem examinados e reconhecidos como inteiramente entrados na segunda fase. Os filhos desses casais trariam do berço o dom especial, em virtude da transmissão. Quando algum, escapando das malhas dessa lei natural (todos as têm) chegasse a simples mediocridade, paciência; os restantes, na idiotia e no cretinismo (com perdão de quem me ouve), preparariam as bases de um excelente século futuro²²⁹.

Após a análise destas crônicas e dos contos machadianos aqui apontados, percebe-se que para o autor, o espiritismo sempre fora motivo de galhofa, sinônimo de alienação mental. Ubiratan Machado²³⁰,

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem, p.868.

²³⁰ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão

também aponta a ironia machadiana, e seu tom sempre ácido em relação ao espiritismo, mas para este, esta acidez diminuiria, principalmente após a morte de Carolina, sua companheira. “Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará, escreve a Joaquim Nabuco, pouco após a morte da esposa”²³¹. Ubiratan acredita que Machado de Assis, sem acreditar nos dogmas católicos, passava a aceitar a sobrevivência do espírito, e que em seus próximos contos, tais quais Esaú e Jacó, o espiritismo já não tinha um caráter de loucura como outrora.

Em Reformador datado de Novembro de 1958 é escrito um artigo intitulado Machado de Assis – o crente, em que o autor, apresentado como SBS apresenta Machado de Assis como um personagem cheio de dúvidas em relação à vida, e, sobretudo aos dogmas do catolicismo, e que toda a sua afronta perante o espiritismo nada mais seria que a expressão de seus conflitos internos. Além de pontuar que se deveria estudar melhor a personalidade deste escritor e não apenas tirar conclusões precipitadas.

É interessante um outro fato que os biógrafos de Machado de Assis registraram: Cinco anos antes do seu falecimento, escreveu-lhe, em 1903, um diplomata e amigo, sobre a agonia em que se encontrava o nonagenário Papa Leão XIII. Referindo-se à idade alcançada pelo Papa, respondeu o escritor ao amigo residente em Roma: ‘Eu, pelo menos, não sou da têmpera dos que vão tão longe. Meses, anos, poucos anos, e terei dito adeus à nossa língua para ir aprender o Esperanto que nos querem ensinar aqui, e só se aprende bem na outra escola.

Nesta carta, como bem frisou o acadêmico R. Magalhães Júnior, o grande romancista brasileiro deixa transparecer a convicção de que existe uma outra vida, além da terrena.

do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.212.

²³¹Id. Correspondência. Rio de Janeiro, W.M.Jackson, 1944,p.88, apud MACHADO, Ubiratan, p.216.

Foi Machado de Assis um homem extraordinário. Merece todas as honras que lhe são tributadas, necessitando, entretanto, que mais profundamente lhe seja estudada a verdadeira personalidade. SBS²³².

Interessante perceber a posição da FEB em relação a Machado de Assis. Tal instituição aponta o literato como um ser confuso, cheio de dúvidas, que criticava o espiritismo devido a seus próprios conflitos, e não por convicção. É certo, porém, que para a Federação Espírita Brasileira, ter um Machado de Assis convertido ao espiritismo, pelo menos aceitando a filosofia espírita, mesmo que no fim de sua vida era muito mais interessante do que pensar em um autor que morreu criticando o espiritismo. Se Machado de Assis realmente aceitou a filosofia espírita? Difícil afirmar, agora, que seus últimos escritos a respeito apresentam um tom menos ferrenho, isto parece. Esta dúvida insiste em permanecer...

2.5.2 João do Rio e sua posição referente ao espiritismo

No ano de 1900, o jornalista João do Rio iniciou a publicação de uma série de artigos no jornal Gazeta de Notícias que, em 1906, foram reunidos no livro *As Religiões no Rio de Janeiro*²³³. Aponta João do Rio a respeito de seu trabalho:

A religião? Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equívoco, o medo, a perversidade.

O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos

²³²Reformador, novembro de 1958, p.248.

²³³JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro, 2008. (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde, p.14.

cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos literários, fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, cismáticos, espíritas, babalaôs de Lagos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto.

(...)Foi o que fiz na reportagem a que a Gazeta de Notícias emprestou uma tão larga hospitalidade e um tão grande ruído; foi este o meu esforço: levantar um pouco o mistério das crenças nesta cidade.

Não é um trabalho completo. Longe disso. Cada uma dessas religiões daria farta messe para um volume de revelações. Eu apenas entrevi a bondade, o mal e o bizarro dos cultos, mas tão convencido e com tal desejo de ser exato que bem pode servir de epígrafe a este livro a frase de Montaigne: *Cecy est un livre de bonne foy*.

João do Rio²³⁴.

O jornalista analisa diferentes crenças encontradas naquele período na cidade do Rio de Janeiro, porém o que nos interessa mais especificamente no trabalho de João do Rio é sua análise a respeito do espiritismo, que por sinal, é bastante elogiosa, e curiosamente, diferenciada dos demais credos de culto espiritualista. João do Rio diferencia o espiritismo do candomblé, por exemplo, desde o título que traz em sua obra: *O espiritismo entre os sinceros*, e quando se refere aos demais cultos, seus títulos são: *No mundo dos feitiços*; *O Satanismo*; *Os Exploradores*. A partir dos títulos escolhidos pelo jornalista, percebemos uma preocupação do autor em deixar claro que o texto tratava do que era conhecido na época como “alto espiritismo”, ou seja, o espiritismo praticado por grupos ligados à Federação Espírita Brasileira (FEB), em oposição ao “baixo espiritismo”, os cultos de origem africana.

(...) as práticas relacionadas mais diretamente com os cultos de origem africana eram tratados com desprezo por João do Rio, que os associava em seus textos à exploração da credence popular, ao

²³⁴RIO, João do. **As Religiões no Rio** - João do Rio - Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47 - 1976 p.1.

charlatanismo, à loucura, à prostituição, ao alcoolismo e à quase todo tipo de atividade criminosa. Uma opinião que era compartilhada por grande parte da sociedade letrada da época²³⁵.

Abaixo seguem algumas frases do autor relacionadas ao candomblé, que ilustram sua desconfiança, ou mesmo ojeriza frente ao tema.

Os orixás, em maior número, são os mais complicados e os mais animistas. Litólatras e fitólatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos católicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada erva, uma alma e um espírito. Essa espécie de politeísmo bárbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisíveis²³⁶.

A recordação de um fato triste - a morte de uma rapariga que fora à Bahia fazer-santo - deu-me ânimo e curiosidade para estudar um dos mais bárbaros e inexplicáveis costumes dos fetiches do Rio. Fazer-santo é a renda direta dos babaloxás, mas ser filha-de-santo é sacrificar a liberdade, escravizar-se, sofrer, delirar. Os transeuntes honestos, que passeiam na rua com indiferença, não imaginam sequer as cenas de Salpetrière africana passadas por trás das rótulas sujas²³⁷.

As iauô, são as demoníacas e as grandes farsistas da raça preta, as obsedadas e as delirantes. A história de cada uma delas, quando não é uma sinistra pantomima de álcool e mancebia, é um tecido de fatos cruéis, anormais, inéditos, feitos de invisível, de sangue e de morte. Nas iauô está a base do culto africano²³⁸.

²³⁵JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns**: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX. Rio de Janeiro, 2008. (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde, pgs.15.

²³⁶RIO, João do. **As Religiões no Rio** - João do Rio - Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47 -1976 p.2.

²³⁷Idem, p.6.

²³⁸Idem.

Por outro lado, o espiritismo, aquele relacionado aos frequentadores da Federação Espírita Brasileira era bastante elogiado por João do Rio, que em seu artigo narra uma visita sua à FEB, deixando claro seu encantamento.

A casa está sonora do rumor contínuo, mas tudo é simples, caridoso e sem espalhafato. Quando entramos não se lhe altera a vida nervosa. A Federação parece um banco de caridade, instalado à beira do outro mundo. Os homens agitam-se, andam, conversam, os doentes esperam que os espíritos venham receitar pelo braço dos médiums, sob a ação psicográfica, falam e conversam enquanto o braço escreve²³⁹.

O autor ainda aponta o grande número de cidadãos da “alta sociedade” que foram “convertidos” ao espiritismo, assim como o crescente número de instituições e sócios espíritas.

Já não se conta o número de espíritos ortodoxos, conta-se a atração dos nossos cérebros mais lúcidos pela ciência da revelação. A Marinha, o Exército, a advocacia, a medicina, o professorado, o grande mundo, a imprensa, o comércio têm milhares de espíritas. Há homens que não fazem mistério da sua crença. Os generais Girard e Piragibe, o major Ivo do Prado, o almirante Manhães Barreto, Quintino Bocaiúva, Eduardo Salomonde, os Drs. Geminiano Brasil, Celso dos Reis, Monte Godinho, Alberto Coelho, Maia Barreto, Oliveira Menezes, Alfredo Alexander proclamam a pureza da sua fé. A Federação tem 800 sócios e ainda o ano passado expediu 48 mil receitas²⁴⁰.

Fica bastante claro a distinção existente entre o espiritismo kardecista para os demais cultos espiritualistas na visão de João do Rio. O autor a todo o momento elogia esta doutrina, principalmente pelas pessoas que o professavam, muitas delas intelectuais ou profissionais de

²³⁹ Idem, p.73.

²⁴⁰ Idem, p.72.

“alto gabarito”. Interessante perceber que o jornalista se preocupa em trazer dados para seu leitor, como o número de sócios, quantos jornais se dedicavam a divulgar a doutrina, quem eram seus seguidores, e ainda em enaltecer o trabalho da FEB com as receitas mediúnicas, que atraíam centenas de pessoas em busca de alento. Finalizando seu artigo, João do Rio narra o momento em que deixa a Federação, após ouvir uma palestra, e se demonstra bastante leve e no mínimo reflexivo ante os preceitos desta doutrina.

Então peguei no chapéu sorrateiramente. Esse constante estado flutuante entre a realidade e o invisível, essas fugidas ao espaço para conversar com os espíritos, a caridade evangélica do homem à beira do real eram alucinantes. Desci as escadas devagar, aquelas escadas por onde subia sempre a romaria dos enfermos; na rua enxuguei a fronte, olhando o edifício, menos misterioso que qualquer clube político. E como passasse um bonde inteiramente vazio, refleti que esse bonde podia ser como o do marechal Quadros e voltei, a pé, devagar, para não dar encontrões nas pessoas que talvez comigo tivessem passado todo aquele dia do outro mundo²⁴¹.

Nesta passagem João do Rio refere-se ao Marechal Quadros, que narrara ter optado pegar um bonde lotado a um vazio por acreditar que neste último havia muitos espíritos inferiores.

2.5.3 Francisco Menezes Dias da Cruz

Dias da Cruz nasceu em 27 de fevereiro de 1853, na cidade do Rio de Janeiro. Seu pai tinha o mesmo nome, era médico, professor da Faculdade de Medicina e chefe do Partido Liberal, e sua mãe era Rosa de Lima Dias da Cruz.

Dias da Cruz (filho) também se formou médico, e no período de seus estudos foi funcionário da Biblioteca da Câmara Municipal, e professor de matemática no Colégio Pinheiro. Logo após se formar seu

²⁴¹ Idem, p.76-77.

pai faleceu, atingido por um tiro de baioneta quando assistia a uma cerimônia na Igreja do Sacramento²⁴².

Dr. Francisco Dias (pai) era profundo simpatizante da Doutrina Espírita. Quando os fenômenos das ‘mesas girantes’ começaram a ser propaladas no Brasil, ele era um jovem recém-casado. E quando apareceu o lançamento de ‘O Livro dos Espíritos’ em 1857, ele já contava com 31 anos e o pequeno Francisco com quatro anos²⁴³.

Dias da Cruz trabalhou para realizar seu ideal em ter uma Clínica onde pudesse atender os mais carentes, e conseguiu grande era o número de necessitados que socorria. Admirador da Ciência Homeopática, desde a sua época de estudante de Medicina, foi convidado a presidir o Curso desta doutrina, e logo após, presidiu o Instituto Hahnemaniano do Brasil²⁴⁴.

Um período breve após a morte de seu pai, Dias da Cruz fora informado que seu patriarca estava receitando medicamentos homeopáticos em espírito na Federação Espírita Brasileira (FEB), auxiliando muitos enfermos, e então resolveu verificar a informação.

É importante destacar que muitas obras espíritas são neste trabalho tomadas como fonte ou bibliografia, justamente com a finalidade de demonstrar a visão dos espíritas sobre o tema ora analisado. Uma dessas referências diz respeito a Zeus Wantuil que em artigo espírita aponta que:

Iniciada a reunião com a prece habitual, passou-se ao estudo doutrinário; até então nada ocorrera suscetível de lhe permitir aceitar a versão das manifestações atribuídas ao Espírito de seu pai. Já estava propenso a acreditar em mistificação, quando, à mesa que dirigia os trabalhos, um médium demonstrou haver caído em transe. Era,

²⁴²WANTUIL, Zeus. **Grandes espíritas do Brasil**. Disponível em: http://onlineshop.com.br/febnet/download/grandes_espíritas_brasil.pdf. Acesso em: 19/08/2011.

²⁴³Seareiro. **Publicação Mensal da Doutrinária-espírita**. Ano VIII - nº 65 - Março/2007. Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas Amor e Esperança, p.3.

²⁴⁴Idem, p.4.

afinal, a tão desejada manifestação que inesperadamente se realizava. Através do médium, o Espírito do primeiro Dias da Cruz pediu que chamassem seu filho, que ali se encontrava no meio dos assistentes. Surpreso, este se aproximou, incrédulo. À um dado momento, porém, seu genitor disse-lhe:

- Você se lembra daquele fato que ocorreu conosco, na praça tal?

E, a seguir, revelou uma ocorrência só de ambos conhecida. Diante disto, o doutor Dias da Cruz (filho) sentiu chegada a hora de se render à inelutável evidência²⁴⁵.

A partir deste acontecimento, Dias da Cruz passou a estudar mais a fundo o espiritismo, tornando-se palestrante na Federação Espírita Brasileira, isso em 1885, além de grande defensor da doutrina. Cruz chegou a ocupar o cargo de vice-presidente da FEB, quando, por motivos de trabalho, o Dr. Bezerra de Menezes, que era presidente desta instituição, teve que afastar-se por um tempo do cargo, sendo eleito o Dr. Dias da Cruz. Exerceu seu mandato até 1893²⁴⁶.

Por toda dedicação e serviços prestados à causa doutrinária, Dr. Bezerra de Menezes, em 1896, propõe à diretoria da Federação Espírita aclamar o Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz presidente honorário da mesma, o que foi aceito por unanimidade²⁴⁷.

Dias da Cruz foi ainda dirigente e presidente da Revista Reformador, importante órgão de propagação da doutrina espírita, na qual ele escrevia sob o pseudônimo de Um Espírita²⁴⁸.

O médico, durante sua vida, dividiu-se entre as tarefas espíritas e seu compromisso com a divulgação da homeopatia, sendo

²⁴⁵WANTUIL, Zeus. **Grandes espíritas do Brasil**. Disponível em: http://onlineshop.com.br/febnet/down/grandes_espíritas_brasil.pdf. Acesso em: 19/08/2011.

²⁴⁶Seareiro. **Publicação Mensal da Doutrinária-espírita**. Ano VIII - nº 65 - Março/2007. Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas Amor e Esperança, p.5.

²⁴⁷Idem.

²⁴⁸Idem.

extremamente respeitado neste meio. No ano de 1900, ele reorganizou o Instituto Hahnemaniano do Brasil, (IHB) que fora criado em 1879 por Saturnino Soares de Meirelles. Para tal, alugou no centro da cidade do Rio de Janeiro, na Rua da Quitanda nº 59, uma casa onde abriu seu consultório, fazendo voltar a funcionar aí o IHB. A presidência do Instituto ficou sob a égide de Joaquim Murtinho, que ajudou a incentivar e criar novas atividades de atendimento ao público²⁴⁹.

Em 1901, Dias da Cruz relançou um periódico intitulado *Anais de Medicina Homeopática*, que havia sido interrompido em 1884, tornou-se seu principal redator e presidente. Colaborou ainda na reorganização do ensino da Faculdade Hahnemaniana, fundada em 1912, denominada posteriormente Escola de Medicina e Cirurgia²⁵⁰. Lecionou aí na Cadeira de Farmacologia e, depois, na primeira Cadeira de Matéria Médica. Foi também designado o orador oficial desse Instituto²⁵¹.

Em 1926, o então presidente do IHB, Dr. Licínio Cardoso pediu seu afastamento por motivo de saúde e ficou aclamado por unanimidade a ocupar o cargo o Dr. Dias da Cruz. Outro importante fato ocorrido sob a supervisão e presidência do médico homeopata e espírita foi a realização de 25 a 30 de setembro de 1926, do 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia.

Mesmo com todo esse currículo de atividades, não faltava às reuniões e organizações que lhe eram facultadas, e na Federação Espírita Brasileira, junto com o Dr. Bezerra, prestava assistência aos

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Em 1912, foi fundada a *Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro*, que, em 1913, passou a *Faculdade Hahnemanniana*, depois, em 1924, *Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil*, e, em 1948 *Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*. A *Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro* foi nominada 10 vezes, em razão de mudanças regimentais, estatutárias ou de federalização que sofreu nos seus quase 100 anos de existência. A última alteração ocorreu em 2004, ao completar 92 anos, quando passou a se denominar *Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*. **Seareiro. Publicação Mensal da Doutrinária-espírita.** Ano VIII - nº 65 - Março/2007. Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas Amor e Esperança, p.6.

²⁵¹ **Seareiro. Publicação Mensal da Doutrinária-espírita.** Ano VIII - nº 65 - Março/2007. Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas Amor e Esperança, p.6.

carentes que vinham em grande número para serem consultados por essas duas figuras eminentes do Espiritismo. Sua eloquência em desenvolver os temas doutrinários fazia com que o auditório da Federação do Rio de Janeiro ficasse lotado, pelo envolvimento que o Dr. Dias produzia com sua tranquilidade ao relatar fatos sobre a vinda do Cristo à Terra²⁵².

Dias da Cruz faleceu em 30 de outubro de 1937, aos 84 anos de idade. Em sua homenagem ainda em vida, escreveu José Emygdio Galhardo em sua História da Homeopatia no Brasil:

O professor Dias da Cruz tem serviços meritórios prestados á causa homeopathia, não só á instituição que vem de acclamal-o, mas também ao ensino da homeopathia, sendo, como é, o Mestre por excellencia da actual geração de homeopatas, propagandista dos mais conspícuos e autorizados; apresentando em sua vasta clinica, num período de mais de meio século, abundacia de notabilíssimas curas, com as quaes tem levado a convicção a milhares de indivíduos²⁵³.

Galhardo muito enaltece a contribuição de Dias da Cruz à propagação da homeopatia no Brasil, porém em momento algum faz menção ao seu trabalho na Federação Espírita Brasileira. O fato é que em sua obra referente ao Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, Galhardo não trata sobre a relação existente entre a homeopatia e o espiritismo. Existe um verdadeiro silêncio do autor em relação ao tema. Isso traduz que alguns homeopatas desejavam mesmo afastar tal relação, o que se deu com maior ênfase a partir do século XX e a relação com o positivismo. Apenas em uma Conferência, no ano de 1933, Galhardo se pronunciará a respeito do espiritismo, condenando toda e qualquer relação. Posteriormente tal pronunciamento será mais bem analisado.

²⁵² Idem.

²⁵³ GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. **In: Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia**. 1928. Instituto Hahnemanianno do Brasil. Rua Frei Caneca, 94. Rio de Janeiro. Brasil, p.1014.

2.5.4 Bezerra de Menezes, o Allan Kardec brasileiro.

Bezerra de Menezes não poderia faltar na abordagem referente à intelectualidade brasileira e o espiritismo, afinal foi um ferrenho propagandista da doutrina espírita. Menezes nasceu na antiga Freguesia de Riacho do Sangue, hoje Solonópole, no Ceará, no dia 29 de agosto de 1831. Seus pais foram Antônio Bezerra de Menezes, tenente-coronel da Guarda Nacional e Fabiana de Jesus Maria Bezerra.

Bem cedo, aos onze anos de idade, Bezerra iniciou o curso de Humanidades e, aos treze anos, ministrava aulas de latim a seus companheiros, substituindo o professor da classe em seus impedimentos²⁵⁴.

Os biógrafos de Bezerra narram que seu pai, era um homem severo, mas de caráter ilibado, possuidor de bens em fazendas de criação. Porém, com a política, e por efeito de sua generosidade, pois afirmam que dava abonos de favor a parentes e amigos, comprometeu aquela fortuna. Percebendo, então que seus débitos igualavam seus bens, propôs aos seus credores entregar tudo o que possuía, mas o acordo firmado foi tornar-se mero administrador do que fora sua fortuna, não retirando dela senão o que fosse estritamente necessário para a manutenção da sua família, que assim passou da abastança às privações²⁵⁵.

Com muita dificuldade financeira, em novembro de 1852, Bezerra de Menezes ingressou como praticante interno no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, doutorando-se em 1856 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese Diagnóstico do Cancro.

Em 1858 foi nomeado assistente de Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, então Cirurgião-Mor do Exército no posto de cirurgião-tenente. Já em 1861, foi eleito vereador municipal pelo Partido Liberal, tendo sua eleição impugnada pelo chefe conservador, Haddock Lobo, sob a alegação de ser médico militar. Em 1867 foi eleito Deputado Geral²⁵⁶.

Bezerra de Menezes teve também participações em empreendimentos empresariais, tais qual a criação da Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos, na província do Rio de Janeiro; a

²⁵⁴GODOY, Paulo Alves. **Os grandes vultos do espiritismo**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3920165/Os-Grandes-Vultos-do-Espiritismo>. Acesso em: 15/01/2012.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Idem.

construção da via férrea de S. Antônio de Pádua; a abertura, em 1872 do Boulevard 28 de Setembro que prestava homenagem à Princesa Isabel, além de ter sido presidente da Companhia Carril de S. Cristóvão no ano de 1875²⁵⁷.

A “iniciação” do Dr. Bezerra ao espiritismo deu-se após Carlos Travassos, tradutor de *O Livro dos Espíritos*, presentear o médico com um volume desta obra. O episódio foi descrito por Bezerra da seguinte forma:

Deu-mo na cidade e eu morava na Tijuca, à uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto... Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no "O Livro dos Espíritos"²⁵⁸.

A “conversão” oficial de Bezerra deu-se no dia 16 de agosto de 1886, quando este se declarou espírita em um auditório com cerca de duas mil pessoas na sala de honra da Guarda Velha, na Rua da Guarda Velha, atual Avenida 13 de Maio, no Rio de Janeiro²⁵⁹.

Uma importante atuação na divulgação do espiritismo foi a série de Estudos Filosóficos, sob o título *O Espiritismo* escrita aos domingos no jornal *O País*²⁶⁰, por Bezerra de Menezes, sob o pseudônimo de Max.

As portas do jornal *O País* foram abertas à Bezerra de Menezes desde que Quintino Bocaiúva

²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Fundado no ano de 1884, veio a desaparecer em 1930, durante a guerra civil, na Era de Getúlio Vargas. Ilustres escritores como Rui Barbosa, França Júnior, Joaquim Nabuco, entre vários outros, colaboraram neste jornal. CURY, Aziz. In : **Espiritismo, Estudos Filosóficos vol.2**. Adolfo Bezerra de Menezes. São Paulo: Edições FAE, 2001, p.13.

havia assumido o cargo de redator-chefe deste jornal. Quintino Bocaiúva, aliás, havia sido dono do jornal A República que, publicou o primeiro poema espírita, escrito por Octaviano Hudson. Simpatizante da doutrina, ele, Quintino, não tardaria a se converter e sempre recorria às consultas com os médiuns receitistas²⁶¹.

De novembro de 1886 a dezembro de 1893, Bezerra de Menezes escreveu sua coluna ininterruptamente. “Seus trabalhos, seu capital simbólico e suas ligações institucionais contribuíram decisivamente para a ‘codificação’ da doutrina, marcando uma nova fase da propaganda e expansão do espiritismo no Brasil”²⁶².

Os escritos de Bezerra, na coluna do jornal O Paiz, foram compilados em três volumes pela Fraternidade Assistencial Esperança (FAE), material também utilizado para a análise das colunas do médico espírita. Infelizmente, esta obra não dividiu as colunas por datas de publicação, desta forma sua referência será apenas bibliográfica, pelas páginas da obra. Em outros momentos, porém, a pesquisa deu-se no próprio periódico O Paiz, disponibilizado enquanto digitalizado pela Biblioteca Nacional.

Bezerra demonstrava em seus escritos ser bastante polido, mas defendia ferrenhamente suas convicções. Escolhemos algumas destas publicações para demonstrar o tom de seus escritos.

Em A Ideia das Vidas Sucessivas não é um devaneio, Bezerra defende o princípio espírita das múltiplas vidas, ou reencarnação. Para tal remete-se a Lessing, filósofo alemão do século XVIII, autor de Educação do Gênero Humano, em que demonstrava sua crença na eternidade e no aperfeiçoamento do homem. “O espírito humano faz sua evolução para a perfeição, que é seu destino, através dos séculos, tendo à sua disposição, diz Lessing, toda a Eternidade”²⁶³.

²⁶¹MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o Espiritismo:** diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp - Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado, 2008, p.79.

²⁶²ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.108.

²⁶³MENEZES, Bezerra de. **Espiritismo, Estudos Filosóficos, vol.2.** São Paulo: Edições FAE, 2001, p.348.

Refletindo sobre o conceito da reencarnação na visão espírita, o codificador da doutrina espírita, Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos* questiona no capítulo IV, Da Pluralidade das Existências, subtítulo, A reencarnação, na questão 166:

Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

Realizando nova existência.

Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como espírito?

Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.

A alma passa então por muitas existências corporais?

Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.

Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

Evidentemente²⁶⁴.

Estudioso que era da doutrina espírita, Bezerra conhecia e defendia este princípio apontado por Kardec, e afirma que “os que não estudam a matéria, ou mal observam as obras que dela tratam, julgam o processo da reencarnação ridículo e desprezível”²⁶⁵. Aponta ainda que respeita a opinião contrária a sua, mas daqueles que estudam, não dos ignorantes ou os que simplesmente não aceitam sem conhecimento de causa. Afirma Bezerra:

O que não podemos levar em conta, é o riso tolo de certas notabilidades, que só conhecem o Espiritismo de nome, porque não querem ou não podem aprofundar-se nos exames atentos de suas teses. Pois essas teses, além de não ferirem a

²⁶⁴KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.120.

²⁶⁵MENEZES, Bezerra de. **Espiritismo, Estudos Filosóficos, vol.2**. São Paulo: Edições FAE, 2001, p.348.

Razão desprevenida são demonstráveis pela experiência, que é hoje o método científico infalível²⁶⁶.

Ainda defendendo a reencarnação e posteriormente a comunicabilidade dos espíritos, os dois princípios fundamentais do espiritismo, Bezerra aponta duas situações para servirem de exemplo destes princípios.

Não é possível, aqui, darmos o que só em muitos volumes poderia caber: a exposição dos inúmeros fenômenos humanos, que só podem ser explicados pela teoria das vidas sucessivas; mas, para mostrarmos ao leitor que não estamos sonhando, apresentaremos dois casos: um que se entende com a Ciência, e outro, com a Igreja.

A variedade das condições intelectuais e morais, com que vimos ao mundo, acusaria a Deus ou à história – de força e matéria – se não se aceitasse a teoria das vidas sucessivas: a preexistência, em que uns se adiantaram mais, outros, menos; de modo que, voltando à vida corpórea, cada um se apresenta com o grau de progresso, que conquistou nas vidas anteriores.

Agora é com a Igreja.

Se a vida é única para cada espírito, como conciliareis a justiça de Deus com o fato de só ter a humanidade recebido a completa luz por Jesus Cristo?

As gerações que viveram antes da Cruz foram deserdadas?

Admiti a pluralidade de vidas, e todos os filhos de Deus, até o próprio selvagem, receberão a mesma herança. (...)

Sobre o segundo princípio: a comunicação dos espíritos, só o nega quem não quer ver.

Entre todos os povos, é corrente a tradição do aparecimento das almas dos mortos, e os inúmeros fatos, atestados por pessoas acima de toda a suspeita, confirmam a tese espírita, que desafia a prova experimental.

²⁶⁶ Idem.

São os erros populares, dizem os que, em vez de estudarem, acham mais cômodo rirem do que não lhes dá proveito material²⁶⁷.

Para o médico espírita, o princípio da reencarnação lhe parecia bastante lógico e racional. Ao pensar, por exemplo, em por que alguns seres seriam mais adiantados moral e intelectualmente do que outros, ou ainda nos seres que viveram antes da vinda de Cristo, se seriam então, considerados deserdados, Menezes pontua que somente a lei da reencarnação, que é pautada na lei do progresso, anunciada por Kardec, responderia tais questões. Bezerra de Menezes ainda pontua sobre a comunicabilidade dos espíritos, relacionando a crença de diferentes culturas e crenças milenares que defendem o mesmo princípio. Para o médico bastaria aos “incrédulos” que se propusessem a estudar a doutrina espírita para convencerem-se do mesmo. Bezerra fora um intelectual, e valeu-se muito do estudo das filosofias gregas para corroborar seus apontamentos. Por vezes, quando interpelado através dos jornais de grande circulação, escrevia verdadeiras cartas no afã de fundamentar suas ideias.

Muitos foram os confrontos entre o espiritismo e o catolicismo, principalmente no campo das ideias que versavam sobre vida única, defendida pelo catolicismo, e pluralidade das existências, defendida pelo primeiro. O catolicismo até aceitava a vida após a morte, mas definida por uma única existência corporal, que resultaria em viver no céu ou no inferno. Bezerra escreveu muitos artigos a respeito das distinções filosóficas entre as duas doutrinas, e escolhemos um para demonstrar sua posição, diz o médico:

É preciso pôr termo ao confronto das duas Doutrinas, romana e espírita, com os fatos universais e com os atributos do Criador, único critério infalível da Verdade.

Devemo-nos condoer das extorsões beatíficas dos que não tomam a sério o Espiritismo, diante do desmoralamento, impossível de conter, dessas ilusões que a Igreja recolheu da gentildade e quer fazer passar por Verdades eternas. (...) Assim como a poligamia, que foi um princípio sagrado no regime da revelação abraâmica, fez seu tempo, e, pelo progresso da Humanidade, foi eliminada

²⁶⁷ Idem, p.349-350.

da arca das puras Verdades, pela mais ampla revelação do Sinai; assim como o ‘dente por dente’, consagrado pelo código de Moisés, foi condenado pelo Divino Mestre, desde que o maior progresso humano permitiu sua sublime revelação; assim, pelo progresso que temos realizado, em favor da pura luz irradiada da Cruz, é tempo de se desapegarem da alma dos crentes, de fé passiva, as ilusões, os ritos do atraso humano, que não podem resistir à luz mais intensa da revelação espírita, que é também, emanada da Cruz, porque é o cumprimento da promessa do Salvador.

(...) Seja, porém, como for, a Verdade que o Espiritismo revela, com o seu dogma da reencarnação, faz o que não pode fazer a Igreja, com o seu da vida única; o Espiritismo explica todos os fatos universais de um modo que glorifica a Deus.

Se isto não é o critério infalível da Verdade, Jesus mentiu, quando ensinou como tal²⁶⁸.

É nos costumeiros embates entre as filosofias espírita e católica que Menezes vai defender a “superioridade” de sua doutrina. Segundo Bezerra, esta última explicaria muitos aspectos referentes à vida, morte ou mesmo aspectos universais, que segundo ele não poderiam ser elucidados pelo catolicismo.

Ainda sobre as polêmicas que envolviam as distinções filosóficas entre espiritismo e catolicismo, Bezerra de Menezes argumentou intensamente a favor de sua doutrina, com seu irmão, Manoel Soares da Silva Menezes, líder católico fervoroso de Fortaleza. Uma carta de Bezerra de Menezes, é uma epístola de cerca de 100 páginas que foi publicada originalmente na revista espírita O Reformador, durante o período de 3 de outubro de 1920 a 1º de maio de 1921, sob o título de Valioso Autógrafo, posteriormente intitulado A doutrina espírita como filosofia teogônica, e é o resultado de cartas dirigidas a seu irmão tecendo considerações de filosofia religiosa.

Nesta ‘epístola’ de cerca de 100 páginas dirigida a seu irmão, Bezerra demonstrou toda a sua erudição, verdadeira aula de história comparada

²⁶⁸ Idem, p.391-394.

das religiões. Fez igualmente citações de pensamentos de filósofos; entre outros, citou Pitágoras, Sócrates, Platão e Santo Agostinho, tudo para mostrar que as ideias e pressupostos espíritas, tais como a reencarnação, já haviam sido aceitos desde a Antiguidade por vultos de alto gabarito. Sua argumentação girou em torno da divisa: o espiritismo não era outra coisa senão a própria ‘continuação da história do pensamento filosófico e do conhecimento humano’, bem como da moral de Cristo, a mesma pregada pela Igreja, mas deturpada ao longo de sua história²⁶⁹.

Em crítica ao catolicismo que prega a confissão dos pecados, e a importância da ida constante à Igreja, Bezerra indaga qual o maior valor moral existe, se estar apenas de corpo presente na missa e confessar os pecados, crendo-se livre deles ou buscar um aprimoramento moral sincero.

Que vale mais? Não ir à missa, nem confessar-se e cuidar de corrigir, trabalhando dia e noite, as ruins inclinações de seu espírito - ou ir todos os dias à missa, confessar-se todas as semanas - e deleitar-se em maus pensamentos - e dar largas ao descomedimento da língua - e irritar-se pelas ofensas ao ponto de procurar vingar-se - e pagar mal por mal - e, finalmente, não cuidar de afeiçoar a alma à pura moral de Jesus - Cristo?²⁷⁰

Em outro momento de sua carta, Bezerra vai recorrer ao pensamento de filósofos, estudiosos e personalidades para corroborar sua ideia de que desde muito tempo a crença em outras vidas ou mesmo na comunicação dos espíritos já era anunciada. No trecho escolhido, Bezerra recorre à Bíblia, para narrar uma passagem ocorrida com Jesus Cristo.

²⁶⁹ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008, p.108.

²⁷⁰MENEZES, Bezerra de. **Espiritismo, Estudos Filosóficos, vol.2.** São Paulo: Edições FAE, 2001, p.7-8.

Mais completa prova de que Jesus admitia as reencarnações só esta: Nicodemos pediu-lhe explicações sobre a vida futura e o Senhor respondeu-lhe: "Em verdade, em verdade te digo: ninguém poderá ter o reino do céu, sem renascer de novo."

E, como Nicodemos lhe perguntasse: 'Como poderá um velho voltar ao seio materno?' ele respondeu: Em verdade te digo: 'Aquele que não renascer da água e do Espírito Santo não poderá entrar no reino do Céu'.²⁷¹

Na interpretação espírita, neste trecho acima citado, Jesus estaria se referindo a lei da reencarnação e da renovação moral. Segundo Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, tais palavras de Jesus foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. Porém, Kardec adverte que os antigos consideravam a água como elemento gerador absoluto, portanto, a água se tornara o símbolo da natureza material, e o Espírito, o da natureza inteligente. "Estas palavras: 'Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito'", significam pois: 'Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma'²⁷².

Neste outro trecho é ao pensador e socialista francês, François Marie Charles Fourier, o mesmo que inspirou o Dr. Mure a criar um fanstério na Península do Saí em Santa Catarina, que Bezerra recorre para demonstrar que o ilustre pensador acreditava na reencarnação.

Fourier, o criador da escola fansteriana, se manifesta assim: 'Onde o velho que não queira estar seguro de renascer e de levar à futura existência a experiência do presente? Pretender que esse desejo deva ficar sem realização é admitir que Deus nos pode enganar. É preciso reconhecer que já temos vivido antes de sermos o que somos e que muitas outras vidas nos esperam e outras em uma esfera superior ou extramundana, com um corpo mais sutil e sentidos mais delicados.'²⁷³

²⁷¹ Idem, p.24.

²⁷² KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 106ª edição. Rio de Janeiro. FEB. 1992, p.102.

E Uma carta de Bezerra de Menezes é encerrada com uma declaração do autor em seus credos, demonstrando os pontos filosóficos católicos com os quais concorda e discorda. Além de pontuar onde a Igreja teria deixado de perceber ou aceitar as demonstrações da existência e comunicação dos espíritos.

Agora que V. já conhece as minhas ideias, vou dizer-lhe o meu credo. Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra. Creio em Jesus Cristo, seu dileto Filho, Nosso Senhor e Redentor. Creio que a Igreja foi instituída por Ele para ensinar sua santa doutrina e que é assistida pelo Espírito Santo nesse santíssimo mister. Creio na comunhão dos Santos, na ressurreição da carne, na vida eterna.

Não creio na lenda dos anjos decaídos, porque crer nisso valeria por negar a onipotência e a onisciência do Senhor. Não creio que o mal possa triunfar do bem, eternizando-se, como este, no reino de Satanás. Não creio que um espírito criado pelo Senhor possa fazer-lhe frente, resistir-lhe e destruir-lhe os planos e nem que o Senhor permita isso, servindo-se do rebelde para castigar o rebelde, porque, nesse caso, Deus não criou o homem para o bem, para a felicidade. Não creio na 'vida única, porque o homem é perfectível. Não creio nas penas eternas, porque Deus é pai. Não creio na infalibilidade do papa, porque assim teríamos um Deus no Céu e outro na Terra.

E a comunicação dos santos significa, para mim, a comunicação dos espíritos. E a ressurreição da carne significa a reencarnação dos espíritos.

Eis o meu credo e digo-lhe: que tenho fé viva e esperança firme de subir com ele à sociedade de Deus na eternidade.

Pouco nos resta de vida, a mim e a V.; pouco nos falta para nos encontrarmos onde, livres da obsessão da carne, possamos conhecer se tenho ou não razão.

²⁷⁵MENEZES, Bezerra de. **Espiritismo, Estudos Filosóficos, vol.2.** São Paulo: Edições FAE, 2001, p.36.

Paz e amor em Jesus Cristo Nosso Senhor.
Rio, 31 de Maio de 1886.
(Assinado) Seu irmão ADOLFO. (*)²⁷⁴

E assim, Bezerra de Menezes finaliza sua carta a seu irmão, convidando-a esperar, pois não faltaria muito para suas “desencarnações”, e então veriam quem tinha razão em seus apontamentos.

Bezerra de Menezes, além de ser considerado por muitos espíritas como o “Allan Kardec brasileiro”, justamente por sua importante atuação como defensor e propagador do espiritismo, carregava ainda o título de “médico dos pobres”, afinal sua principal clientela era formada pelos mais necessitados. Afirmava Bezerra:

Um médico não tem o direito de terminar uma refeição, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito qualquer lhe bate à porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta hora da noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro, o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro - esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos de formatura. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu Espírito, a única que jamais se perderá nos vaivéns da vida²⁷⁵.

No ano de 1884 foi fundada a Federação Espírita Brasileira (FEB), no intuito de estruturar os núcleos espíritas que se espalhavam

²⁷⁴ MENEZES, Bezerra de. **Uma carta de Bezerra de Menezes**, a doutrina espírita como filosofia teogônica. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/uma-carta-de-bezerra-de-menezes-bezerra-de-menezes-pdf-d53540947>, p.88-89.

²⁷⁵ GODOY, Paulo Alves. **Os grandes vultos do espiritismo**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3920165/Os-Grandes-Vultos-do-Espiritismo>. Acesso em: 15/01/2012.

pelo Brasil, e que vinham até então trabalhando de forma autônoma, sem conhecimento das atividades dos demais. Bezerra assumiu a presidência da instituição, ocupando este cargo até 1900, quando foi acometido de uma congestão cerebral que o deixou por um período de quatro meses acamado sem poder se comunicar, levando-o, em seguida à sua morte, ou desencarnação, valendo-se do termo espírita.

É interessante a comunicação que Godoy²⁷⁶ nos traz a respeito das incertezas de Bezerra em assumir ou não a presidência da FEB.

No ano de 1894, em face das dissensões reinantes no seio do Espiritismo brasileiro, alguns confrades, tendo à frente o Dr. Bittencourt Sampaio, resolveram convidar Bezerra a fim de assumir a presidência da Federação Espírita Brasileira. Em vista da relutância dele em assumir aquele espinhoso encargo, travou-se a seguinte conversação:

Querem que eu volte para a Federação. Como vocês sabem aquela velha sociedade está sem presidente e desorientada. Em vez de trabalhos metódicos sobre Espiritismo ou sobre o Evangelho, vive a discutir teses bizantinas e a alimentar o espírito de hegemonia.

O trabalhador da vinha, disse Bittencourt Sampaio, é sempre amparado. A Federação pode estar errada na sua propaganda doutrinária, mas possui a Assistência aos Necessitados, que basta por si só para atrair sobre ela as simpatias dos servos do Senhor.

De acordo. Mas a Assistência aos Necessitados está adotando exclusivamente a Homeopatia no tratamento dos enfermos, terapêutica que eu adoto em meu tratamento pessoal, no de minha família e

²⁷⁶ Narra Godoy que Bezerra de Menezes, quando ainda era estudante de Medicina, estava em sérias dificuldades financeiras, precisando da quantia de cinquenta mil réis para pagamento das taxas da Faculdade e para outros gastos, inclusive sendo ameaçado de despejo. Poucos dias depois um moço bateu em sua porta solicitando aulas de Matemática. Após o acerto da data do início das aulas, o moço pretextou que poderia esbanjar a mesada recebida do pai, e efetuou o pagamento de todas as aulas adiantadamente, o que somava justamente o valor necessitado por Bezerra. O estranho é que o tal moço nunca mais apareceu.

recomendo aos meus amigos, sem ser, entretanto, médico homeopata. Isto aliás me tem criado sérias dificuldades, tornando-me um médico inútil e deslocado que não crê na medicina oficial e aconselha a dos Espíritos, não tendo assim o direito de exercer a profissão.

E por que não te tornas médico homeopata? disse Bittencourt.

Não entendo patavinas de Homeopatia. Uso a dos Espíritos e não a dos médicos.

Nessa altura, o médium Frederico Júnior, incorporando o Espírito de S. Agostinho, deu um aparte:

Tanto melhor. Ajudar-te-emos com maior facilidade no tratamento dos nossos irmãos.

Como, bondoso Espírito? Tu me sugeres viver do Espiritismo?

Não, por certo! Viverás de tua profissão, dando ao teu cliente o fruto do teu saber humano, para isso estudando Homeopatia como te aconselhou nosso companheiro Bittencourt. Nós te ajudaremos de outro modo: Trazendo-te, quando precisares, novos discípulos de Matemática...²⁷⁷

Estas considerações apontadas por Godoy são interessantes, pois demonstram o intercâmbio espiritual defendido pelos espíritas. Para Godoy, Bezerra de Menezes fora aconselhado pelos espíritos a aceitar a presidência da FEB, principalmente devido a existência do Serviço de Assistência aos Necessitados, que aplicava o receituário mediúnico, essencialmente homeopático. Bezerra de Menezes tivera formação em medicina, aquela de cunho organicista, mas trabalhava na FEB receitando medicamentos homeopáticos.

Os biógrafos de “o médico dos pobres” narram que verdadeira romaria de visitantes acorria à sua casa, quando de sua doença, e, todavia auxiliavam financeiramente a família, que começou a passar necessidades. Uma comissão chegou a ser formada sob a presidência de Quintino Bocaiúva, senador da República, para se promover espetáculos e concertos, em benefício da família do Dr. Bezerra.

(...) os visitantes depositavam suas espórtulas, delicadamente, debaixo do seu travesseiro. No dia

²⁷⁷ Idem.

seguinte, a pessoa que lhe foi mudar as fronhas, surpreendeu-se por ver ali desde o tostão do pobre até a nota de duzentos mil reis do abastado!²⁷⁸

Outro fato interessante trazido por Sylvio Brito Soares é que quando estava acamado, Bezerra fez questão de que seus remédios fossem prescritos pelas entidades espirituais, além de receber passes mediúnicos. “Diariamente ia visita-lo o seu velho amigo, confrade e colega, o eminente médico Dr. Dias da Cruz, antigo presidente da Federação Espírita Brasileira”²⁷⁹.

Especialmente no meio espírita, é extremamente enaltecida a benevolência de Bezerra de Menezes, tanto em vida quanto após sua desencarnação, tanto que muitos rogam até os dias de hoje o auxílio deste Kardec Brasileiro. Pontua Soares:

Bezerra de Menezes é para todos os que mourejam em terra do Coração do Mundo, a âncora de salvação, quando a borrasca do infortúnio os atinge.

Milhões de vozes pedem diariamente o seu socorro... Milhões de corações, a todo o instante, agradecem a esse grande benfeitor as dádivas do seu amor!

Bezerra de Menezes vive nos corações de todos os espiritistas do Cruzeiro do Sul!

Se no Espiritismo planetário Allan Kardec é, indiscutivelmente, o seu maior expoente; para o espiritismo, no Brasil, Adolfo Bezerra de Menezes é, sem favor algum, o Kardec Brasileiro!²⁸⁰

No capítulo seguinte a relação entre homeopatia e espiritismo, principalmente através do receituário mediúnico realizado pela FEB, será analisada, sobretudo buscando-se perceber as aproximações filosóficas entre as duas doutrinas que fizeram muitos espíritas defenderem a homeopatia como verdadeira doutrina espiritual.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ SOARES, Sylvio Brito. **Vida e Obra de Bezerra de Menezes**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008, p.113.

²⁸⁰ Idem, p.150-151.

Cap. 3 Homeopatia, uma medicina espiritual?

3.1 Aproximações entre conceitos homeopáticos e espíritas a respeito de saúde, doença e cura.

De acordo com a filosofia espírita, o ser humano é formado por três elementos: a alma ou espírito, o corpo perispiritual ou perísprito e o corpo físico, sendo que estes estão intimamente relacionados. Neste sentido, os acontecimentos de natureza emocional, sentimental ou no campo das ideias, como por exemplo, uma falta cometida, opera na mente humana um estado de perturbação, instaurando desarmonias de vastas proporções nos centros da alma. Desta forma, emitir pensamentos negativos, ou agir de forma desregrada ou malfazeja, constituiriam as geratrizes básicas dos processos mórbidos. “(...) É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior”²⁸¹.

(...) Assim, essas substâncias, sofrendo a ação do pensamento, que lhes pode comunicar qualidades diversíssimas, benéficas ou maléficas, salubres ou insalubres, e dirigidas pela vontade, obedecendo ainda às leis universais de afinidade, atração e repulsão, soem agir benéfica ou maleficamente sobre a organização integral do homem, acarretando-lhe saúde ou enfermidade²⁸².

Entender um pouco sobre o significado do perísprito ou corpo fluído do espírito é fundamental para a compreensão de questões que envolvam doenças, saúde ou cura para os espíritas. Allan Kardec questiona na pergunta 93, em *O Livro dos Espíritos* a respeito desta substância. “O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer”²⁸³.

²⁸¹ SOUZA, Lenice Aparecida. **Homeopatia e Espiritismo**. Rio de Janeiro. Ed. INEDE 2008, p.324.

²⁸² THIAGO, Lauro S. **Homeopatia e Espiritismo**. FEB: Rio de Janeiro, 1991, p.13.

²⁸³ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.85.

A resposta obtida é: “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.” Seguido à resposta segue o comentário de Kardec: “Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito”²⁸⁴.

Ainda sobre o perispírito Kardec questiona no item 95 sobre a forma desta substância. “O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível”? A resposta atribuída aos espíritos é: “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.”²⁸⁵

O perispírito é um organismo complexo, formado de células, tecidos e órgãos. Todos os órgãos existentes no corpo físico existem no perispírito mesmo porque, aquele é uma duplicata deste. Assim sendo, lesões mais graves, como o suicídio, destroem não apenas o órgão físico mas atingem o órgão perispirítico. Lesando a forma, o novo corpo, na próxima encarnação, apresentará uma deficiência naquele órgão. O indivíduo poderá nascer apresentando essa lesão ou ela poderá se manifestar mais tarde, mais ou menos na idade em que foi cometido o ato deslucado do suicídio²⁸⁶.

Para a Doutrina Espírita, que considera o ser humano de forma integral, dentro do contexto físico-espiritual, saúde é o estado de plenitude espiritual, ou seja, de completo bem-estar. Analisa que a doença é consequência das más ações cometidas pelo Espírito, na existência atual ou em vidas anteriores²⁸⁷. Desta forma, tratar um doente

²⁸⁴KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.85.

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶Revista Espírita Allan Kardec. Ano VII n.27. Julho/Setembro1995. In: **Curas Espirituais**, p.6.

²⁸⁷Reformador, ano 126, no 2153, Agosto 2008, In: **Em dia com o Espiritismo: Saúde e Doença**, Maria Antunes Moura, p.26. ISSN 1413-1749.

abordando simplesmente o seu corpo físico seria na visão espírita um equívoco, visto que o ser humano é formado, em síntese, de corpo e alma. “São constituintes que participam ativamente na formação da criatura humana e, se há distúrbios próprios do corpo, outros existem, inerentes à alma”²⁸⁸.

O corpo físico, esse ‘templo sublime’, guarda em suas células as impressões das vivências transmitidas pelo plano genético e vibratório, é o repositório de informações de passado longínquo que eclodem em tempo certo. Sem esse dreno do espírito como alcançaríamos o voo da libertação?²⁸⁹

O objetivo maior deste capítulo é perceber como ou por que a doutrina espírita encontrou inúmeras relações nos pontos que se referem às questões de saúde, doença e cura com a filosofia homeopática, desenvolvida séculos antes. Para tal, buscou-se perceber as aproximações entre a filosofia destas doutrinas, assim como suas questões práticas, ou seja, será analisado o uso da homeopatia nos centros espíritas, buscando perceber como esta prática teve início, ainda no século XIX, e seus desdobramentos.

É importante ressaltar que não se deseja defender a ideia de que a homeopatia é espírita, até porque aquela foi desenvolvida antes do espiritismo, muito menos defender que a homeopatia é uma doutrina espiritual. A intenção é apresentar os pontos de correlação entre as duas filosofias, buscando entender o porquê para os espíritas a aproximação entre homeopatia e espiritismo é tão significativa e justificável. Deseja-se perceber como o discurso espírita foi sendo construído a favor desta aproximação, possivelmente valendo-se de tal para propagar ainda mais sua filosofia.

Avaliando um pouco mais detidamente a Doutrina Espírita, percebem-se inúmeros pontos em comum com a filosofia desenvolvida por Samuel Hahnemann.

²⁸⁸Revista Cristã de Espiritismo, ano 2 n° 11. Editora Escala. Março/Abril 2001, In: **A Medicina no alvorecer da Nova era**, Roberto Brólio. p.19. ISSN 1516-8581.

²⁸⁹SOUZA, Lenice Aparecida. **Homeopatia e Espiritismo**. Rio de Janeiro.Ed. INEDE 2008, p.316-317.

Hahnemann, renovador da tradição hipocrática, que perseguia a cura como a maior pretensão do médico, e no plano espiritual, continua investindo na busca de novos e mais eficazes recursos de auxílio à Humanidade. Mas, acima de tudo, acrescentando o que o próprio Mestre, o Médico dos médicos, afirmou: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. (Mat.11:28), definindo que a cura definitiva é conquista pessoal, sob o Amor de Deus²⁹⁰.

O principal ponto em comum entre estas filosofias, e defendido pela maioria dos autores que trabalham com esta temática, versa a respeito do fluido vital, ou força vital, sustância esta defendida tanto por Hahnemann quanto apresentada por Kardec.

Para os espíritas, um importante elemento, que desempenha papel de intermediário entre corpo e espírito é o fluido universal. Kardec, em O Livro dos Espíritos, em sua introdução exemplifica o que vem a ser tal fluido.

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não daria a mesma ideia. Para uns o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc. Seja como for, um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida,

²⁹⁰ Idem, p.317.

enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana²⁹¹.

Ainda em O Livro dos Espíritos Kardec, na questão 64 indaga: “Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro?” E obtém como resposta:

É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio²⁹².

De acordo com a doutrina espírita, a quantidade de fluido vital varia de pessoa para pessoa, sendo que enquanto alguns seres o possuem somente em quantidade suficiente, outros o possuem em abundância, podendo transferir-lhe aos mais necessitados. “Os indivíduos que possuem essa capacidade de captar este fluido do reservatório universal, armazená-lo e doá-lo a alguém que está enfermo são chamados de médiuns curadores”²⁹³.

(...) “Deus, Espírito e Matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal” – diz “O Livro dos Espíritos”; mas, ao lado da matéria, é preciso que se considere o fluido universal, elemento necessário de ligação

²⁹¹KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.18-19.

²⁹²Idem, p.75.

²⁹³**Revista Espírita**. Allan Kardec. Ano VII n.27. Julho/Setembro1995. In: Curas Espirituais, p.6.

entre o Espírito e a matéria, suscetível de modificações inumeráveis, condicionando modalidades diversas de fluidos que em tudo intervêm, tanto na grandeza infinita dos espaços estelares, como na grandiosa pequenez dos turbilhões atômicos, na natureza bruta como na natureza viva, na vida dos vegetais e animais como do homem, portanto, na saúde como na doença. A biologia e a patologia espíritas existem, aliás, não no sentido de ciências particulares, mas de contribuições do Espiritismo à Biologia e à Patologia, de estudos de Biologia e Patologia à luz do Espiritismo²⁹⁴.

Já em *Organon da Arte de Curar*, que pode ser considerado a Bíblia para os homeopatas, encontramos em diversos incisos referências à força vital. No Inciso 9 Hahnemann trata sobre o que viria a ser esta tal força.

No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como ‘Dynamis’, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência²⁹⁵.

Ainda na mesma obra, o autor da homeopatia, no inciso décimo, afirma a impossibilidade da ocorrência de vida sem força vital.

O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de auto conservação; somente o ser imaterial (princípio vital, força vital) que anima o organismo no estado saudável ou doente lhe

²⁹⁴THIAGO, Lauro S. **Homeopatia e Espiritismo**. FEB: Rio de Janeiro, 1991, p.11-12.

²⁹⁵HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.94.

confere toda sensação e estimula suas funções vitais²⁹⁶.

É difícil negar as similitudes entre as definições a respeito de força vital apontadas por Hahnemann e por Kardec, o que poderia justificar a assimilação desta racionalidade médica por parte dos espíritas, que passaram a entender a homeopatia como uma medicina espiritual, atribuindo ao criador da homeopatia uma espécie de predestinação, ou seja, que ele recebera a missão de desenvolver esta doutrina. Posteriormente será analisada uma obra espírita, intitulada Brasil, coração do mundo pátria do evangelho onde esta percepção torna-se mais clara.

Neste momento, porém, deseja-se chamar a atenção para uma passagem de *Organon da Arte de Curar* em que Hahnemann, no inciso 288 se refere ao mesmerismo e ao magnetismo, abordando a questão da intenção de uma pessoa em curar outra, usando para tal seus fluidos. É interessante perceber este apontamento de Hahnemann justamente por ser outro ponto muito utilizado na doutrina espírita, que são a aplicação dos passes magnéticos e curas espirituais.

Nesse ponto, acho ainda necessário fazer menção ao chamado magnetismo animal, ou melhor, ao mesmerismo (como deveria ser chamado, graças a Mesmer, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e difamada ao longo de um século inteiro, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato ou, mesmo sem ele e mesmo a uma certa distância, a força vital do mesmerizador sadio, dotado com essa força, aflui dinamicamente para um outro indivíduo, agindo de diversas maneiras: enquanto substitui no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo, em outros, onde a força vital se acumulou em demasia, causando e mantendo indescritíveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo principalmente o

²⁹⁶ Idem.

distúrbio mórbido do princípio vital do doente e substituindo pela força vital normal do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por ex., velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos dotados de grande força natural pertencem a essa categoria.²⁹⁷

Na doutrina espírita o termo “passe” tem significados distintos. De acordo com Jacob Melo, inicialmente, passe era apenas o nome dado ao gesto (ou conjunto de gestos) com a finalidade de movimentar os fluidos. Posteriormente teria sido entendido como atividade de cura. Para o autor, “passe” tanto pode ser entendido como uma terapia espírita, como uma parte do magnetismo, como uma técnica de cura ou ainda como o sentido genérico da fluido terapia²⁹⁸.

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas.

Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contacto e pela imposição das mãos, faculdade que algumas

²⁹⁷ Idem, p.288-289.

²⁹⁸ MELO, Jacob. **O passe, seu estudo, suas técnicas, sua prática**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1992, p.20.

peessoas possuem em grau mais ou menos elevado²⁹⁹.

Na filosofia espírita, o passe não é apenas transfusão de energias, mas sim um meio “equilibrante ideal da mente”. Promoveria o reequilíbrio orgânico (físico), psíquico, perispiritual e espiritual do paciente³⁰⁰.

É interessante mencionar que para a doutrina espírita, existem dois tipos principais de passes. O passe espiritual, que seria aquele cujos fluidos proveriam fundamentalmente dos espíritos (os desencarnados); e o passe magnético ou misto, que é aquele cujos fluidos são preferencialmente emanados pelo passista ou médium, ou em conjunto entre médium e espírito. Nas casas espíritas, os passes mais aplicados são estes últimos.

Após este adendo sobre o passe, entende-se oportuno ainda, relacionando a filosofia homeopática com a espírita, buscar entender como os medicamentos homeopáticos agem no corpo tanto na visão de Hahnemann quanto para os espíritas. Em comum, percebemos que para ambas as filosofias, a atuação de tal medicamento ocorre sobre o princípio vital do doente.

No inciso 16 de *Organon da Arte de Curar*, Hahnemann refere-se à atuação dos medicamentos homeopáticos.

(...) Por conseguinte, os medicamentos podem restabelecer a saúde e a harmonia vital e, de fato, as restabelecem, somente através do efeito dinâmico sobre o princípio vital, depois que as alterações no estado de saúde do doente, perceptíveis por nossos sentidos (os sintomas essenciais), apresentaram ao médico, que observa e investiga atentamente a doença de modo tão completo quanto necessário para permitir-lhe a cura³⁰¹.

²⁹⁹Kardec, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 80 ed. Rio de Janeiro, FEB. In: Do laboratório do Mundo Invisível. p.180.

³⁰⁰MELO, Jacob. **O passe, seu estudo, suas técnicas, sua prática**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1992, p.20.

³⁰¹HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.101-102.

De acordo com alguns espíritas, a ação dos medicamentos homeopáticos não é de natureza material, mas sim de ordem dinâmica e imaterial. Por isso tais medicamentos seriam dinamizados, porquanto, por não serem materiais não poderiam atuar diretamente sobre o organismo físico, mas agem sobre este através de outro elemento, muito ligado ao organismo, o fluido vital³⁰². Lauro Thiago, autor espírita define a atuação dos medicamentos homeopáticos de acordo com os princípios espíritas:

(...) a ação dos medicamentos homeopáticos não é de natureza material; química, mas sim de ordem dinâmica, verdadeiramente imaterial; ela decorre não da massa ou das propriedades químicas da substância medicamentosa, mas de um dinamismo próprio de algo que, no seu âmago, se encontra com a sua potencialidade de ação como que reprimida e oculta, precisando, para manifestar-se livremente e em toda a sua plenitude de força, que a substância natural que lhe serve de base à preparação seja submetida a um processo especial de desmaterialização. Esse processo foi concebido e tornado prático pelo próprio Hahnemann, que falou em dinamismo medicamentoso e demonstrou-lhe a existência, preparando medicamentos dinamizados por um processo realmente original e que consiste em fazer diluições sucessivas e múltiplas das substâncias medicamentosas, a partir de preparações farmacêuticas básicas chamadas preparações-mães³⁰³.

Para Lauro Thiago, as dinamizações dos medicamentos homeopáticos serviriam para desmaterializar o medicamento, possibilitando a sua atuação no fluido vital do doente.

No seu *Organon da Arte de Curar*, no inciso 270, após instruções detalhadas para o preparo dos medicamentos, Hahnemann pontua sobre a dinamização dos medicamentos homeopáticos:

³⁰²THIAGO, Lauro S. **Homeopatia e Espiritismo**. FEB: Rio de Janeiro, 1991, p.29.

³⁰³ Idem, p.19.

Por meio deste processo mecânico, contanto que se realize metodicamente conforme aos ensinamentos anteriores, efetua-se uma mudança na droga, que em seu estado natural ou cru se manifesta por si mesma só como matéria, às vezes como substância não medicinal; mas, por meio da dinamização cada vez mais alta, se modifica e utiliza até possuir um poder medicinal não material (“spirit-like”). Esta força, por certo, em si mesma, não cai debaixo da ação de nossos sentidos, mas o glóbulo medicamentoso preparado, seco e ainda mais dissolvido em água, vem a ser seu veículo, e nesta condição se manifesta o poder curativo desta força invisível no organismo enfermo³⁰⁴.

Mais uma vez, relacionando as duas doutrinas, a homeopática e a espírita, percebe-se que a ação dos medicamentos homeopáticos se assemelha, à ação fluídica e, portanto, entende-se o uso destes medicamentos nas casas espíritas, assim como torna mais clara a compreensão da prática do receituário mediúnico que será discutida posteriormente.

3.2 Os espíritas e seu entendimento sobre Hahnemann e sua missão

Para Araujo³⁰⁵ a ideia de missão como ponto de articulação entre medicina e mediunidade constitui o primeiro passo na construção da relação entre medicina e espiritismo, como práticas complementares, porém comprometidas com valores da doutrina espírita.

No espiritismo a ideia de vocação, associada à noção de auxílio ao próximo através da caridade, passa a ser um viés de orientação da escolha da carreira médica entre os espíritas, como se verá

³⁰⁴ HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.345.

³⁰⁵ ARAUJO, Eveline Stella. **Médicos, médiuns e mediações: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas**. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. p.61.

adiante. Essa relação estabelecida pelo espiritismo, entre trabalho e caridade pode ser percebida também na história de vida de Allan Kardec, de Benoît Mure e de Bezerra de Menezes. A vocação, reinterpretada a partir da vivência religiosa espírita, é entendida como missão, por vezes recomendada pelos espíritos, e aqui se nota a ideia de predestinação, ou pode ser um impulso interior, uma necessidade de ser útil para a humanidade, e aqui, a ideia de perseverança³⁰⁶.

O termo missão pode ser frequentemente encontrado nas obras e discursos espíritas, inclusive nas obras da codificação. Em *O Livro dos Espíritos* existem algumas menções ao termo. Na questão 571 Kardec questiona: “Só os Espíritos elevados desempenham missões”? A resposta atribuída aos espíritos é: “A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do Espírito. O estafeta que leva um telegrama ao seu destinatário também desempenha uma perfeita missão, se bem que diversa da de um general”³⁰⁷.

No entendimento espírita, missão é algo solicitado pelo próprio espírito reencarnante, e seu objetivo seria a instrução dos homens e o auxílio ao progresso. No item 573 de *O Livro dos Espíritos* Kardec questiona “Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?”.

Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo em a Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade³⁰⁸.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.285.

³⁰⁸ Idem.

Desta forma, para os espíritas, muitos dos importantes personagens que já passaram pela Terra, sejam eles políticos, artistas, cientistas, religiosos, foram seres dotados de importantes missões. E não teria sido diferente com Hahnemann, que é percebido como um missionário enviado para revolucionar muitos conceitos relacionados à saúde.

A homeopatia, trazendo ao conhecimento contemporâneo provas irretorquíveis da existência do organismo vital, onde se estacionam os sutis desequilíbrios do espírito antes de aflorarem em moléstias físicas, é ciência estabelecida na Terra para sanar as chagas do materialismo médico, edificando a verdadeira Medicina do Espírito. Hahnemann, arauto do Cristo, foi por Ele encarregado, com tamanha antecipação, de fixar na Terra os pilares dessa nova medicina, a vigorar³⁰⁹.

Esta mensagem atribuída ao espírito Bezerra de Menezes, médico e grande propagandista do espiritismo, mencionado no capítulo anterior, demonstra a visão espírita sobre Hahnemann e sua obra. O médico homeopata é considerado como detentor de uma missão, a de edificar uma “nova e verdadeira medicina do espírito”.

Uma obra espírita bastante interessante, atribuída ao espírito de Humberto de Campos e psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, intitulada: Brasil, coração do mundo pátria do evangelho, traduz bem esta visão espírita sobre Hahnemann e a homeopatia. O objetivo desta obra é posicionar o Brasil como “pátria do espiritismo”, apresentando a história do Brasil, desde o Período Colonial, até o Republicano, passando por pontos como abolição, Federação Espírita Brasileira e doutrina homeopática, sempre relacionando os fatos históricos ao planejamento espiritual para esta terra, assim como apresentando os espíritos missionários que teriam sido imbuídos das mais diversas missões a fim de propagarem as ideias espíritas. Abaixo segue trecho da obra que referencia seu objetivo.

³⁰⁹MENEZES, Bezerra. Grupo Fraternidade Espírita Irmão Vítor. Belo Horizonte, Dezembro de 2007. In: **Rumo à Medicina do Espírito**. Disponível em: http://www.gilsonfreire.med.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Item. Acesso: 10/03/2012.

Estas páginas modestas constituem, pois, uma contribuição humilde à elucidação da história da civilização brasileira em sua marcha através dos tempos. Têm por único objetivo provar a excelência da missão evangélica do Brasil no concerto dos povos e que, acima de tudo, todas as suas realizações e todos os seus feitos, forros dos miseráveis troféus das glórias sanguinolentas, tiveram suas origens profundas no plano espiritual, de onde Jesus, pelas mãos carinhosas de Ismael, acompanha desveladamente a evolução da pátria extraordinária, em cujos céus fulguram as estrelas da cruz. São elas, ainda, um grito de fé e de esperança aos que estacionam no meio do caminho³¹⁰.

De acordo com a obra em questão, o Brasil já possuiria um grande círculo homeopático, sob a direção do mundo espiritual. Desta forma é que por volta de 1840, ao influxo das falanges de Ismael³¹¹, chegaram dois médicos humanitários ao Brasil, Benoit Müre e Vicente Martins, que fariam da medicina homeopática verdadeiro apostolado³¹².

Muito antes da codificação kardeciana, conheciam ambos os transes mediúnicos e o elevado alcance da aplicação do magnetismo espiritual. Introduziram vários serviços de beneficência no Brasil e traziam por lema, dentro da sua maravilhosa intuição, a mesma inscrição divina da bandeira de Ismael — "Deus, Cristo e Caridade". Indescritível foi o devotamente de ambos à coletividade brasileira, à qual se haviam incorporado, sob os altos desígnios do mundo espiritual. Nas suas luminosas pegadas, seguiram, mais tarde, outros pioneiros da homeopatia e do Espiritismo, na Pátria do Evangelho. Foram eles, os médicos homeopatas, que iniciaram aqui os

³¹⁰XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mudo pátria do evangelho**. 1ª edição 1938. Rio de Janeiro.FEB, p. 9-10.

³¹¹Ismael é entendido pelos espíritas como espírito desencarnado e mentor espiritual do Brasil.

³¹²XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mudo pátria do evangelho**. 1ª edição 1938. Rio de Janeiro.FEB, p. 124.

passes magnéticos, como imediato auxílio das curas. Hahnemann conhecia a fonte infinita de recursos do magnetismo espiritual e recomendava esses processos psicoterápicos aos seus seguidores³¹³.

Nesta obra também se desenvolve a ideia de que enquanto na Europa o espiritismo era somente objeto de observações e pesquisas nos laboratórios, ou de grandes discussões no terreno da filosofia, no Brasil este fora absorvido com todas as suas características de Cristianismo, assim como a terapêutica do magnetismo espiritual, os elementos da homeopatia, a cura das obsessões, os auxílios gratuitos no Serviço de Assistência aos Necessitados, que será em breve melhor analisado³¹⁴.

Ismael, porém, não abandonou os seus devotados colaboradores; reuniu os companheiros mais afins com as suas ideias generosas e reorganizou a sua obra. As ordens e observações de Jesus foram por ele integralmente cumpridas. Escolheu as reservas preciosas da Federação e assentou, dentro dela, a sua tenda de trabalho espiritual. Consolidou a Assistência aos Necessitados, fundada em 1890, que radicou a sua obra no coração da coletividade carioca, e a caridade foi e será sempre o inabalável esteio da venerável instituição que hoje se ergue na Avenida Passos. Com essas providências, levadas a efeito numa das noites memoráveis de julho de 1895, Bezerra de Menezes assumia a sua posição de diretor de todos os trabalhos de Ismael no Brasil, coordenando os elementos para a evangelização e deixando a Federação como o porto luminoso de todas as esperanças, entre o Grupo Ismael, que constitui o seu santuário de ligação com os trabalhadores do Infinito, e a Assistência aos Necessitados, que a vincula, na Terra, a todos os corações infortunados e sofredores e representa, de fato, até hoje, a sua âncora de conservação no mesmo programa evangélico, no seio das

³¹³ Idem, p.127-128.

³¹⁴ Idem, p.159-160.

ideologias novas e das perigosas ilusões do campo social e político³¹⁵.

É interessante este trecho da obra *Brasil coração do mundo pátria do evangelho*, pois coloca a criação do Serviço de Assistência aos Necessitados, pela FEB em 1890, como algo inspirado pela espiritualidade e exemplo de caridade, princípio espírita de extrema significação.

Outra obra de cunho espírita e que traz aspectos interessantes é intitulada *Hahnemann, o apóstolo da medicina espiritual*, de Hermínio de Miranda. Neste livro, Miranda baseando-se no que seria uma mensagem do próprio Hahnemann em espírito, afirma que este outrora fora Paracelso, o que explicaria muitos aspectos de sua doutrina.

A mensagem atribuída ao fundador da homeopatia teria sido recebida através da mediunidade de Madame W. Krell, em março de 1875, nela a assinatura é: Hahnemann, autrefois Paracelse³¹⁶. Optou-se por apresentar a mensagem na íntegra:

Ao Cavouqueiro, a Terra; à Inteligência, a Cabeça!

‘Ao cavouqueiro, a terra; à inteligência, a cabeça!’. Esse provérbio simples que vos foi dito outrora, explica bem as coisas.

Ao cavoqueiro, a terra, ao espírito, no início de sua escalada evolutiva, a manipulação da matéria; ao espírito que trabalha, ao espírito de inteligência avançada, o controle dos fluidos.

E aí está novamente escrito esse termo fluido, que tantos pensamentos agita e faz trabalhar tantos cérebros, essa palavra fluido ainda tão pouco compreendida. Dentro de um século ou dois, talvez menos, mas não mais que isso, serão encontradas nesses fluidos todas as composições materiais, todas as combinações químicas.

Encontrar não é tudo, é preciso tirar proveito da descoberta. Será necessário, portanto, que a humanidade aprenda a utilizar-se deste ou daquele fluido.

³¹⁵ Idem, p.157.

³¹⁶ MIRANDA, Hermínio C. **Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual**. Rio de Janeiro: Centro Espírita Léon Denis, 1991, p.3.

Aplicando algumas dessas palavras à ciência médica, digo que a homeopatia é o primeiro passo dado nesse sentido; o segundo, mais amplo, será a medicação por meio de fluidos; o terceiro será a medicação puramente espiritual.

A despeito de todos os seus progressos, a homeopatia é hoje vítima do ódio e da crítica da velha alopatia. Mas, logo que, graças à lei contínua do progresso, os médicos alopatas tenham dado mais alguns passos, ficarão, talvez, bem admirados de se encontrarem no território dos médicos homeopatas; mas, nós que lhes desbravamos os caminhos, lá estaremos novamente, para fazê-los avançar mais e experimentar a medicação fluídica, objeto de nossos estudos atuais.

O terreno inculto proporciona muitas canseiras ao trabalhador que se decide a prepará-lo para o plantio, mas produz, às vezes, muito mais do que se esperava.

Coragem, portanto, e perseverança. Sempre será dada a força necessária aos espíritos suficientemente corajosos e dispostos à luta contra a rotina, aos que se utilizam de suas vidas para tirar de tudo o melhor proveito.

Hahnemann, outrora Paracelso³¹⁷.

Miranda passa então a se questionar sobre as reais possibilidades de Hahnemann ter sido em outra vida Paracelso. O autor analisa que entre a morte de Paracelso, em 24 de setembro de 1541, e o nascimento de Hahnemann, em 11 de abril de 1755, decorreram 214 anos, e então questiona se o ilustre alquimista teria tido outra encarnação antes de apresentar-se como Hahnemann ou se teria passado esse período se preparando para a nova vida, estudando e pesquisando³¹⁸.

³¹⁷ Mensagem recebida por Madame W. Krell, em março de 1875, em Bordeaux, França, e constante do livro *Rayonnements de la vie spirituelle*, edição da Union Spirite Belge, 1949, apud MIRANDA, Hermínio C. **Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual**. Rio de Janeiro: Centro Espírita Léon Denis, 1991, p.47-48.

³¹⁸ MIRANDA, Hermínio C. **Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual**. Rio de Janeiro: Centro Espírita Léon Denis, 1991, p.28.

Além destas interrogações, Miranda passa a fazer comparações entre os personagens em questão. Reflete sobre seus anseios, facilidades em comum, e renúncias que tiveram que ser vividas por ambos.

Em ambos, a inteligência fulgurante, a sede incontida de saber, a coragem de enveredar pelos caminhos ainda não trilhados, a incomum facilidade para o aprendizado das línguas vivas e mortas, a resistência interior ante a mais crua adversidade, a intuição maravilhosa dos impulsos espirituais no ser humano encarnado, o sentimento religioso não ortodoxo, insatisfeito com as crenças dominantes, o espírito voltado para os postulados evangélicos³¹⁹.

Além disto, Miranda procura pautar-se em alguns estudiosos, como J. Gallavardin, que acreditam que Paracelso já praticava as diluições e triturações que seriam propostas por Hahnemann anos mais tarde, pois, na sua obra *Paragranum*, Paracelso se refere à peneiragem e mistura das substâncias que, reduzidas a pó, deveriam ser tomadas com açúcar, sendo que Hahnemann teria introduzido o açúcar de leite³²⁰.

(...) Por isto, Paracelso procurava nas substâncias aquilo que o Dr. Allendy chama de ‘a alma do medicamento, seu princípio atuante’ o que somente seria possível alcançar através das doses infinitesimais, ‘corolário da dinamização quintessencial que o situa nitidamente como um ancestral de Hahnemann’³²¹.

Em outras obras espíritas, tais qual *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *Obras Póstumas* e na *Revista Espírita*, existem mensagens que são atribuídas ao espírito de Hahnemann. Serão apresentadas algumas destas mensagens com o intuito de perceber o impacto destas para a doutrina espírita.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, obra de Kardec que compõe o pentateuco da codificação espírita, encontra-se uma mensagem atribuída ao espírito de Hahnemann, datada de 1863. Esta

³¹⁹ Idem, p.11.

³²⁰ Idem, p.21.

³²¹ Idem.

mensagem não trata a respeito da doutrina homeopática, mas sim sobre o sentimento de cólera, em que o fundador da homeopatia, tece apontamentos sobre os prejuízos que tal sensação causa no ser, além de afirmar que tal sentimento não provém do corpo, mas sim do espírito, e que só cabe a este a busca por não mais encolerizar-se, ou infringir em demais vícios. Reproduziremos a mensagem na íntegra para sua melhor compreensão.

Segundo a ideia falsíssima de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra de permeio a todas as suas imperfeições. Indubitavelmente, temperamentos há que se prestam mais que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força. Não acrediteis, porém, que aí resida a causa primordial da cólera e persuadi-vos de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente, a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva. O corpo não dá cólera àquele que não na tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. Não vos mostra a experiência, a vós espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente

miraculosas que se operam sob as vossas vistas? Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso. — Hahnemann. (Paris, 1863.)³²²

Outra mensagem atribuída ao fundador da homeopatia pode ser encontrada em Obras Póstumas, obra esta que como o título sinaliza é uma obra publicada após a morte de Kardec, e que reúne escritos ainda não publicados pelo pedagogo francês. Nesta mensagem, datada de 7 de maio de 1856, Kardec narra uma comunicação que tivera em casa do Sr. Roustan, através da médium, Japhet com Hahnemann, em que questiona sobre a sua missão em codificar a doutrina espírita.

MINHA MISSÃO

Pergunta (a Hahnemann) — Outro dia, disseram-me os Espíritos que eu tinha uma importante missão a cumprir e me indicaram o seu objeto. Desejaria saber se confirmas isso.

Resposta — Sim e, se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia.

P. — Para desempenhar essa missão tal como a concebo, são-me necessários meios de execução que ainda não se acham ao meu alcance.

R. — Deixa que a Providência faça a sua obra e serás satisfeito.

ACONTECIMENTOS

Pergunta — A comunicação há dias dada faz presumir, ao que parece, acontecimentos muito graves. Poderás dar-nos algumas explicações a respeito?

Resposta — Não podemos precisar os fatos. O que podemos dizer é que haverá muitas ruínas e

³²²KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 106ª edição. Rio de Janeiro, FEB. 1992. In: Bem Aventurados os que são brandos e pacíficos, A Cólera, p.206-207.

desolações, pois são chegados os tempos preditos de uma renovação da Humanidade.

P. — Quem causará essas ruínas? Será um cataclismo?

R. — Nenhum cataclismo de ordem material haverá, como o entendeis, mas flagelos de toda espécie assolarão as nações; a guerra dizimará os povos; as instituições vetustas se abismarão em ondas de sangue. Faz-se mister que o velho mundo se esboroe, para que uma nova era se abra ao progresso.

P. — A guerra não se circunscreverá então a uma região?

R. — Não, abrangerá a Terra.

P. — Nada, entretanto, neste momento, parece pressagiar uma tempestade próxima.

R. — As coisas estão por fio de teia de aranha, meio partido.

P. — Poder-se-á, sem indiscrição, perguntar donde partirá a primeira centelha?

R. — Da Itália.³²³

Outra mensagem também atribuída ao espírito de Hahnemann pode ser encontrada na Revista Espírita, revista esta organizada por Kardec. Uma nota da revista menciona que esta comunicação teria sido motivada pela presença, na sessão, de um médico homeopata estrangeiro, que desejava ter a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. E pontua ainda que tal mensagem foi dada por intermédio de uma “jovem senhora que jamais fez estudos médicos, e à qual, necessariamente, muitos termos especiais são estranhos”³²⁴.

Na comunicação Hahnemann (entenda-se que para os espíritas a mensagem realmente provém do médico homeopata) aborda especificamente a temática da homeopatia, pontuando que o espiritismo será um poderoso auxiliar desta, e lamenta a deturpação que sua doutrina vinha sofrendo por parte dos que a desconheciam ou mesmo que não seguiam os ensinamentos contidos no Organon.

A medicina homeopática.

³²³KARDEC. Allan. **Obras Póstumas**, 1ª edição francesa, Paris, 1890, 26ª edição. Rio de Janeiro, FEB. 1944, p.338-340.

³²⁴**Revista Espírita**, 6º ano, nº 8, Agosto 1863, p.20.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863. - Médium senhora Costel.) Minha filha, venho dar um ensino médico aos Espíritas. A astronomia, a filosofia têm aqui eloquentes intérpretes: a moral conta tanto escritores quanto médiuns; por que a medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica que penetra hoje até nas classes dos sectários da antiga medicina; ligados contra a homeopatia, acharam bom criar-lhe diques inumeráveis, acharam bom de exclamar: "Não irás mais longe!" a jovem medicina, triunfante, venceu todos esses obstáculos; o Espiritismo ser-lhe-á um poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, há muito tempo, retardou o seu voo. O estudo médico está inteiramente ligado à procura das causas e dos efeitos espiritualistas; disseca os corpos, e deve também analisar a alma, Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada nesse mundo pelos nobres, e no alto pelos Espíritos ignorantes que usurpam seu nome. Gostaria que minha palavra escutada tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia e a impedem de ser tão útil quanto o deveria. Se falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com fruto, levantar-me-ia a contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do Organon, exagerando as doses, e, sobretudo não trazendo à trituração tão importante dos medicamentos os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem e, frequentemente, duzentos golpes são absolutamente necessários ao desligamento do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que estava chamado a combater. Mas deixo-me arrastar pelo meu assunto, e eis-me no pendor de fazer um curso de homeopatia a um auditório que não pode se interessar por essa questão. No

entanto, não creio inútil iniciar os Espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de premuni-los contra as decepções que sofrem, seja da parte dos homens, seja mesmo da dos Espíritos. SAMUEL HAHNEMANN.

Nota.- Esta dissertação foi motivada pela presença, na sessão, de um médico homeopata estrangeiro, que desejava ter a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. Faremos observar que foi dada por intermédio de uma jovem senhora que jamais fez estudos médicos, e à qual, necessariamente, muitos termos especiais são estranhos³²⁵.

Allan Kardec, na Revista Espírita, no ano de 1860 faz apontamentos sobre a doutrina homeopática, e o porquê de tantos homeopatas serem espíritas. Para Kardec, essa aproximação se dá justamente pela aproximação dos conceitos filosóficos que abordam força vital e perispírito.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais, porque, com efeito, é aquela que, guardadas as proporções, contém em suas fileiras o maior número de adeptos do Espiritismo; sobre cem médicos espíritas, há ao menos oitenta homeopatas. Isto se prende a que o próprio princípio de sua medicação os conduz ao espiritualismo; também os materialistas são raros entre eles, se bem que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor do que estes últimos compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espíritas puderam, melhor do que os outros, se darem conta dos efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivo com relação à homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade, e os sustentaram contra os ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos

³²⁵ **Revista Espírita**, 6º ano, no 8, Agosto 1863, p.20.

espíritas, não tiveram a imperícia de atirar-lhes a pedra³²⁶.

O objetivo em trazer todas estas mensagens ora atribuídas à Hahnemann, ora pontuadas por Kardec, dá-se justamente para demonstrar que no ideário espírita, a relação existente entre homeopatia e espiritismo ia além do campo filosófico, por suas afinidades, pois os espíritas acreditavam que o próprio fundador da homeopatia, em espírito, confirmaria esta relação, ou seja, para os espíritas, as mensagens atribuídas a Hahnemann seriam a prova desta relação.

3.3 Médiuns Receitaistas: A homeopatia aplicada na FEB no Rio de Janeiro do século XIX e início do XX

Como já foi visto no capítulo anterior, no ano de 1884 foi fundada a Federação Espírita Brasileira (FEB), com sede no Rio de Janeiro, que tinha o intuito de estruturar os núcleos espíritas que se espalhavam pelo Brasil, e que vinham até então trabalhando de forma autônoma, sem conhecimento das atividades dos demais. Bezerra de Menezes assumiu a presidência da instituição, ocupando este cargo até 1900, quando ocorreu sua morte.

De acordo com Emerson Giumbelli³²⁷, no ano de 1899, a FEB montou um posto mediúnico receitaista, para atender gratuitamente quem procurasse por este serviço. Neste posto, receitavam-se e doavam-se medicamentos homeopáticos, mas tais receitas eram por via mediúnica, no qual o médium receitaista afirmava receber as instruções de um médico homeopata já desencarnado.

Já foi dito que a partir da presidência de Bezerra de Menezes na FEB, esta instituição passou a adotar uma postura menos voltada para os aspectos científicos da doutrina espírita, e mais religioso inclinado à ação evangelizadora e aos trabalhos assistenciais. Desta forma, a prática receitaista aplicada pelo Serviço de Assistência aos Necessitados vinha

³²⁶ KARDEC, Allan. in: **Revista Espírita**, Jornal de Estudos Psicológicos, Décimo Segundo Ano, Janeiro de 1869, Estatística do Espiritismo, p.9-10.

³²⁷ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.105.

neste enredo, traduzindo um aspecto mais cristão da doutrina, voltado, sobretudo à prática da caridade.

Acredita-se ser importante destacar o significado que a palavra e, sobretudo, a ação caridade representa na meio espírita. No pentateuco kardequiano, ou seja, nas cinco obras básicas que compõem a codificação espírita, inúmeras são as passagens relacionadas a temática da caridade.

Em O Livro dos Espíritos, no capítulo Caridade e amor do próximo, no item 886, Kardec questiona sobre qual seria o verdadeiro sentido da palavra caridade, e basicamente obtém como resposta ser o ato de benevolência e indulgência para com as imperfeições alheias, além do perdão das ofensas.

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhem os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa³²⁸.

³²⁸ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.407.

Em outra obra da codificação, O Evangelho Segundo o Espiritismo, existem inúmeras passagens a respeito da caridade, ilustrando exemplos desta ou mesmo reforçando sua necessidade, tanto que apresenta a máxima: “Fora da caridade não há salvação”.

Artur Cesar Isaia, em artigo intitulado Espiritismo, Conservadorismo e Utopia, faz um estudo bastante interessante a respeito do espiritismo francês, abordando o contexto de sua formação e um pouco de sua filosofia. Neste momento a temática da caridade também é analisada. Para Isaia, a interpretação espírita sobre a caridade é diferente da católica, ou seja, enquanto que para os espíritas a caridade é o caminho para a salvação, para os católicos, a caridade por si só não basta, pois são necessários ainda os sacramentos da Igreja.

(...) Quanto às obras caritativas dessa época, obviamente, as mesmas não eram um monopólio do nascente Espiritismo. O que as peculiariza é a maneira como o Kardecismo passa a ver a caridade, ou seja, como uma razão em si do existir, inserida as ‘leis naturais’ e como condição de evolução. Ao contrário do Catolicismo, em que a caridade, mesmo sendo uma virtude teologal não podia levar, por si própria, o homem à salvação (o homem necessitava dos sacramentos dispensados pela Igreja), o Espiritismo redimensionava, pela prática caritativa, a história da salvação humana. A ideia agostiniana de que fora da Igreja não havia possibilidade salvação, Kardec contrapunha com a frase que estruturava a doutrina espírita: ‘Fora da caridade não há salvação’.(...) ³²⁹.

A passagem ora escolhida a fim de ilustrar de que maneira alguns ensinamentos espíritas sobre a caridade são abordados foi extraída da obra kardequiana O Evangelho Segundo o Espiritismo, e é atribuída a Dufêtre, bispo de Nevers, que indica a caridade como meio para se chegar com êxito ao “fim da jornada”.

³²⁹ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Conservadorismo e Utopia. In: PINTO, Elisabete Aparecida. (org). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade** (exclusão e inclusão, social, étnica e de gênero). São Paulo: Fala Preta, 2004, p.110.

(...) O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas obras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo! doutrina consoladora e bendita! felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez ele uma lei para todas as criaturas. Dufêtre, bispo de Nevers. (Bordéus.)³³⁰

Desta forma, a prática receitista realizada pela FEB através do Serviço de Assistência aos Necessitados, era entendida como a mais pura prática da caridade. Na Revista Espírita datada do ano de outubro de 1867, Kardec fala sobre a mediunidade receitista, em artigo intitulado Médicos Médiuns. Neste artigo Kardec pontua que a mediunidade curadora não tem o intuito de “destronar” a medicina, pelo contrário, o que ela deseja é ser uma auxiliar, devendo as duas técnicas andarem juntas. Outro ponto abordado é a gratuidade com que este serviço deve ser prestado, afinal esta mediunidade de graça também fora recebida. A seguir segue um trecho desta comunicação.

Dissemos, e repetimo-lo, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir uma nova via, mostrar-lhes, na natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a

³³⁰ KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 106ª edição. Rio de Janeiro. FEB. 1992, p.223-224.

ciência e os doentes, numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, desde que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos a menor dúvida de que um dia haja médicos-médiuns, como há médiuns-médicos que, à ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

(...) A faculdade do médium curador nada lhe custou. Não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas. Recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se, por si mesmo, não tem recursos que o tornem independente, deve achar os seus meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade. Não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que lhe pode consagrar materialmente. Se tira esse tempo de seu repouso e se emprega em tornar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, é o verdadeiro devotamento, e nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício desarrazoado.

(...) Há, pois, que considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como meio absoluto de cura. O fluido, como um novo agente terapêutico aplicável em certos casos e vindo juntar um novo recurso à medicina. Por consequência, a mediunidade curadora e a medicina como devendo de agora em diante marchar concurrentemente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementar e a se completar uma a outra. Eis porque se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico³³¹.

Sylvia Damazio³³² faz um paralelo interessante desta prática receitista com a situação da saúde pública no período. A autora afirma

³³¹KARDEC, Allan. **Revista Espírita**, outubro de 1867.

³³²DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.92-93.

que as causas do elevado número de pessoas que utilizavam os serviços da Federação não devem ser relacionadas, apenas, às crenças populares, mas também à ausência do Estado no que se refere ao atendimento à saúde da população carente. Analisa que até meados do século passado inexistia a assistência médico-hospitalar pública no Rio de Janeiro, e que somente após intensas epidemias de varíola, febre amarela e cólera que o Governo Imperial tomou providências, nomeando uma Comissão de Saúde. Ainda segundo Damazio, com exceção do Asilo de São Francisco de Assis, que abrigava os idosos, mendigos e crianças não era oferecido aos menos favorecidos nenhuma assistência à saúde.

As associações beneficentes privadas supriam, em parte, a falta de assistência pública à saúde, sendo a Santa Casa de Misericórdia a principal instituição, em termos de serviços prestados. Mesmo assim, de modo geral, o atendimento ficava muito aquém das necessidades da população, que não tinha como pagar os serviços médicos particulares. Nesse caso, a saída era apelar para os receitistas e curandeiros. Os médiuns receitistas, como vimos, não costumavam cobrar pelos serviços prestados, e aqueles que atendiam aos doentes através do Serviço de Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira recomendavam à instituição os mais necessitados, que recebiam gratuitamente os remédios homeopáticos prescritos. Daí o enorme afluxo de pessoas a procura-los. Em 1905, só através da Federação Espírita Brasileira foram prescritas 146.589 receitas homeopáticas, das quais foram aviadas gratuitamente, na farmácia da própria Federação, que atendia aos Serviços de Assistência aos Necessitados, 101.645 receitas³³³.

Devido à alta procura pelos médiuns receitistas na FEB, tal prática chamou a atenção tanto da classe médica quanto do clero católico, que viam seus pacientes ou fiéis procurarem alívio em outras paragens.

³³³ Idem, p.93.

Os católicos queriam erradicar a ação dos curandeiros e dos receitistas por se constituírem em sintoma da grande popularidade de crenças estranhas à religião católica. Também os positivistas, apesar de defenderem a prática médica livre da obrigatoriedade do diploma, não viam com simpatia as formas populares de medicina por não serem condizentes com o estado positivo da sociedade que almejavam alcançar. Qualquer prática diferente das europeias, ou modificadas – como no caso das receitas homeopáticas prescritas por espíritos – lhes parecia um entrave ao progresso e uma demonstração do atraso do país em relação aos povos do Velho Continente³³⁴.

No jornal O Paiz, são encontrados alguns artigos de cunho espírita a respeito da prática receitista. No artigo datado de 08 de setembro de 1892, atribuído ao Grupo Lealdade, Estudos Práticos de Espiritismo, o teor versa sobre como os médiuns receitistas devem portar-se.

No artigo anterior falei da faculdade vidente, falemos agora da faculdade receitista; uma das mais importantes pelos benefícios e alívios que pode trazer á humanidade soffredora.

(...) Nunca dos nuncas estes médiuns receitistas devem cobrar dinheiro ou exigir pagamento pelos curativos que fizerem; dai de graça o que de graça recebestes, costumam dizer os espíritos! E o médium que abusa neste sentido, exigindo pagamento, ou suspendem-lhe a faculdade ou o sujeitam a outras penalidades, e os bons espíritos o abandonam sempre.

(...) Portanto, que grande gloria não seria para a medicina, se os nossos médicos, em vez de serem infensos ao espiritismo, o estudassem? Porque aquelle que, além de medico formado, tivesse a faculdade receitista, que milagres não faria?!

Seria considerado um semi-deus!...E nem se diga que ha exagero em minhas palavras, quando vemos por ahi fazerem curas espantosas os

³³⁴ Idem, p.95.

médiuns receitistas, completamente ignorantes da sciencia medica e portanto, não achando nelles a metade já feita, como desejam! (...) ³³⁵.

Interessante a colocação do autor sobre o quão positivo seria a interação entre as duas práticas médicas, a oficial e a receitista, colocando que se um leigo receitista promove as mais incríveis curas, um médico formado com a mediunidade receitista faria muito mais, afinal aliaria seus conhecimentos científicos aos religiosos. Mais uma vez pode-se observar a aproximação recorrente no espiritismo entre ciência e religião.

No capítulo anterior foi abordado o fato que Bezerra de Menezes, durante o período de 3 de outubro de 1920 a 1º de maio de 1921, publicou originalmente na revista espírita O Reformador, sob o título de Valioso Autógrafo, posteriormente intitulado A doutrina espírita como filosofia teogônica diversos artigos, que nada mais eram do que cartas dirigidas a seu irmão tecendo considerações de filosofia religiosa. Nesta obra pode ser encontrado um comentário do autor a respeito da mediunidade receitista, e que o mesmo fazia uso desta.

Se alguém, aqui na corte, pedir a um médium que consulte o Espírito, que o assiste, sobre os sofrimentos de uma pessoa residente em Diamantina, em Minas, sem dizer nem palavra a respeito de tais sofrimentos e receber horas depois um relatório de todos os males que afetam o organismo daquela pessoa e reconhecer que tal diagnóstico é a perfeita expressão da verdade, o fato está autenticado e prova que se dão comunicações também relativamente ao estado de saúde dos vivos. Esse caso deu-se aqui com o conselheiro Matta Machado, deputado mineiro e ministro do gabinete de 6 de Junho, em relação ao pai, residente em Diamantina.

Se alguém se achar doente e os médicos o enganarem por tuberculoso e, recorrendo ao Espiritismo, receber comunicação de que não há tuberculose, e, usando dos remédios que, pelo mesmo Espiritismo lhe foram dados, ficar bom, teremos mais uma prova de que a comunicação

³³⁵ Jornal **O Paiz**, 08/09/1892. n° 3782, ano VIII.

dos mortos com os vivos vai além da simples indicação do estado de saúde, vai até a indicação dos meios curativos. Esse caso se deu com minha mulher, desenganada por tísica e curada completamente pelo Espiritismo.

De minha casa e de casas conhecidas, poderia eu dar-lhe uma relação de centenas de casos iguais, começando por mim, a quem toda a mestrança, durante cinco anos, não pôde dar um alívio; no entanto, uma alma do outro mundo me pôs bom em poucos meses³³⁶.

Devido a grande repercussão dos médiuns receiptistas e ainda de outras práticas de cura existentes entre o século XIX e início do XX, houve a elaboração no Código Penal de 1890, de três artigos que visavam inibir as práticas receiptistas ou de cura, que divergissem da medicina oficial. Giumbelli, citando Schritzmeyer, esclarece que este Código foi instituído pelo decreto 847 de 11.10.1890 e foi o primeiro grande conjunto de leis a definir a nova ordem jurídica associada ao nascente regime republicano. Seria, então, anterior à promulgação da Constituição Federal, datada de 24.2.1891. Até então vigorava o Código Criminal do Império, formulado em 1830³³⁷.

Com o intuito de tornar mais clara as proibições referentes à prática receiptista e afins segue descrição dos três principais artigos relacionados, o artigo 156, artigo 157 e artigo 158. No capítulo III do Código, intitulado: Dos crimes contra a saúde pública o Código de 1890 estabelecia penalidades para os seguintes crimes:

Art.156 – Exercer a medicina e qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou o magnetismo animal, sem estar habilitado segundo leis e regulamentos:

³³⁶MENEZES, Bezerra de. **Uma carta de Bezerra de Menezes**, a doutrina espírita como filosofia teogônica. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/uma-carta-de-bezerra-de-menezes-bezerra-de-menezes-pdf-d53540947>, p.71.

³³⁷SCHRITZMEYER, Ana Lúcia, Sortilégio de saberes, p. 84, apud GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.79.

Penas – de prisão celular por um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

Parágrafo único. Pelos abusos cometidos no exercício ilegal da medicina em geral, os seus autores sofrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes que derem causa.

Art.157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:

Penas – de prisão celular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

Parágrafo 1º Se, por influência, ou por consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação ou alteração, temporária ou permanente, das faculdades psíquicas:

Penas – de prisão celular por um a seis anos, e multa de 200\$000 a 500\$000.

Parágrafo 2º Em igual pena, e mais na de privação de exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade deles.

Art.158 – Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício denominado de curandeiro:

Penas – de prisão celular por um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.

Parágrafo único. Se do emprego de qualquer substância resultar à pessoa privação ou alteração, temporária ou permanente, de suas faculdades psíquicas ou funções fisiológicas, deformidade, ou inabilitação de exercício de órgão ou aparelho orgânico, ou, em suma, alguma enfermidade:

Penas – de prisão celular por um a seis anos, e multa de 200\$000 a 500\$000.

Se resultar morte: Pena – de prisão celular por seis a vinte e quatro anos³³⁸.

É interessante perceber que no artigo 156, a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo e o magnetismo animal são colocados como exercício ilegal da medicina caso não houvesse habilitação de seu praticante. O curioso é que há anos a homeopatia vinha buscando sua legalização e abertura de faculdades próprias, tendo sempre seu pedido negado.

Já o artigo 157 coloca a prática do espiritismo com a finalidade de fascinar ou subjugar como crime. Neste artigo, os seguidores do, por vezes denominado “baixo espiritismo”, acabaram por sofrer maiores incursões que os espíritas kardecistas.

Muitas foram as polêmicas provocadas pela publicação destes artigos no Código Penal. Alguns juristas o consideraram inconstitucional, retrógrado, ferindo os direitos assegurados pela Constituição, porém personagens considerados ilustres na área do direito e da medicina o defenderam tais quais Nina Rodrigues, Soriano de Sousa e Duarte de Azevedo³³⁹.

A respeito do artigo 158, em que se proíbe ministrar ou simplesmente prescrever substâncias de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeiro, Machado afirma que a intenção real dos legisladores parece ter sido iniciar uma pequena inquisição doméstica, autorizando a polícia a perseguir as tendas e centros de cultos afro-brasileiros e os de espiritismo popular³⁴⁰.

Esse artigo provocou reações de vários juristas, que nele distinguiam um quisto no corpo das leis.

³³⁸ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.79-80.

³³⁹ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.191-192.

³⁴⁰ Idem, p.193.

A maioria considerou-o dispensável. Bento Faria, alertando para sua ineficácia e imprecisão, observou: O Código pressupõe a existência de um ofício de curandeiro, mas não o define nem o explica. Ora, em matéria penal, o fato, para ser punido, deve se achar expressamente consignado na lei, sem o que ficará impune³⁴¹.

Sylvia Damazio analisando o Código Penal de 1890 pontua que a Federação Espírita Brasileira, sentiu-se, até certo ponto resguardada das implicações dos artigos 156 e 158, em vista do grande número de médicos formados que compunha o grupo de receitistas do Serviço de Assistência aos Necessitados. Para a autora, a escolha do Dr. Bezerra de Menezes para a presidência da Federação, em 1895, além de outros motivos, teve muito a ver com as perseguições desencadeadas a partir da publicação do Código Penal de 1890. Por ser médico formado pela Faculdade do Rio de Janeiro e membro da Academia Imperial de Medicina, além de político, Bezerra imporia certo respeito aos serviços médicos prestados pela instituição³⁴².

Mesmo sob certo resguardo, os espíritas ligados à FEB logo protestaram contra o Código Penal. Houve até mesmo um pedido de revisão dos artigos 157 e 158 sob a alegação de que o autor do código penal legislou sobre um assunto que simplesmente desconhecia. O próprio Bezerra de Menezes publicou alguns artigos sobre a temática, tanto na revista Reformador quanto no Jornal do Commercio, e ainda no Jornal O Paiz, onde escrevia sua coluna sob pseudônimo de Max. A seguir traremos alguns destes artigos escritos por Max que se relacionam a temática do Código Penal.

No artigo do Jornal O Paiz, datado de 02 de novembro de 1890, Bezerra de Menezes critica o elaborador do Código Penal, colocando-o como dotado de espírito atrasado e retrógrado por defender ideias medievais, além de considerar as ideias defendidas por ilustres autores como feitiçarias.

(...) Se é assim, e se, em nosso tempo, vemos os Crookes, os Wallace, os Gibier, os Flammarion,

³⁴¹ Idem.

³⁴² DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.95.

os Víctorien Sardou, os Zollner, os Víctos Hugo, os Lincoln, os Olinda, os Abaetés, os José Bonifácio, e mil outros nomes, tão, tão distintos e tão considerados como estes, procurarem, nas práticas espíritas, a solução dos problemas da nova Ciência, parecerá incrível que, ainda, haja um homem ilustrado ou com pretensões à Cultura que se anime a rebaixar esta nova Ciência, em documento oficial, em nível da magia e da feitiçaria.

(...) Foi o que, sem nenhuma cerimônia, ousou praticar o incumbido de organizar o nosso código penal que o governo provisório, desacertadamente, aceitou, em nome da República dos Estados Unidos do Brasil.

Terá o autor do código procedido tão arrogantemente, pela vaidade de competência, para julgar na matéria, ou foi por ignorância completa do que seja o Espiritismo, e de quais são os sábios de todos os tempos, que têm prestado seu nome a esta filosofia transcendente, a esta Ciência, que, em menos de meio século, já possui elementos de avassalar todas as Razões e todas as Consciências?

(...) Gibier, um dos nomes científicos, que mais fulgura, hoje, na Europa, que escreveu obras sobre o Espiritismo, demonstrando-lhe a Verdade dos princípios, pelas provas experimentais que logrou colher – Gibier rebaixado a praticar feitiçarias!

(...) Estamos, porém, convencidos de que o sábio doutor em leis não se deixou levar por vaidosa jactância, senão porque seu espírito (releve-se falarmos espiriticamente) e, intelectualmente, muito atrasado, e requer, ainda, muitas reencarnações, para chegar à compreensão das grandes leis do progresso.

(...) E a prova, entre inúmeras, está em que o ilustre jurisconsulto manchou o Espiritismo pela pena de prisão celular, ideia medieval, castigo inquisitorial, que já fez seu tempo, e só um espírito acanhado e retrógrado podia lembrar-se de implantar na legislação hodierna.

(...) Se, mesmo em matéria jurídica, o autor do código comprometeu os foros do Brasil, como nação civilizada, que aspira a tomar parte no

convívio dos que se enobrecem com as ideias do século, quanto mais a matéria científica, da Ciência experimental, em que esse autor não é, nem sequer, neófito³⁴³.

Em outro artigo no mesmo jornal, datado de 29 de dezembro de 1890, Bezerra é mais incisivo em suas colocações a respeito de Batista Pereira, o elaborador do Código Penal. Para o médico espírita, Pereira teria sido influenciado por espíritos levianos na elaboração do código, sustentando argumentos de cunho errôneo e pejorativo a respeito do espiritismo. Menezes critica Pereira em ter se deixado levar pelas impressões de seu meio, sem ter se preocupado em estudar a doutrina espírita antes de condená-la. Bezerra de Menezes entende os artigos do Código Penal que condenam o espiritismo como um ato de ódio e de vingança.

Vale ressaltar que o artigo em questão teve sua discussão iniciada com um pronunciamento de Baptista Pereira no *Jornal do Commercio*, e Bezerra, sob seu pseudônimo, respondeu naquele periódico e trouxe a discussão para o jornal em que tinha sua coluna semanal, o *Jornal O Paiz*.

Secção Livre: Spiritismo Estudos Philosophicos
Depois de ter vasado sua bÍlis contra o spiritismo, sendo para isto aproveitado pelos espÍritos que ainda se comprazem com o mal, o Dr. Batista Pereira veiu a imprensa sustentar sua obra.

Veiu pelo *Jornal do Commercio* – e por isto Max teve necessidade de recorrer tambÍm áquelle jornal para combater o novo Deocleciano no terreno por elle escolhido para a exposiçÍo de motivos da sua perseguiçÍo.

Acudindo, porÍm, á luta naquele ponto Max nÍo abandona seu velho posto, donde tem procurado demonstrar com a autoridade dos maiores vultos de todos os tempos a verdade do principio fundamental da cosmogonia spirita: a pluralidade de existÍncia da alma.

Parece que suas vozes nÍo chegaram aos ouvidos do illustre Sr. Baptista Pereira, ou nÍo tiveram a força de abalar as crenças enraizadas de S.S.,

³⁴³Max, *O Paiz*, 02 de Novembro de 1890.

porque, sem fazer o mínimo cabedal das notáveis citações feitas por Max, atirou com o spiritismo das alturas de sciencia ao baixo nível de feitiçarias que condemnou á cellular.

Como não ser assim, se o illustre doutor, apesar de se proclamar bon christão, foi beber instrucções, sobre a nova sciencia, no artigo, que lhe consignam os diccionarios de Liltré e de Larousse!

O espirito humano, ainda mesmo o da tempera moral de homens como o Sr. Dr. Baptista Pereira, é como a cera: recebe as impressões do meio que a envolve.

(...) Não será Max que conteste a qualificação, que muito deve lisonjear aos ilustres literatos principalmente partindo de um doutor brasileiro, que se proclama bom christão.

O caso, porém, de elevar o Sr. Baptista Pereira a Liltré e a Larousse ás grimpas da sciencia, quando rebaixa Crookes – Wallace – Flamarion – e Gibier vultos aureolados pela sciencia, á categoria de mágicos e feiticeiros, não pode deixar de levantar um protesto da parte do velho Max.

(...) Em spiritismo, quem não pensar coherente com as ideias de Liltré – Lafite – e Larousse, como se lê em seus diccionarios, é para o Sr. Baptista Pereira, membro ou partífice da seita, isto é: vai para a classe dos que exploram a bolsa (ilegível) ou dos que estão no caminho que leva a um hospício de alienados!

(...) Para condemnal-o, em vez de procurar estudal-o em si – nas suas doutrinas – nas suas experimentações, vai pedir informações a quem só as póde dar más!

E abraça-se com os fundamentos destas informações, que são os mesmos que destróem suas crenças religiosas, que nem por isto abandona, pois que continua a dizer-se – bom christão.

Dóe-nos ver um espírito assim desvairado pelo ódio!

Porque, já o dissemos, aquelle artigo do código foi meditado como uma arma de vingança pessoal.

Max perdoa e pede a Deus perdão para seu inimigo.

Max. (Da União Spirita)³⁴⁴.

O Centro Espírita do Brasil chegou a remeter um memorial em defesa da doutrina ao Marechal Deodoro da Fonseca, porém não obteve êxito, apenas conseguiu que o autor do Código Penal, o Dr. Batista Pereira, desse sua interpretação dos artigos que elaborara. O criminalista, em folhetim do Jornal do Commercio de janeiro de 1891, rebateu as críticas, afirmando que o que entrara para o Código não fora o Espiritismo filosófico, religioso e moral, mas sim o chamado “Baixo Espiritismo”³⁴⁵.

Após a prisão de um membro do Círculo Espírita Conciliação, foi constituída uma comissão permanente para a defesa dos espíritas ofendidos em seus direitos. A comissão, composta pelo dr. Ramos Nogueira, senador Pinheiro Guedes, dr. Bezerra de Menezes, deputado Aristides Spínola Zama, dr. João Carlos de Oliva Maia, dr. Dias da Cruz, deputado Almeida Nogueira, deputado Alcindo Guanabara, prof. Angeli Torterolli e dr. Valentim Magalhães, apresentou ao Congresso Nacional, em 10 de agosto de 1893, nova representação pedindo a revisão dos artigos que restringiam a liberdade religiosa, por inconstitucionalidade³⁴⁶.

Emerson Giumbelli chama a atenção para os debates e posições estabelecidos em função da necessidade de manter, na aplicação do art.157 do Código Penal, o princípio da liberdade de crenças que foi consagrado pela Constituição de 1891 em seu art.72, parágrafo 3º. O autor destaca que em janeiro de 1890, o Governo Provisório já havia tornado lei a plena liberdade de cultos e a total separação entre o Estado e a Igreja.

No próprio código penal, constam no título dos ‘crimes contra o livre exercício dos direitos individuais’ disposições sobre perseguição religiosa e impedimento da realização de cultos

³⁴⁴ Jornal **O Paiz**, 29/12/1890. n.º. 3170, ano VII.

³⁴⁵ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994,p.121.

³⁴⁶ Idem.

religiosos. Quando, então, o código penal foi redigido, já havia o reconhecimento de uma esfera legítima destinada à opção e ao culto religiosos. A questão que se levantava relacionava-se justamente aos critérios pelos quais se faria a definição de ‘culto religioso’ e com a ajuda dos quais se poderia chegar a fórmulas que conciliasse a condenação a certas práticas com a garantia da liberdade de crenças³⁴⁷.

Ainda segundo Giumbelli, em sua defesa, Baptista Pereira argumenta que o espiritismo não é condenado de modo incondicional, mas somente quando representa um dano para a saúde pública, e que a lei existia justamente para proteger a população de ser lesada³⁴⁸. Pelos artigos trazidos por Max no jornal *O Paiz*, ou a partir dos pedidos de reconsideração, percebe-se que não era esse, porém, o entendimento da Federação Espírita, que se sentia prejudicada e colocada na mesma condição de outras práticas que eram mal vistas, tais qual a feitiçaria.

Apesar de todas essas perseguições e ameaças, a prática homeopática mediúnica, intensificou-se. Para Damazio, o Serviço de Assistência ficou sendo a ponte entre a elite dirigente da FEB e as massas populares, principais assistidos por este serviço. É válido pontuar que não apenas os mais carentes procuravam o receituário mediúnico, como também membros das camadas sociais mais elevadas, neste sentido, pode-se entender tal procura como uma busca por uma medicina mais intensa, mais assertiva.

Vimos que figuras da importância do senador Quintino Bocaiúva e do presidente Prudente Moraes recorreram aos receitistas. No caso de Quintino, segundo seus contemporâneos, com certa regularidade; o caso de Prudente, em decorrência de uma viagem de seu médico. O mesmo médium que receitou para o presidente, Domingos Filgueiras, foi consultado pelo ministro da Rússia em Paris, Sr. Speyer, por sugestão do

³⁴⁷ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.85-86.

³⁴⁸ Idem, p.86.

embaixador brasileiro, que forneceu o endereço do receitista. Curado, o ministro enviou uma cigarreira de ouro com um cartão de agradecimento³⁴⁹.

Em um levantamento interessante a respeito do Serviço de Assistência aos Necessitados, Damazio afirma que eram os populares, no entanto, que lotavam suas dependências. Para a autora, provavelmente, grande parte dos usuários não era espírita, mas sim pobres, os desassistidos, que tradicionalmente apelavam para os curandeiros na falta de assistência pública à saúde e que, agora, se voltavam para a homeopatia, à água fluidificada e os passes magnéticos dos receitistas. A partir dos dados obtidos por Canuto Abreu, Damazio aponta os números relacionados às receitas aviadas pela FEB entre os anos de 1902 e 1908.

Enquanto as reuniões na sede da Federação eram frequentadas por um número reduzido de pessoas – Canuto de Abreu estima em trinta ouvintes, no máximo, às conferências públicas – e as edições quinzenais do Reformador se restringiam a duzentos exemplares, o Serviço de Assistência atendia, diariamente, um grande público. De acordo com a estatística dos atendimentos à saúde do Serviço de Assistência aos Necessitados, que teve início em 1902, e da distribuição de medicamentos homeopáticos, iniciada no ano seguinte, foram esses os totais de serviços:

Ano	Receitas	Prescrições
Aviadas		
1902	20.549	----
1903	48.309	74.569
1904	110.301	101.645
1905	146.589	168.550
1906	145.442	173.974
1907	181.288	212.329
1908	228.005	348.738
1909	201.858	321.095

³⁴⁹DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.128.

Curioso perceber como a prática da medicina mediúnica expandiu-se volumosamente a partir da virada do século, mesmo após o Código Penal. O Serviço de Assistência aos Necessitados passou a ser o carro chefe da FEB que modificou sua estrutura, antes calcada em uma visão mais cientificista e filosófica e agora, principalmente após a presidência do Dr. Bezerra de Menezes, mais voltada para os aspectos religiosos. A caridade era agora lema da instituição.

A estatística de atendimento médico à população carioca pelas instituições espíritas acusa um total de 276.944 atendimentos em 1912, sendo 260.698 pelo Serviço de Assistência aos Necessitados e o restante pelas 18 demais associações espíritas beneficentes que funcionavam na Cidade do Rio de Janeiro – fora as consultas aos receitistas nos centros espíritas não filiados à FEB, que funcionavam nas residências ou em anexo às farmácias homeopáticas³⁵¹.

No ano de 1900, o jornalista João do Rio iniciou a publicação de uma série de artigos no jornal *Gazeta de Notícias* que, em 1906, foram reunidos no livro *As Religiões no Rio de Janeiro*. Nesta obra, o autor possui um artigo intitulado *O espiritismo entre os sinceros*, em que narra sua visão a respeito do espiritismo, a partir de uma visita à Federação Espírita Brasileira. Neste artigo, o jornalista aborda a temática das práticas receitistas, sempre buscando diferenciar o espiritismo de outras práticas religiosas afrodescendentes, ou seja, João do Rio preocupa-se em deixar claro que seu texto tratava do “alto espiritismo”, ou seja, o espiritismo praticado por grupos ligados à Federação Espírita Brasileira (FEB), em oposição ao “baixo espiritismo”, os cultos de origem africana. Diz seu texto:

³⁵⁰ Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, Livr. Da FEB, 1924, p.39, apud DAMAZIO, Sylvia F. ***Da elite ao povo***. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.129.

³⁵¹ DAMAZIO, Sylvia F. ***Da elite ao povo***. Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.142.

A Federação fica na rua do Rosário, 97. É um grande prédio, cheio de luz e de claridade.

Cumprem-se aí os preceitos da ortodoxia espírita; não há remuneração de trabalho e nada se recebe pelas consultas. A diretoria gasta parte do dia a servir os irmãos, tratando da contabilidade, da biblioteca, do jornal, dos doentes. A instalação é magnífica. No primeiro pavimento ficam a biblioteca, a sala de entrega do receituário, a secretaria, o salão de espera dos consultantes e os consultórios. Seis médiuns psicográficos prestam-se duas horas por dia a receitar, e as salas conservam-se sempre cheias de uma multidão de doentes, mulheres, homens, crianças, figuras dolorosas com um laivo de esperança no olhar.

A casa está sonora do rumor contínuo, mas tudo é simples, caridoso e sem espalhafato. Quando entramos não se lhe altera a vida nervosa. A Federação parece um banco de caridade, instalado à beira do outro mundo. Os homens agitam-se, andam, conversam, os doentes esperam que os espíritos venham receitar pelo braço dos médiuns, sob a ação psicográfica, falam e conversam enquanto o braço escreve.

Atravessamos a sala dos clientes, entramos no consultório do Sr. Richard. Há, uma hora que esse honrado cavalheiro, espírita convencido, escreve e já receitou para quarenta e sete pessoas.

- Há curas? - perguntamos nós, olhando as fileiras de doentes.

- Muitas. Nós, porém, não tomamos nota.

- Mas o senhor não se lembra de ter curado ninguém?

- A mim me dizem que pus boa uma pessoa da família do general Argolo. Mas não sei nem devo dizer. É o preceito de Deus.

Deixamo-lo receitando, já perfeitamente normalizados com aquele ambiente estranho, e interrogamos. Há milhares de curas. A Sra. Georgina, esposa do Sr. César Pacheco, depois de louca e cega, ficou boa em dez dias; o Sr. Júlio César Gonçalves, morador à rua de Santana, n. 26, que tinha o corpo num só darto, curou-se em dois meses com passes magnéticos; D. Jesuína de

Andrade, viúva, quase tísica, em trinta dias salva, e outros muitos.

Que valor têm essas declarações? Os doentes enfileirados parece crerem e o Sr. Richard é a fé em pessoa. É quanto basta talvez³⁵².

As considerações de João do Rio trazem interessantes aspectos sobre o funcionamento do Serviço de Assistência aos Necessitados na FEB, desde a quantidade de médiuns que ali atuavam, o tempo que permaneciam na instituição, para quantas pessoas receitavam, entre outros. Muito diferente de seus comentários a respeito de outras religiões de cunho espiritualista, João do Rio assume um tom bastante simpático à prática da FEB no serviço receitista, elogiando tanto a estrutura da federação quanto a prestação de serviço em si.

Artur Cesar Isaia, em artigo intitulado Allan Kardec e João do Rio: Os jogos do discurso analisa, entre outros aspectos, a prática mediúnica no olhar de João do Rio, em que percebe a clara distinção apresentada pelo jornalista entre as práticas mediúnicas apresentadas nos cultos de origem africana e as que aconteciam na Federação Espírita. Diz o autor:

Ao contrário, as impressões de João do Rio sobre o espiritismo kardecista, à francesa, praticado na capital federal pela elite social, contrastavam com seus registros sobre o 'baixo espiritismo'. A começar pelo título da reportagem: 'O espiritismo entre os sinceros'. Os sinceros, no caso, eram os membros da elite carioca que frequentavam as sessões da Federação Espírita. Sua descrição precisa os contornos que opunham esse espiritismo, tido como científico, letrado e acima de qualquer interesse material, do praticado, segundo o autor, pela escória social. Ao contrário dos 'antros' que reuniam o que de pior o autor detectava na sociedade, o edifício da Federação

³⁵² RIO, João do. **As Religiões no Rio** - João do Rio - Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47 -1976 p.73.

aparecia como uma instalação ‘magnífica’, reunindo pessoas oriundas da elite social³⁵³.

Ainda relacionado à Federação Espírita, o jornal O Paiz, datado de 10 de dezembro de 1911 traz um grande artigo retratando a inauguração de um novo edifício da FEB, colocando a instituição como “uma obra de devotamento e de fé”, dando destaque ao Serviço de Assistência aos Necessitados, que mesmo cerca de vinte anos após o código penal de 1890 continuava firme com suas ações receitistas. O artigo, que tem direito a fotografia do novo prédio, faz apontamentos dentre outros aspectos sobre o histórico do edifício; os recursos obtidos para a obra; o andamento das obras; a descrição do edifício; sua fachada e seu interior. Diz o artigo:

O Novo Edifício da Federação Espírita: A inauguração de hoje – Uma obra de devotamento e de fé – A assistência aos necessitados – Uma estatística eloquente – O novo edifício – O seu histórico.

A Federação Espírita Brasileira inaugura hoje o novo edifício da sua sede, á avenida Passos ns. 28 e 30.

Não é uma inauguração vulgar, de um edifício que interessa apenas á associação a que pertence; ella resume, na pedra e na argamassa do amplo edifício erigido naquella avenida, uma obra generosa de fé e de assistência, que se tem estendido beneficemente sobre uma grande parte da população desta terra. A nova sede da Federação Espirita Brasileira tem considerada no seu ponto de vista particular, o valor, já hoje raro, de exprimir uma dedicação extraordinária dos homens agremiados naquelle centro de actividades convencidas, dedicação praticada em uma quase penumbra, sem alarde, sem benemerências conclamadas, sem nomes postos em foco, com a modéstia effectiva dos crentes

³⁵³ISAIA, Artur Cesar. Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso. In: MACHADO, Maria Clara. (org). **Histórias e historiografia**: perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: EDUFU, 2003, p.29.

sinceros e dos generosos por dever; cada pedra, em cada bocado de argamassa da sua construção há um pouco de coração e de consciência dominados por um alto sentimento e um suggestivo dever. Há, porém, outra face pela qual se torna interessante o prédio hoje inaugurado: é pela face social, pelo serviço de assistência a uma somma considerável de necessitados e enfermos que elle encerra dentro daquellas paredes, pelo que ella traduz de caridade cega e prodiga, que não vê a quem socorre e reparte generosamente a sua carinhosa solicitude³⁵⁴.

Da mesma forma que são encontrados artigos elogiando a ação da prática receitista, outros a condenavam, e ou cobravam ação judicial, como é o caso da notícia publicada no jornal *O Paiz* de 27 de maio de 1914, em que alguns médicos são convocados a abrirem sindicância sobre a prática assistencial que ocorria na Federação Espírita.

O Dr. Graça Couto, director geral de Saude Publica, incumbiu os doutores Placido Barbosa, delegado de saúde, e Caetano de Menezes, inspector sanitário, para procederem a rigorosa syndicancia sobre a clinica exercida pela Federação Espirita Brasileira. Aquelles médicos verificaram não só a existência da referida federação, como ainda o facto de serem ali prestados cuidados médicos a centenares de indivíduos, como também o funcionamento de três consultórios homeopathicos e um cirúrgico, a cargo de empregados da federação, que são denominados ‘mediuns’ receitistas e curadores e não médicos, os quaes, segundo informações dos próprios directores da federação, desempenham os seus papeis guiados pelos ‘espiritos’ que se revelam pela escripta automática.

Diante do que apuraram os doutores Placido Barbosa e Caetano de Menezes, o Dr. Graça Couto officiou ao adjunto do 2º promotor publico desta capital, pedindo-lhe que tome as providencias cabíveis no caso, visto tratar-se de

³⁵⁴Jornal *O Paiz*, 10/12/1911. no. 9926. Ano XXVIII.

uma infração do paragrapho único do artigo 296 do regulamento em vigor, que é o seguinte:

‘Os que praticarem o espiritismo, a magia, ou anunciarem a cura de moléstias incuráveis incorrerão nas penas do art. 157 do Código Penal, além da privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, se forem médicos, farmacêuticos, dentistas ou parteiras³⁵⁵’.

No Jornal O Paiz, de 02 de junho de 1914, é publicado um artigo que parece servir como resposta ao impresso no dia 27 de maio do mesmo ano e exposto acima, que condenava as praticas receitistas praticadas pela Federação. No presente artigo, algumas questões são levantadas, versando, por exemplo, sobre a legalidade da doutrina espírita, para tal buscando a legitimação desta afirmação através da declaração de um advogado. A publicação aponta ainda sobre o combate às práticas assistenciais no campo da saúde praticadas pela FEB, por parte principalmente dos médicos. Neste momento, o artigo apresenta uma entrevista realizada com Ignacio Bittencourt, comerciante e membro da Federação Espírita, que defende o receituário mediúnico pautando-se no longo período em que é praticado, e que com o passar do tempo a procura se torna maior. Bittencourt vale-se ainda do fato de pessoas das classes mais abastadas também procurarem a assistência, o que parecia dar maior credibilidade a esta prática.

Outro ponto bastante interessante nesta publicação são os dados que podem ser colhidos quanto ao número de médiuns que costumavam atuar, e o número de receitas expedidas.

Uma questão relevante que se debate: A Federação Espirita Brasileira – Ataques e defesas – Uma entrevista interessante – O que é e o que tem feito a federação.

(...) Hontem, em entrevista concedida á ‘Rua’, o Dr. Mello Tamborim, advogado conhecido, affirmou que os espiritas se acham dentro da Constituição.

Se há excessos, que podem e devem ser punidos, e por que esses se podem verificar em qualquer seita, podem ter logar em toda a parte. Em si, as praticas espiritas, como as de qualquer outra

³⁵⁵Jornal O Paiz, 27/05/1914. no. 10824. Ano: XXIX.

religião, escapam por completo as cogitações da lei.

Por outro lado, vários advogados e médicos, estes principalmente, combatem-na.

(...) O numero dos que procuram a Federação em busca de tratamento, cresce de dia para dia. Tendo dado, ao construir o edifício em que se acha instalada, a maior amplidão possível aos salões de espera, elles se encontram sempre replectos ás horas da consulta, conforme o declara o próprio jornal que agitou a presente questão. Ora, os gabinetes receitistas da Federação não funcionam de hoje ou de hontem, mas de ha muitos annos. Fossem illusórias as curas e já desde longo tempo elles estariam desertos, tanto mais quanto não o frequentam somente pessoas das camadas ditas inferiores da sociedade, e sim de mistura com estas, não poucas das que pertencem ás camadas superiores.

(...) _ Saberá dizer-nos quantos são os médiuns que receitam na Federação e quem são elles?

_ Oito ou dez, negociantes uns, guarda-livros outros, outros militares e ainda representantes das demais profissões liberaes.

_ E quantas receitas dão?

_ De 300 a 400 cada um, pelo menos, diariamente.
(...)³⁵⁶.

Entendemos, a partir de todos esses artigos publicados principalmente nos jornais de livre circulação, que a prática receitista foi algo bastante comum e intensa, mesmo com meios proibitivos ou condenatórios, que tenderiam a minimizar sua atuação, o efeito pareceu ser contrário. A FEB, durante um bom período pautou-se nesta prática mediúnica como meio de praticar um princípio espírita bastante enaltecido que é o da caridade, além, é claro, de ter conseguido uma propaganda de sua doutrina e filosofia. Por mais que a maioria dos assistidos pudesse procurar a Federação em busca de conforto, que por vezes as políticas públicas não ofereciam, outros sentiam maior credibilidade em receber suas receitas homeopáticas através de um médium.

³⁵⁶ Jornal **O Paiz**, 02 de Junho de 1914. Ano XXIX. No. 10830.

Segundo Araujo, posteriormente, mais especificamente na segunda metade do ano de 1942, a FEB decidiu por suspender os serviços de receituário mediúnico, afim de não mais criar problemas com a justiça, além de seguir, segundo a instituição, orientações espirituais³⁵⁷. Atualmente, nos centros espíritas que são filiados à FEB, a orientação é de não mais ser praticado o receituário mediúnico. Podem existir atendimentos médicos, especialmente homeopáticos, devido a maior afinidade filosófica como pudemos perceber, porém sempre na presença de um médico, que esteja realizando um trabalho social, e que seja ele prescrevendo, e não os espíritos. Normalmente os locais que ainda praticam o receituário homeopático por via mediúnica ou aplicam outras formas de cura como, por exemplo, a cromoterapia, não são filiados à Federação.

É importante reiterar ainda, que a relação homeopatia – espiritismo não era algo dado, ou seja, que todo homeopata era espírita, esta foi uma relação construída através dos tempos, muito mais pelos espíritas do que pelos homeopatas. Alguns destes médicos fizeram questão de demonstrar justamente o contrário, que homeopatia e espiritismo eram ciências distintas, e que não deveriam ser confundidas. Tal posicionamento tornou-se mais intenso no início do século XX, ou seja, após as determinações do Código Penal, e com a aproximação da homeopatia e do positivismo. O próprio médico homeopata Galhardo, que em 1928 no Primeiro Congresso de Homeopatia, se calou sobre o assunto, veio a se pronunciar somente em 1933, em uma conferência intitulada Por que o Povo Julga Serem Espíritas os Homeopatas. Nesta conferência o homeopata afirma ser equivocada a associação entre homeopatia e espiritismo, desqualificando aos médiuns e a esta filosofia em si.

O pesquisador Cláudio Bertolli Filho escreveu alguns textos sobre a homeopatia, dentre eles Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social. Neste artigo Bertolli Filho explora a relação de doutrina médica e prática religiosa, analisando ainda os apontamentos de Galhardo na conferência mencionada.

Um momento especial da tão almejada desvinculação ocorreu em 1933, durante uma série de conferências patrocinadas pela Liga

³⁵⁷ ARAUJO, Eveline Stella. **Médicos, médiuns e mediações**: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. p.62.

Homeopática Brasileira, realizada em Niterói. Destinada tanto ao público leigo quanto à comunidade médica, coube ao destacado homeopata José Emygdio Rodrigues Galhardo desqualificar insinuações de que a doutrina de Hahnemann e o espiritismo fossem práticas associadas.

(...) As ideias centrais - repetidas até a exaustão – eram que a força vital constituía-se em um fenômeno físico e futuramente mensurável e a doutrina hahnemanniana configurava-se como ciência positiva, destituída de qualquer princípio místico-religioso.³⁵⁸

Desta forma, o que desejamos apresentar neste capítulo foi o entendimento espírita a respeito da homeopatia e prática mediúnica receitista, visto que alguns trabalhos como os de Emerson Giumbelli, Ubiratan Machado, Madel Luz, Célia Arribas e Sylvia Damazio analisam muito bem a interação entre homeopatia e espiritismo, porém poucos pensaram no entendimento espírita sobre tal questão, sobre a significação que esta relação representa para esta filosofia.

³⁵⁸ BERTOLLI FILHO, C. **Homeopatia e Espiritismo**: em torno do imaginário social. In: Revista de Homeopatia, São Paulo, v.55, n.3, p. 72-8, jul/set.1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a relação existente entre a homeopatia e o espiritismo parece, a um primeiro momento algo repetitivo e usual, visto vários autores já terem anteriormente se debruçado sobre o tema. Porém, foi durante o transcorrer da caminhada dissertativa, que aspectos novos passaram a ser reflexionados, por exemplo, refletir sobre o significado e a significância da prática homeopática para os espíritas, pensar no por que da adoção desta medida pela filosofia e atuação dos seguidores desta doutrina. Tal perspectiva pareceu-nos algo inovador, pois os trabalhos anteriormente realizados, em sua maioria, pensaram nesta relação, homeopatia e espiritismo, refletindo suas consequências, tais quais perseguições religiosas e judiciais, sobretudo a partir do Código Penal de 1890. Muitos destes trabalhos foram felizes em pensar os aspectos mais objetivos, trazendo, inclusive, dados sobre quantos médiuns receitistas foram presos ou perseguidos, como é o caso da análise de Emerson Giumbeli, em *O cuidado com os mortos*.

Em nosso caso, optou-se por pensar nesta relação, porém valendo-se de uma análise a partir das filosofias destas doutrinas, pensando nos aspectos que levaram a esta interação, e pôde-se concluir que a base de tudo encontra-se na questão do fluido vital.

Hahnemann, médico alemão e fundador da homeopatia, em seu *Organon da arte de curar* já anunciava que sem a força vital não há vida, não há ânima.

No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como ‘Dynamis’, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência³⁵⁹.

³⁵⁹ HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6ª ed. Tradução de Edméa Marturano Vilela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995, p.94.

Anos depois, Allan Kardec, codificador da doutrina espírita, “sob instrução espiritual”, através dos médiuns, vai reforçar a ideia de fluido vital, também o relacionando com o fluido que anima o corpo, ou seja, o que mantém a vida.

Princípio vital o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. (...) ³⁶⁰.

Desta forma, esta relação entre força vital proposta por Hahnemann e fluido vital “proposto pelos espíritos” parece ser inevitável, e, por conseguinte, a junção das duas filosofias.

Para os espíritas, Hahnemann teria sido um missionário, que enviado pela espiritualidade fora incumbido de desenvolver uma prática de cura que chegasse ao fluido vital, e não somente aos órgãos lesionados, como faz a alopatia, daí então o porquê da realização de succussões e diluições dos medicamentos homeopáticos, tudo para dinamizar o medicamento, tornando-o apto para agir mais profundamente, porém de forma menos agressiva.

Posteriormente, no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, vão surgir os “médiuns receitistas”, pessoas dotadas de mediunidade, que enquanto mediunizadas receitavam medicamentos homeopáticos para os doentes que procuravam o Serviço de Assistência aos Necessitados, organizado pela Federação Espírita Brasileira (FEB), e que por vezes já doavam tais medicamentos.

É interessante perceber, que não apenas os mais necessitados procuravam o serviço do receituário mediúnico, mas também os dotados de melhores condições financeiras. Sylvia Damazio, em *Da elite ao povo*, faz este paralelo, afirmando que muitos dos carentes que procuram o serviço da FEB o faziam não apenas por crença na doutrina, mas também devido à carência de serviços de saúde mantidos pelo poder público. Outro aspecto interessante é que os mais abastados também frequentavam o serviço de receituário mediúnico, neste caso uma explicação seria a crença de que receberiam um laudo mais seguro,

³⁶⁰KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 68ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p.18-19.

afinal seriam os desencarnados, que com sua observação mais ampla receitavam os medicamentos.

E desta forma, servindo como grande propaganda ao espiritismo, o Serviço de Assistência aos Necessitados perdurou por longo período, perpassando o Código Penal, os médicos alopatas e os religiosos, sobretudo católicos que condenavam tal prática. Apenas a partir de 1942, “sob instrução dos espíritos”, que a prática receitista deixou de ser recomendada pela FEB, tanto que atualmente, os centros espíritas que realizam o receituário mediúnico, em sua maioria, não são filiados a Federação Espírita Brasileira, salvo estes últimos que realizam consultas homeopáticas gratuitas, porém mediante organização de médicos homeopatas encarnados, que realizam este trabalho em nome da caridade.

Por certo que este trabalho não pretende esgotar o assunto homeopatia e espiritismo, muito pelo contrário, espera-se que outros pesquisadores voltem-se para este tema tão interessante e rico, aprofundando-o mais e apresentando novos aspectos por nós não abordados. Enfim, alegra-nos pensar na possibilidade de provocar o desejo ou mesmo a curiosidade seja de leitores ou pesquisadores no tema. Isto certamente justifica todo o empenho e sujeições que um mestrando enfrenta.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1.Periódicos

- Annaes de Medicina Homoeopathica, Rio de Janeiro, 1903-1914.
 Jornal O Paiz, 02/11/1890.
 Jornal O Paiz, 29/12/1890. n°. 3170, ano VII.
 Jornal O Paiz, 08/09/1892. n° 3782, ano VIII.
 Jornal O Paiz, 10/12/1911. no. 9926. Ano XXVIII.
 Jornal O Paiz, 27/05/1914. no. 10824. Ano: XXIX.
 Jornal O Paiz, 02 de Junho de 1914. Ano XXIX. No. 10830.
 Jornal do Commercio, 31/03/1845, n.86.
 Jornal do Commercio, 08/04/1845. n.93.
 Jornal do Commercio, 05/05/1845 n.119.
 Jornal do Commercio, 25-11-1845 n.321.
 Jornal do Commercio, 24/04/1846 n.113.
 Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, FEB. 6º ano, n° 8, Agosto 1863, p.20.
 Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, FEB. Jan./1864, p. 7.
 Revista Espírita, outubro de 1867.
 Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, Décimo Segundo Ano, Janeiro de 1869, Estatística do Espiritismo, p.9-10.
 Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos, FEB, novembro de 1869, p.475.
 Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, FEB. Ano VII n.27. Julho/Setembro 1995. In: Curas Espirituais, p.6.
 Reformador, novembro de 1958, p.248.
 Reformador, Revista de Espiritismo Cristão Deus, Cristo e Caridade. Federação Espírita Brasileira. Ano 108, n°1941, Dezembro de 1990. In: Swedenborg: um patrulheiro do Espiritismo, Isso Jorge Teixeira, p.20
 Reformador, ano 126, no 2153, Agosto 2008, In: Em dia com o Espiritismo: Saúde e Doença, Maria Antunes Moura, p.26. ISSN 1413-1749.
 Revista Cristã de Espiritismo, ano 2 n° 11. Editora Escala. Março/Abril 2001, In: A Medicina no alvorecer da Nova era, Roberto Brólio. p.19. ISSN 1516-8581.
 Seareiro. Publicação Mensal da Doutrinária-espírita. Ano VIII - n° 65 - Março/2007. Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas Amor e Esperança, p.3.

1.2. Obras

ASSIS, Machado. Obra Completa em 4 volumes. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1959.

CHERNOVIZ, Pedro L. Napoleão. Diccionario de Medicina Popular. 6 ed. Pariz: Roger & F. Chernoviz, 1890.

GALHARDO, José Emygdio R. (org). Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de

Homeopathia. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

HAHNEMANN, Samuel. Organon da Arte de Curar. 6ed. (trad. Edméa Marturano Vill la e Izaio Carneiro Soares). Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995.

JORGE, José. Allan Kardec: Esboço Biográfico. Distribuição realizada pela: Juventude Espírita Bezerra de Menezes. Órgão do Centro Espírita Allan Kardec.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 68 edição, 1987. [1857].

Kardec. Allan. O Livro dos Médiuns. Rio de Janeiro: FEB, 80ª edição, 2007. [1861].

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro, 106ª edição, 1992. [1864].

Kardec, Allan. O que é o Espiritismo. SP, 74ª edição, 2009. [1864]

KARDEC. Allan. Obras Póstumas. Rio de Janeiro: FEB, 26ª edição 1944. [1890].

MEIRELLES, Saturnino Soares. Conceitos sobre a Doutrina Homoeopathica ou

Hahnemanniana. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1900.

MORAES, J. de Mello. Materia Medica ou Pathogenesis Homoeopathica. 2 ed. Rio de Janeiro : Eduardo & Henrique Laemmert, 1855. 2 v. 316

MENEZES, Bezerra de. Espiritismo, Estudos Filosóficos, vol.2. São Paulo: Edições FAE, 2001, p.348.

RIO, João do. As Religiões no Rio - João do Rio - Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47 -1976 p.1.

SIGAUD, J.F.X. Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p.130.

XAVIER, Francisco Cândido. Brasil coração do mudo pátria do evangelho. 1ª edição 1938. Rio de Janeiro.FEB, p. 9-10.

2. Referências bibliográficas

ANDRADE, Geziel. **A trajetória do Espiritismo**. Capivari, SP, Editora EME, julho 2000.

ARAUJO, Eveline Stella. **Médicos, médiuns e mediações**: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2008.

BERTOLLI FILHO, C. **Homeopatia e Espiritismo**: em torno do imaginário social. In: Revista de Homeopatia, São Paulo, v.55, n.3, p. 72-8, jul/set.1990.

BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba: Aude Sapere, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **O Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**; cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Claudine. Représentations sociales de la santé et de la maladie et leur dynamique dans le champ social, p.6.. In: DOISE, W.; PALMONARI, A. (org). **L'Étude des Représentations Sociales**. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. Tradução livre da Professora Dr Renata Palandri Sigolo.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo.** Advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: Ciência Médica e Medicina Popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney, et al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil:** capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar:** cirurgias, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. UFF 2002.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A Saúde Pública no Rio de Janeiro Imperial. In: PORTO, Angela (org). **História da saúde no Rio de Janeiro:** instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). / organizado por Ângela Porto, Gisele Sanglard, Maria Rachel Fróes da Fonseca, et al. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **A aurora do socialismo:** Foureismo e Falanstério do Saí. (1839-1850). (Tese de Doutorado). Campinas: Unicamp. 2002.

GARCIA, Gisella Demaria. **A busca da cura através da homeopatia em Florianópolis.** (1968-1980).(Monografia). Florianópolis, UFSC. 1999.

GIL, Marcelo Freitas. **O movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais.** Universidade Federal de Pelotas. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

ISAIA, Artur Cesar. Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso. In: MACHADO, Maria Clara. (org). **Histórias e historiografia:** perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: EDUFU, 2003.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Conservadorismo e Utopia. In: PINTO, Elisabete Aparecida. (org). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade** (exclusão e inclusão, social, étnica e de gênero). São Paulo: Fala Preta, 2004.

JABERT, Alexander. **De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da Primeira Metade do Século XX.** (tese doutorado em História das Ciências e da Saúde).Rio de Janeiro, 2008.

JODELET, Denise. Répresentations Sociales: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, Serge (dir.). **Psychologie Social.** Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

LAPLATINE, François. **Antropologia da Doença.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUZ, Madel T. **Natural, Racional, Social;** razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. **A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças:** história social da homeopatia no Brasil. São Paulo : Dynamis, 1996.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo** – de Castro Alves a Machado de Assis. Uma reportagem sobre meio século (1860-1910) de difusão do espiritismo no Brasil, através das repercussões em nossos meios intelectuais e segundo o depoimento da literatura. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o Espiritismo:** diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp - Universidade Estadual Paulista. 2008.

MELO, Jacob. **O passe,** seu estudo, suas técnicas, sua prática. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1992.

MIRANDA, Hermínio C. **Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual.** Rio de Janeiro: Centro Espírita Léon Denis, 1991.

NOVAES, Ricardo Lafetá. **O Tempo e a Ordem: sobre a homeopatia.** São Paulo: Cortez, 1989.

Pimenta, Tânia Salgado. **Artes de Curar:** um estudo a partir da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX. (Dissertação de Mestrado). UNICAMP, 1997.

PRIVEN, Silvia Irene Waisse. **Hahnemann:** um médico de seu tempo: Articulação da doutrina homeopática como possibilidade da medicina do século XVIII. São Paulo: Educ; Fapesp, 2005.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A Ciência dos Trópicos;** a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura:** As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. (Dissertação Mestrado).Unicamp, 1995.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Tenebrosos Mistérios: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney, et al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil:** capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira.** São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1939.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças;** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1970-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993. 320

SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de Ser em Modos de Ver:** ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus. (Rio de Janeiro, 1808-1850). (Tese Doutorado). Unicamp. 2006.

SIGOLO, Renata Palandri. **Em Busca da “Sciencia Medica:** a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: (Tese Doutorado) – UFPR, 1999.

SOARES, Sylvio Brito. **Vida e Obra de Bezerra de Menezes.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

SOUZA, Lenice Aparecida. **Homeopatia e Espiritismo.** Rio de Janeiro.Ed. INEDE 2008.

THIAGO, Lauro S. **Homeopatia e Espiritismo**. FEB: Rio de Janeiro, 1991.

THIAGO, Raquel S. **Fourier**: Utopia e Esperança na Península do Saí. Blumenau: Ed. Da FURB, 1995.

WANTUIL, Zêus e Francisco Thiesen. **Allan Kardec**: O educador e o codificador. Vol.1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense – 1889/1928. São Paulo: UNICAMP, 1997. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho), UNICAMP, 1997.

2.1 Referências Eletrônicas

ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro : Garnier, 1884, p.2 In: **Histórias sem Data**. Disponível em: <http://www.psbnacional.org.br/bib/b289.pdf> Acesso em: 28/01/2012.

ASSIS, Machado de. **Uma visita de Alcibiades**, p.2 . in: NEAD – Núcleo de Educação à Distância. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/669.pdf>. Acesso em: 16/01/2012.

ASSIS, Machado de. **Uma visita de Alcibiades**. Jornal das Famílias, Rio de Janeiro, 1876, p. 305-308. In: Limas da Pérsia: livros e narrativas. Disponível em: <http://limasdapersia.blogspot.com/2012/01/uma-visita-de-alcibiades-de-machado-de.html> Acesso em: 16/01/2012.

Emanuel Von Swedenborg, o precursor do espiritismo, o grande médium vidente (1688/1772). Disponível em: <http://autoresespiritasclassicos.com/autores%20espiritas%20classicos%20%20diversos/Swedenborg/Swedenborg%20Livros%20Esp%C3%ADritas.htm> Acesso: 10/03/2012).

Franz Anton Mesmer. Disponível em: www.espiritismogi.com.br/biografias/mesmer.htm Acesso em: 02/11/2011.

FUTATA, Marli Delmônico. In: O JORNAL DO COMMERCIO E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo05/Marli%20Delmonico%20de%20Araujo%20Futata%20-%20Texto.pdf>, p.4. Acesso em: 25/05/2011.

GALLO, Ivone. In: **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX** disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ivone%20Gallo.pdf> p.7. Acesso em: 29/06/2011.

GODOY, Paulo Alves. Os grandes vultos do espiritismo. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3920165/Os-Grandes-Vultos-do-Espiritismo>. Acesso em: 15/01/2012.

Jornal do Commercio. Disponível em: <http://www.jcom.com.br/pagina/historia/2>. Acesso em: 16/05/2011.

MENEZES, Bezerra de. Uma carta de Bezerra de Menezes, a doutrina espírita como filosofia teogônica. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/uma-carta-de-bezerra-de-menezes-bezerra-de-menezes-pdf-d53540947>, p.88-89.

MENEZES, Bezerra. Grupo Fraternidade Espírita Irmão Vítor. Belo Horizonte, Dezembro de 2007. In: **Rumo à Medicina do Espírito**. Disponível em: http://www.gilsonfreire.med.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Item. Acesso: 10/03/2012.

PEREIRA, Cilene Margarete. In: **Versões de um conto machadiano: Uma visita de Alcíades e a sátira Menipeia**. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011 Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/669.pdf> Acesso em: 15/01/2012.

RIBEIRO, Mário Antônio Cabral, in: **História da Homeopatia no Brasil**, http://www.medholistica.med.br/historia_da_Homeopatia_no_Brasil_geral.pdf, p.7. Acesso em: 10/04/11.

SALGADO, T. S. Barbeiros – **Sangradores e curandeiros no Brasil** (1808-28). História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol.2:349-72, jul-

out.1998.Disponívelem: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 10/04/2011.

SAMPAIO, Jäder dos Reis. In: **Mesmerismo e Espiritismo**. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/mesmerismo-e-espiritismo.html> Acesso em 05/01/2012.

SOARES, M. de S.: ‘**Médicos e mezinheiros na Corte Imperial**: uma herança colonial’. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(2): 407-38, jul.-ago. 2001. In: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf> Acesso em: 15/11/2010.

WANTUIL, Zeus. **Grandes espíritas do Brasil**. Disponível em: http://onlineshop.com.br/febnet/down/grandes_espíritas_brasil.pdf. Acesso em: 19/08/2011.